

**REVISTA DA  
ACADEMIA  
BRASILEIRA  
DE FILOGIA**



**N.º XII  
NOVA FASE  
2013  
Primeiro Semestre**

REVISTA DA  
**ACADEMIA BRASILEIRA  
DE FILOLOGIA**

Nova Fase  
N.º XII - 2013  
Primeiro Semestre

**EXPEDIENTE**

**Diretor**

Antônio Martins de Araújo

**Coordenador executivo**

Claudio Cezar Henriques

**Redator-chefe**

Manoel Pinto Ribeiro

**Secretário**

Amós Coêlho da Silva

**Divulgação e publicidade**

Antônio Martins de Araújo

**CONSELHO HONORÍFICO**

Constituído por todos os sócios-correspondentes da  
Academia Brasileira de Filologia

**CONSELHO TÉCNICO**

Antônio Martins de Araújo, Carlos Eduardo Falcão Uchôa,  
Castelar de Carvalho, Evanildo Bechara, Marina Machado Rodrigues,  
Maximiano de Carvalho e Silva, Ricardo Stavola Cavaliere  
e Rosalvo do Valle

A Academia Brasileira de Filologia não se responsabiliza  
por conceitos emitidos em artigos assinados.

**Diretoria**  
**Academia Brasileira de Filologia**

Biênio: maio de 2012 a maio de 2014

**Presidente**

Antônio Martins de Araújo

**Vice-Presidente**

Manoel Pinto Ribeiro

**Primeiro Secretário**

Amós Coêlho da Silva

**Segundo Secretário**

Edila Vianna da Silva

**Tesoureiro**

Eduardo Tuffani Monteiro

**Bibliotecário**

Francisco Venceslau dos Santos

**Relações-Públicas**

Claudio Cezar Henriques

**Presidentes de Honra da ABRAFIL**



**Professores Evanildo Bechara e Leodegário A. de Azevedo Filho**



# SUMÁRIO

EDITORIAL ..... 6

HOMENAGENS AO PROF. SÍLVIO ELIA NO CENTENÁRIO DE SEU ANIVERSÁRIO, EM 4.7.2013 ..... 8

Louvor ao Prof. Sílvio Elia – António Gomes da Costa ..... 8

Sílvio Elia em seu centenário de nascimento –Carlos Eduardo Falcão Uchoa ..... 10

Sílvio Elia em família ..... 15

Linguagem-pai, psicanálise-filho – Luciano Elia ..... 23

## ENSAIOS

1. Orientação sobre o ensino de Latim – Amós Coelho da Silva ..... 39

2. Ecos do romance O Cortiço contra o preconceito racial no 1.º centenário de falecimento de Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo - Antônio Martins de Araújo ..... 50

3. Camões e as fórmulas lapidares em Os Lusíadas – Castelar de Carvalho ..... 63

4. Sobre sufixação: releituras – Denise Salim Santos ..... 71

5. O sentido linguístico e social de Camões – Gilberto Mendonça Teles ..... 80

6. Sílvio Elia e a filosofia de Vossler – Hilma Pereira Ranauro ..... 84

7. Orações reduzidas e locuções verbais: um desafio de delimitação - Lúcia Deborah Ramos de Araújo/Claudio Cezar Henriques ..... 87

8. Esboço das cartas léxicas do Atlas Etnolinguístico do Acre - Luísa Galvão Lessa Karlberg ..... 98

9. Estruturalismo e não estruturalismo – Manoel Pinto Ribeiro ..... 113

10. Advérbio – Walmírio Macedo ..... 123

## RESENHAS

Prefácio-resenha – Evanildo Bechara ..... 130

## HOMENAGEM PÓSTUMA

Ata da Academia Brasileira de Filologia em homenagem póstuma a Sílvio Elia, em 20.3.1999 ..... 133

## MEMÓRIA

Sílvio Elia – retrato e bibliografia – Hilma Pereira Ranauro ..... 147

Lembrando Braga Martins – Antônio Nunes Malveira ..... 157

## ENTREVISTA

Entrevista com o Prof. Sílvio Elia - Castelar de Carvalho .....	161
---	-----

## NOTICIÁRIO

A ABRAFIL nas universidades .....	164
Palestra na Estácio de Sá .....	164
Palestras no IBGE e na ABL .....	166
Palestras na Universidade Federal Fluminense .....	168
Estudos de Língua e Literatura II .....	170
Homenagens a Sílvio Elia pelo centenário de seu nascimento, em 4.7.2013 ....	170
Fotos de Sílvio Elia na ABRAFIL .....	170

# EDITORIAL

*Cremos que, sem deformar nenhuma das duas posições, é possível conciliar positivismo e idealismo”.*

**Silvio Elia**

Por uma feliz coincidência, estávamos começando a editar este número da revista da Academia Brasileira de Filologia em homenagem a Sílvio Elia, quando recebemos convite para participar da comemoração pelo centenário de seu nascimento, em 4.7.2013.

O Presidente Antônio Martins de Araújo, Manoel P. Ribeiro, Amós C. da Silva, Hilma P. Ranauro, Walmírio Macedo, José Geraldo Paredes, Castelar de Carvalho, Fernando Ozório, Ricardo Cavaliere e Edila Vianna da Silva compareceram à solenidade realizada na Rua Pereira da Silva, 310, Laranjeiras, no Liceu Literário Português.

O acadêmico Carlos Eduardo Falcão Uchôa fez o discurso de homenagem ao extraordinário Mestre Sílvio Elia. Antes, Antônio Gomes da Costa pronunciou um sucinto depoimento, realçando as qualidades intelectuais e éticas do homenageado.

Também participou da mesa o Presidente do Liceu Literário Português, Francisco Gomes da Costa. Como Mestre de cerimônia, a filha mais nova de Sílvio Elia: Maria Cristina Elia.

Finalizando a cerimônia, a filha mais velha, Maria Sílvia Elia Galvão, pronunciou um discurso emotivo, discorrendo sobre a vida em família e a produção intelectual de Sílvio Elia.

Logo após, os presentes foram convidados a participar de um coquetel.

Este número especial da revista da ABRAFIL traz depoimentos de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Antônio Gomes da Costa, Maria Sílvia Elia Galvão e Luciano Elia.

Alguns ensaios fazem menção à obra de Sílvio Elia. Outros, na linha acadêmica da revista, tratam de assuntos linguísticos e literários, numa homenagem especial ao ilustre Mestre.

Na seção de Memória Póstuma, reproduzimos a ata da ABRAFIL em que se homenageia Sílvio Elia, com depoimentos do Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho e de outros acadêmicos. Na seção de Memória, há um artigo de Hilma Ranauro, reproduzido da Revista Confluência 17/18. A resenha é de autoria do grande Mestre Evanildo Bechara, por uma concessão especial de matéria publicada no livro *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*, de Sílvio Elia.

Há, ainda, uma entrevista de Castelar de Carvalho, ex-assistente de Sílvio, que trata do intenso labor do homenageado. A seção de Notícias reproduz, principalmente, fotos e dados do Prof. Sílvio Elia.

A Academia Brasileira de Filologia reverencia o profissional e pai de família exemplar.

*Manoel P. Ribeiro*  
*Editor-chefe*

# **HOMENAGENS AO PROF. SÍLVIO ELIA NA COMEMORAÇÃO DE SEU CENTENÁRIO, EM 4.7.2013**

## **LOUVOR AO PROF. SÍLVIO ELIA** **ANTÓNIO GOMES DA COSTA (REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA)**

O orador oficial desta sessão solene é o Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchoa que com a competência e a sabedoria que todos lhe reconhecemos dirá das qualidades e dos méritos da obra admirável de Sílvio Elia.

A nós, cabe-nos tão somente, na abertura desta sessão, dizer duas palavras de reconhecimento e de saudade por um Amigo e Mestre, em nome do Liceu Literário Português e da própria comunidade portuguesa, pelo carinho com que sempre nos tratou e pelos ensinamentos que nos transmitiu e com que nos enriqueceu ao longo de muitos anos de amizade e de convívio.

Presidíamos o Liceu, quando, após o desaparecimento do Prof. Pedro Calmon, que dirigia o Instituto de Cultura Portuguesa Afrânio Peixoto, e a extinção dos cursos do 2º. grau e dos cursos profissionais que eram ministrados pela instituição, resolvemos criar o Instituto de Língua Portuguesa – e, para isso pedimos o apoio e a sábia orientação de Sílvio Elia, de Evanildo Bechara, de Gladstone Chaves de Melo, de Maximiano de Carvalho e de Antonio Basílio Rodrigues.

O registro oficial da fundação do Instituto é de 28 de março de 1990. E foi surpreendente e rápido o seu desenvolvimento, graças, sobretudo, ao trabalho, à entrega e ao espírito de missão desses Mestres e de outros que convocaram para integrar a equipe. Planejaram e executaram cursos, simpósios e conferências, com amplo espectro linguístico; mobilizaram recursos técnicos; escreveram dezenas de artigos sobre a Língua, e os seus mistérios e encantos, a sua História e a sua evolução, as suas raízes e os seus desdobramentos, que eram semanalmente publicados no Jornal “O Mundo Português” e que foram, posteriormente, editados pelo Liceu em 7 volumes sob o título “Na ponta da língua”; em 1992 e em 1993 organizaram dois congressos internacionais, com especialistas e participantes vindos de diversos países da Europa, da Ásia, da África e da América; criou-se a revista “Confluência”, que vai, a esta altura, no número 37-38 e que é um repositório de magníficos estudos sobre

a Língua e a cultura portuguesa. Enfim, tudo isso culminou na estruturação e no reconhecimento oficial do Curso de Especialização em Língua Portuguesa, que, com a colaboração de outros professores e mestres, vem sendo ministrado, já há vários anos, sob a direção do Prof. Evanildo Bechara, e que precisamente agora, por força de novos ditames e regulamentos do Ministério da Educação, passa por uma reformulação e será ministrado sob a égide do convênio celebrado entre o Liceu e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 17 de junho último.

Enquanto tivemos entre nós o Prof. Sílvio Elia, todos os dias, ele nos surpreendia com o seu poder de doação e o seu incansável trabalho, simetria de caráter e paixão pela lusitanidade.

Ao rastro luminoso que deixara em Portugal – na Universidade de Coimbra e em Lisboa, nos meios acadêmicos e nos foros intelectuais – acrescentou ainda uma “mais-valia” no Liceu Literário Português e na nossa comunidade - que muito o respeitava e admirava.

A Sílvio Elia – o Amigo e o Mestre - e a D. Maria José, seu anjo da guarda e que está também no céu, repetiríamos, neste momento de saudade a dedicatória que ele colocou na abertura do seu livro “Orientações da Linguística moderna”, como preito da fidelidade e afeto de sua esposa e de seus filhos DIMIDUM ANIMAE MEAE.

# SÍLVIO ELIA EM SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

CARLOS EDUARDO FALCÃO UCHÔA (UFF E ABRAFIL)

Não posso iniciar a leitura do meu texto, sem antes me referir à homenagem, envolta de amor, de carinho, de devoção mesmo, que a família do Professor Silvio Elia tão bem organizou para este 4 de julho, quando ele completaria cem anos do seu nascimento. Homenagem que só poderia partir de uma família unida por um juízo de valor comum e por fortes laços afetivos, no reconhecimento do valor humano e profissional daquele que lhe foi um guia seguro a conduzi-la pelos caminhos tantas vezes procelosos de uma trajetória chamada Vida, que toda humana gente percorre. Ei-los aqui, seus oito filhos, no porto seguro onde cada um quis ancorar, para a felicidade, a mais importante certamente, de um pai atento, dedicado e carinhoso, como ele foi. Ademais, não posso silenciar-me ante o convite, tão inesperado e tão valoroso para mim, que recebi, num gesto de extrema generosidade de seus filhos, para falar hoje aqui da obra do professor e mestre Sílvio Elia. Foi convite para constar do currículo da minha vida, não do das realizações e honrarias acadêmicas.

Sílvio Elia é nome, e nome muito expressivo, de um grupo de filólogos e linguistas brasileiros, não da mesma geração, Said Ali o primeiro deles, que iria fixar definitivamente entre nós o estudo científico, de nível universitário, da linguagem, com centros de interesse diversificados, como, além do da fixação da língua-padrão, o do aprofundamento dos estudos históricos do Português – passou-se a contar até com um Dicionário Etimológico –, o do acolhimento crescente das teorias linguísticas que chegavam do exterior, o da preocupação com as pesquisas dialetológicas e, por fim, o da edição crítica sobretudo de textos medievais.

Mas, qual o posicionamento teórico-ideológico do nosso Sílvio Elia no tocante à atividade linguística, que o fascinou durante toda a sua vida? Quais os principais interesses manifestados em sua profícua e importante obra, no cenário dos estudos sobre a linguagem no Brasil, a partir dos anos de 1940 até o seu falecimento, a coincidir com o apagar das luzes também do século passado, pois ele nos deixou, trabalhando, escrevendo, até o fim de seus dias? A registrar, de início, o seu admirável lastro cultural (ah! o lastro cultural dos meus grandes mestres!): navegou não só pelas rotas da Filologia e da Linguística, mas por toda uma variada gama de conhecimentos, revelando-se seguro no seu saber, construído de leituras feitas sempre com o seu olhar crítico agudo e muito pessoal. Assim, para melhor penetrar e compreender a

complexidade do fenômeno linguístico e, em particular, a da nossa língua, em sua variedade, fizeram-lhe companhia a Literatura, a Filosofia, a Sociologia, a Etnografia, a História, o Brasil, enfim, em que ele nunca deixou de pensar, em sua história e em sua atualidade, o que não o impediu de ser um intransigente defensor da unidade linguística luso-brasileira. Silvio Elia sobressai-se, seguramente, em tudo o que produziu, como um atilado crítico de ideias (haja vista, por exemplo, as inúmeras resenhas críticas que escreveu), o estudioso que está sempre interpretando, situando, retificando, confrontando, relativizando, sugerindo, levantando dúvidas... Eis um traço fundamental do seu labor intelectual.

Foi o nosso justamente homenageado um humanista coerente, na sua preocupação permanente de “religar o fenômeno linguístico à sua causa primária e eficiente, o espírito humano”, para me valer de palavras suas. Por isso, muito cedo, nutriu forte simpatia pelas ideias do alemão Karl Vossler, que se filiava à corrente filosófica do idealismo, o que lhe iria singularizar no Brasil. A respeito desta influência ele próprio explica, em texto de 1972: “Aproveito para esclarecer que a apontada influência de Vossler em minha obra é notória e real. Mas valeu, antes de mais nada, como uma atitude de oposição à mentalidade positivista que via na linguística uma ciência natural, estudável pelos mesmos métodos praticados nas ciências físicas de modo geral. Vossler acentuou o aspecto criativo do fato linguístico, e isso pareceu-me (e parece-me) altamente saudável”. Daí a tantas vezes lembrada observação de Vossler: “na linguagem de um vagabundo mendicante há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mar expressional de um Shakespeare.” Deste modo, para a corrente idealista, as forças criadoras que trabalham uma língua se manifestam nas inúmeras situações vivenciais, embora haja o nítido reconhecimento de ser a expressão literária aquela em que a força criadora se encontra em estado mais puro. Por isso mesmo, tal corrente idealista se direcionou para a investigação do que chamaria o estilo literário, lançando uma ponte entre a linguística e a literatura. Em suma, o que importava não eram apenas os fatos da língua ocorrentes num texto, mas a captação e a explicação do impulso criador por eles responsável.

Mesmo vindo a conhecer a obra de Saussure, a quem não nega o extraordinário valor que teve para a história da Linguística, Sílvio Elia se manteve fiel às diretrizes centrais do pensamento vossleriano. Assim, em relação à famosa dicotomia saussuriana entre língua e discurso, reconhece, como Vossler, que a parte essencial do estudo da linguagem não é a língua, como queria Saussure, mas o discurso, entendido como estilo, objeto, então, de estudo da disciplina Estilística, denominada adequadamente esta Estilística

de genética ou individual. “Se a opção se impusesse (entre Vossler e Saussure) – diz Silvio Elia – ficaríamos com Vossler, sem hesitar. Mas cremos que, sem deformar nenhuma das duas posições, é possível conciliar positivismo e idealismo. Em verdade, a ciência da linguagem admite os dois enfoques, o estilístico e o linguístico, fato que ambos aqueles mestres reconheceram. O que se faz necessário é não suprimir nenhum desses termos.” Fica claro, então, que, para Silvio Elia, diferentemente de Saussure, é a Estilística, e não a Linguística, que constitui a ciência da linguagem, em essência. Pode-se compreender, pois, por que Sílvio Elia nunca adotou as bases teóricas, predominantemente formalistas e mecanicistas, de certas orientações estruturalistas. Humanista consciente, não poderia ele aceitar uma linguística “imanente”, isto é, que se oriente a partir de dados ou fatos exclusivamente linguísticos, como propunha o positivismo linguístico. Ele não chegou a apresentar análises estilísticas, mas nos deixou um importante suporte teórico, histórico e crítico, sobre a Estilística.

Como consequência coerente desta ideologia linguística de Sílvio Elia, está a sua preocupação especial com a Semântica, disciplina voltada para o estudo da significação. Posicionando-se sempre contra a orientação positivista, mecanicista, da pesquisa linguística, ele enfatiza, insistentemente, que a linguagem é conteúdo, é significação, é pensamento verbalizado. Daí suas inclinações idealistas, vosslerianas, semanticistas. Para ele, não poderia faltar o aspecto explicativo, interpretativo das ocorrências linguísticas. Chega a dizer-nos: “como admitir, portanto, uma Morfologia ou Sintaxe assemânticas, exatamente num nível linguístico onde a unidade mínima é significativa?” Diríamos que a criatividade e a semanticidade foram, das cinco características universais da linguagem, as que mais permeiam o pensamento e a produção intelectual de Sílvio Elia.

A obra que ele nos deixou, já o dissemos, constitui um elenco apreciável de livros, artigos, resenhas críticas, verbetes para enciclopédia, manuais didáticos, além de suas sempre lembradas cartas para os jornais sobre assuntos diversos, entre os quais se destacam algumas em que mostra a sua indignação contra a situação aviltante de trabalho dos professores em nosso país.

Podemos afirmar com segurança que, entre os nossos mais destacados estudiosos do campo da linguagem, foi Sílvio Elia quem nos deixou obra das mais extensas, sobre uma diversificadíssima gama de assuntos, reflexo, sem dúvida, de seu invejável lastro cultural. A impressão que se tem é que nada que dissesse respeito à Filologia e à Linguística lhe era estranho. De fato, ele se dedicou a importantes e variadas investigações sobre o português, especialmente do Brasil, aos estudos latinos e românicos, à história das

correntes linguísticas que se foram sucedendo no mundo metalinguístico e até mesmo a um exame crítico dos mais expressivos nomes que fizeram a história dos estudos filológicos e linguísticos entre nós. A literatura didática sobre o ensino do Português e do Latim, de que foi Professor Catedrático do histórico Colégio Pedro II, se faz presente em sua profícua obra, como ainda uma ou outra incursão no terreno da crítica literária. Em tudo o que escreveu não lhe faltou o crítico sério, equilibrado, lúcido, característica bem sua, característica de um intelectual que dedicou todo o seu tempo à busca incansável da verdade, com a coragem, quando necessária, de criticá-la, com o compromisso primeiro com a sua consciência. Este crítico das ideias é o mesmo estudando os primeiros gramáticos portugueses ou os textos de Chomsky.

Creemos que os dois maiores centros de interesse da produção acadêmica de Sílvio Elia foram a língua portuguesa e a história das linguísticas. Quanto ao primeiro, encontramos suas pesquisas voltadas, sobretudo, para o português do Brasil, desde sua obra inicial, de 1940, “O problema da língua brasileira”, quanto tinha, apenas 27 anos, merecedor do prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, até sua investigação última, de 2003, em publicação póstuma, “Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil”, cujos originais datilografados foram encontrados por D. Maria José, após o falecimento do seu inseparável companheiro de toda uma vida. Desde sua obra primeira, reeditada em 1961, com uma mudança conceitual muito importante, de estilo para norma, graças às suas leituras nestes vinte anos de uma edição para outra, Sílvio Elia se insurge contra a linguística de uma língua brasileira, preconizada na época por vários estudiosos, adeptos do determinismo linguístico, procurando, ao contrário, interpretar o fato linguístico dentro das forças histórico-culturais em que está imerso. No que concerne ao segundo centro maior de interesse de sua produção acadêmica, destacam-se os seus inúmeros textos sobre as linguísticas de muitos dos grandes linguistas do século passado e de vários estudiosos brasileiros, com o que assegura, entre nós, lugar de relevo no painel crítico sobre a avaliação de obras filológicas e linguísticas. Na verdade, é possível afirmar que quase tudo que se ia passando a estudar no campo multifacetado e complexo da linguagem não deixou de despertar a curiosidade de Sílvio Elia, sempre estimulado a se atualizar, até o fim da laboriosa e produtiva vida, em que se considerava, fundamentalmente, um professor.

Por tudo o que, neste acanhado tempo, consegui, com a emoção me envolvendo, dizer deste grande intelectual e mestre de gerações que foi Sílvio Elia, e por tudo o que, muito mais, teria para dizer sobre ele, chega-se à

transparente conclusão de que hoje estamos aqui comemorando o centenário de nascimento de um estudioso, de um pesquisador, que deixará seu nome marcado na história das investigações sobre a linguagem, por que nutria verdadeira devoção, aqui e em Portugal. Sua presença entre nós estará sempre marcada também pela figura, padrão de dignidade e de ternura, que foi a sua companheira de todas as horas, D. Maria José. Sobre ele e sobre ela, diria que não importa que a presença física nos vá distanciando. É como diz Bandeira: “Se nos apartar o espaço, o tempo-esse nos liga. / A lembrança é no amor a cadeia mais pura”.

# SÍLVIO ELIA EM FAMÍLIA<sup>1</sup>

MARIA SILVA ELIA GALVÃO

Fui convocada por meus irmãos, talvez por ser a filha mais velha, a falar de Sílvio Elia, nosso pai, no dia do Centenário de seu nascimento!

Em primeiro lugar, desejo expressar à Direção do Liceu Literário Português e a todos os seus membros, em meu nome e no de meus irmãos, o nosso agradecimento emocionado por esta bela homenagem a nosso pai, hoje, data de seu centenário.

Os que conviveram com ele sabem o grande apreço que Sílvio Elia tinha por esta Casa! Aqui ele se sentia em casa! Aqui tinha muito amigos. Aqui quis ficar, de certo modo, mesmo depois de partir para sempre! Assim eu entendo o seu desejo de que sua Biblioteca viesse para o Liceu!

Alguns de nós, seus filhos, certamente ouviram dele esse desejo, que um dia ele me transmitiu: *“Minha filha, quando eu morrer, vocês, meus filhos, fiquem com os livros que desejarem ter. Depois, minha Biblioteca deve ser doada ao Liceu!”*

Essa Biblioteca sempre foi para todos nós uma fonte fértil de informações diversificadas, uma riquíssima base de pesquisa. Ela reflete muito bem a sólida cultura de meu pai, construída ao longo dos anos e que ele partilhava em suas conversas conosco. Hoje em dia – e acredito que isso aconteça com cada um de nós, seus filhos – eu me vejo em certos momentos com alguma questão teórica a resolver e a primeira ideia que me vem é “vou ligar para o Papai”, o que de imediato é corrigido por outra ideia: “não dá mais, ele não pode mais resolver isso comigo...”

Nosso pai sempre foi para nós um exemplo de honradez, trabalho, amor aos livros, ao estudo, à pesquisa acadêmica. Deixou-nos como herança o gosto pela leitura e pelo estudo que a todos nós marcou!

Amava o Brasil e se preocupava com a sua realidade. Fazia questão, e afirmou isso, de incluir em suas aulas o que ele considerava a *“humanística”*, que ele definia assim *“nunca separar a ciência da linguagem da realidade humana”*. Mas ia além, pois também afirmou

---

1- Maria Sílvia Elia Galvão - primeira dos oito filhos de Sílvio e Maria José Elia. Texto pronunciado na Sessão Solene em comemoração ao centenário de Sílvio Elia, no dia 04 de julho de 2013, no Liceu Literário-Português, na rua Pereira da Silva, 310, Laranjeiras, Rio de Janeiro.

que outra meta de sua atividade de mestre seria “*a de incluir sempre dentro da realidade humana a realidade brasileira. Principalmente a linguagem do Brasil, fato irremovível de nossa evolução histórico-cultural em suas diferentes fases e variantes*”<sup>2</sup>.

Ensinou-nos a amar nossa pátria! Tinha uma admiração profunda por Portugal e pela Língua Portuguesa! Pensava e defendia a ideia de que uma aproximação cada vez maior entre brasileiros e portugueses seria de grande valia para nós brasileiros.

Assim ele um dia escreveu, e a professora Hilma Ranauro registrou em seu livro dedicado a ele:

Uma viagem a Portugal se impõe a todos os brasileiros cultos, para que se aprofundem na sua brasilidade. Se somos politicamente duas pátrias, creio que temos a cumprir uma altíssima missão no mundo moderno, a qual só os povos de cultura lusíada poderão realizar: a de servir, pela fraternidade, de traço de união entre os mundos da liberdade e da igualdade que hoje se defrontam e se desafiam. Essa a lição de Portugal no mundo. Esse o exemplo que o Brasil oferece a todos os povos que aspiram por um mundo *sem fronteiras especiais, sem discriminações de raça, sem opressão plutocrática dos bem-nascidos*<sup>3</sup>

Tinha com seus colegas e parceiros de estudo e trabalho um grande companheirismo. Lembro-me dos almoços periódicos “com o Saraiva”, assim Papai se referia a esse amigo, da casa de quem ele vinha com mais alguns livros comprados do amigo livreiro. E lembro-me também dos encontros e bate-papos nas livrarias com os colegas e parceiros de estudo e pesquisa, de que a Livraria Acadêmica era uma das que nós ouvíamos falar.

Mostrou-se sempre fiel à sua função de professor, que ele um dia chamou de “*missão elegida*”<sup>4</sup>.

E Sílvio Elia foi também um excelente chefe de família! Sua Casa era para nós um Lar seguro. Houve ventos e tempestades, mas mesmo assim, este Lar se manteve de pé, firme em bases sólidas, construído com muitas raízes! Mamãe a seu lado, tínhamos neles a nossa bússola.

Era notória a alegria que sentia ao reunir a família toda para a macarronada de domingo. Ele mesmo acompanhava a feitura do molho,

2- Elia, Sílvio, in Ranauro Hilma – *Contribuições à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil: Sílvio Elia e João Ribeiro – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: FEUC, 1997, P.75*

3- Ídem, p.75/76

4- Ibidem, p.78

quando não se aventurava a prepará-lo. Pois bem, ao saber que deveria falar sobre ele, muitas lembranças de nossa convivência me atropelaram, fizeram-me voltar à infância, ao cotidiano familiar, àquela família que crescia, novos irmãos que chegavam, vida que seguia... Não foi fácil eleger algumas delas para lembrá-lo aqui hoje... Sei também que falo dele do lugar que ele teve na minha vida, e, por isso, as recordações que trago aqui, de grande importância para mim, não conseguem representar o muito que ele foi para cada um de nós, seus filhos. Minhas lembranças foram muito longe! A mais antiga me levou à casa da Tijuca, na Rua Visconde de Figueiredo. Casa grande, com um bom quintal, onde brincávamos. Lá morávamos com nossos avós maternos e alguns tios e primos. Época da segunda grande guerra. Lembro-me de Papai com o tio Hamilton a taparem os vidros da janela com panos pretos à noite, para o exercício do “Black out”. E Papai explicava a nós crianças o que aquilo significava...

Cabe aqui um registro: Papai e tio Hamilton eram dois irmãos unidos por uma sólida amizade. E conseguiram a proeza de encontrarem duas irmãs também muito amigas e unidas e se casaram com elas! De modo que, no início de suas vidas de casados, na minha infância, portanto, morávamos todos na mesma casa e as crianças brincavam todas juntas, o que nos fez filhos deles – também bastante unidos.

E é com emocionada alegria que vejo aqui a presença de Tia Zilda, esposa de tio Hamilton, também chegando ao centenário, comemorando conosco essa data, ela que é testemunha viva de nossa vida com nossos pais, de que participou intensamente!

Papai sempre foi muito amigo de seus pais. E fazia questão de nos levar a visitá-los. Na visita domingueira aos nossos avós paternos, passeando, da rua Visconde de Figueiredo à Professor Gabizo, ele levava a mim e ao Rui. Ia cada um com seu velocípede. Nesse momento, éramos três filhos. João Pedro, recém-nascido, ainda não nos acompanhava de velocípede! Mas ganhou o mais bonito e majestoso carrinho de bebê, que eu jamais vira até então! Papai foi buscar esse carrinho, que chegou pelo bonde Taioba, na esquina da Rua Conde de Bonfim com a nossa rua... Poucos aqui conheceram o bonde Taioba, marca de um Rio de Janeiro que já se foi... Para mim, pequenina, a chegada desse carrinho de bebê, trazido pelo Taioba, foi uma festa inesquecível!

Depois nos mudamos para a Praia Vermelha. Quando íamos tomar banho de mar, como se dizia na época, um jovem Sílvio Elia se encarregava de nos ensinar a entrar no mar, nos deitava sobre seus braços, fazendo-nos aprender a nadar ou a boiar. Às vezes, lançava mão de uma boia, deixava-nos com outros familiares na areia e nadava para longe da praia... Lá ficava

eu um tanto aflita: Por que Papai não volta logo? Está tão longe... Só me tranquilizava quando o via de volta, perto de nós!

Saímos da Praia Vermelha e voltamos à Tijuca, à Praça Sãos Pena. Aí, a família começou a aumentar: Cecília, Marcos, Cristina, Margarida. Dessa fase, ficaram as lembranças das sessões de cinema aos domingos pela manhã, a que íamos, levados por ele para vermos o Festival Tom & Jerry, ou aos filmes de cinema preto-branco, antes do advento da TV: Gordo e Magro, Carlitos, a série Papai sabe tudo. Voltam à memória as tardes no autopista e no trem-fantasma da Quinta da Boa Vista, ou nos circos eventuais da Av. Presidente Vargas.

Domingos à tarde, visita aos avós, que em geral terminavam com músicas do cancionero italiano, cantadas ao violão pelo Vovô e acompanhadas por nós, do jeito que conseguíamos!

Outra lembrança viva dessa época eram as intermináveis conversas telefônicas, todas as noites, após o jantar, provavelmente sobre a Língua Portuguesa e a Filologia Românica, temas tão presentes em nossas vidas, com o grande amigo, o Professor Serafim da Silva Neto.

A família cresceu e nós todos também crescíamos, tínhamos muitos amigos, os primos moravam pertinho. E a brincadeira era lá em casa. Imaginem a algazarra que fazíamos!

Papai, quando estava estudando, lendo ou escrevendo, conseguia se concentrar no que fazia, mesmo com um bando de meninos barulhentos, que discutiam, brigavam, vibravam com os pontos ganhos, no jogo de “ping-pong”, rede armada na mesa da sala de jantar, ao lado de seu escritório, separado da brincadeira por um simples arco entre as duas salas...

Havia um vizinho, que, da casa dele em frente à nossa, observava aquela cena: um jovem professor a ler, a trabalhar, enquanto seus filhos com os amigos faziam aquela algazarra toda... Esse vizinho, muito agradável, por sinal, não entendia como era possível! E comentava isso com Papai! Ele simplesmente sorria...

Eu observava também sua luta para garantir o pão de cada dia de todos nós. Após correr de uma Escola para outra, dando aulas, Sílvio Elia se dirigia à redação dos jornais matutinos da época, *A Manhã*, *o Correio da Manhã* ou o *Diário de Notícias*, ou também do vespertino *A Tribuna* para redigir a Crônica a ser publicada no dia seguinte! Com isso, acrescentava um pouco mais ao salário sempre indigno reservado ao professor. Nós, seus filhos, dormíamos antes de ele voltar para casa.

Quando eu estava na idade de fazer o concurso de admissão para o Instituto de Educação, sonho das meninas da época, ele criou, com os

Professores João Pedro e Walter, o Curso Vitória, cuja primeira sede era na sala da frente da casa dos nossos avós, na Professor Gabizo. Fui a primeira aluna a se matricular no Curso Vitória! Ele mesmo queria se encarregar da minha preparação para aquele concurso...

Mais tarde, já aluna do Instituto de Educação, eu observava o respeito que todos tinham pelo professor Sílvio, assim ele gostava de ser chamado, o carinho que lhe dedicavam. O nosso livro base das aulas de Latim era o *“Método de Latim”*, de sua autoria, com o Professor João Pedro.

Algumas vezes, acontecia de eu ser aluna da mesma série em que ele também lecionava. Não na minha turma, pois havia muitas turmas na mesma série. As provas parciais eram únicas para todas as alunas daquela série e realizadas ao mesmo tempo para todas, no Ginásio do Instituto de Educação. As questões eram redigidas no dia da prova, duas horas antes, por todos os professores da disciplina. Nessa ocasião, ai de mim se tivesse alguma dúvida em Português ou Latim! Ele nem me deixava falar disso com ele, pois nas vésperas da prova se sentia impedido de estudar comigo ou mesmo tirar alguma dúvida! Não seria decente!

A certa altura, mudamo-nos para a rua Santa Luísa, no Maracanã, primeira casa comprada por ele, suíte construída no segundo andar para “as meninas”. Assim que nos mudamos, nasceu Luciano, contemplado com o nome do nosso avô paterno. Família completa, e Papai muito feliz com ela!

Ao longo das minhas lembranças, sempre havia um irmãozinho a ser embalado por ele, na cadeira de balanço à noite para adormecer. Esse embalo era acompanhado de cantigas cuja lembrança me faz arrepiar de emoção!

Nessa casa, eu me casei. Fui morar em Volta Redonda. As lembranças então se modificaram, pois eu já não acompanhava de perto o cotidiano da vida de meus pais com meus irmãos. Papai, que sempre gostou muito de passear com Mamãe e os filhos, de vez em quando escalava um filho já com habilitação para dirigir para ir com a família nos visitar em Volta Redonda. Ficou famosa a aventura que ele proporcionou a todos, quando decidiu ir a uma formatura no Hotel Quitandinha ... via Volta Redonda! E o espantoso é que conseguiu!

Houve o tempo de algumas viagens a Lisboa e Coimbra, para lecionar por lá, em que levava a Mamãe, companheira inseparável, e seus filhos menores. Eu, já casada, estive certa vez com ele em Lisboa com três filhos por quase três meses, antes de ir para a Inglaterra, onde meu marido já estava a trabalho. Foi um anfitrião atencioso, um avô pra lá de carinhoso, ajudou-me muito naquele momento!

Mudaram-se para a Tijuca de novo, para a rua Guaxupé, casa que eu

invadia com a minha prole nos fins de semana em que vinha ao Rio e onde era recebida com festa, pois lhes trazia seus primeiros netos e sobrinhos! Depois, foram morar em Brasília com alguns de seus filhos, mas compraram um apartamento na Barra da Tijuca, seu apoio aqui no Rio. Nesse meio tempo, houve um convite para Papai lecionar em Coimbra, onde ele e Mamãe estiveram. Ao retornarem, passaram um período de tempo na rua Martins Pena. Enfim, compraram um apartamento no Leme, local do aconchego familiar, de nossas últimas lembranças!

A casa de Teresópolis foi um sonho que ele conseguiu realizar! Curtiu muito sua construção, acompanhou Mamãe na composição de seu mobiliário! Essa casa foi para ele um refúgio junto à exuberante natureza que amava e onde se dedicava a cuidar do jardim, a preparar a água com açúcar para o beija-flor, a simplesmente deitar-se na rede da varanda. Adorava nos receber lá, reunir a família. Lá descansava, e, é claro, aproveitava para ler ou trabalhar. Minha irmã Cecília encontrou nessa casa, no verso de um protocolo da Prefeitura de Teresópolis, escrito com sua letrinha miúda, um poema intitulado “Serrinha”, que todos pudemos ouvir aqui hoje.

Não era de extravasar ruidosamente suas emoções. Às vezes, parecia-me um tanto sério demais. Mas havia momentos em que, bastante descontraído, brincava conosco, fazia-nos rir. Interessante que os netos o fizeram derreter essa seriedade exagerada, pois com eles a coisa era bem diferente! Eles eram a sua alegria! Com eles brincava, curtia a surpresa que cada um lhe causava, comentava seus “feitos”! Acho que revivia neles os momentos da infância de todos nós... Chegou a conhecer alguns bisnetos. Na qualidade de filha mais velha, ocupei um lugar um tanto único nessa prole. Tanto Papai quanto Mamãe em determinados momentos, traziam a mim, já adulta, suas preocupações com relação a um ou outro filho. E eu, acompanhando seu cuidado e suas preocupações, descobria a cada vez a grandeza desse casal, o amor que eles nos dedicavam, mesmo sem as manifestações exageradas de carinho, que não eram de seu jeito expressar!

Muitos momentos me confirmaram esse amor por nós, mesclado de aparente inflexibilidade, mas de grande preocupação. Escolhi dois para trazer aqui.

Marcos fez concurso e foi aprovado para o Colégio Militar em Belo Horizonte. Papai não quis que ele fosse estudar longe de casa. Achava contraproducente, perigoso ele sair de casa naquela idade. E não autorizou sua ida. Percebi a tristeza do Marcos, sua decepção. E Papai inflexível. Ao mesmo tempo, havia surgido um convite para ele lecionar em Lisboa. Lá foram, ele e Mamãe. Nessas viagens, ele me deixava documentos e algumas folhas de

papel em branco assinadas. Vai que o avião cai, alguma coisa acontece... Fomos levá-los ao aeroporto. O avião decolou e, quando já pensávamos em voltar para casa, soubemos que tinha havido um problema técnico na aeronave e o avião estava pousando. Não sei como conseguimos estar novamente com Papai e Mamãe. E eu aproveitei a ocasião, Papai bastante emocionado com a partida, e voltei a conversar com ele sobre a ida do Marcos para Belo Horizonte, tentando mostrar-lhe o quanto ele desejava ir para o Colégio Militar, que tudo iria correr da melhor forma. Papai, quem sabe, podia me autorizar a usar uma daquelas folhas assinadas em branco para redigir a autorização paterna... E ele caiu na minha conversa. Marcos foi estudar em Belo Horizonte!

Certa vez, Papai estava em São Paulo, a trabalho. Margarida começou a se sentir mal. Diagnóstico: apendicite, indicação: cirurgia imediata! Partimos para o Hospital, Guida foi operada naquela noite. Não deu tempo de avisar a ele antes. Mamãe ficou com ela no hospital e me pediu que avisasse ao Papai. Como voltei para casa já de madrugada, esperei o dia amanhecer, telefonei para ele e, com o cuidado que consegui encontrar, avisei-lhe do ocorrido. Sua reação foi um silêncio assustador. Nós no Rio, ele sozinho num hotel em São Paulo. Céus, o que estaria acontecendo lá? Depois de eternos segundos, ele conseguiu me dizer algo como: “Está bem, já sei”, ou coisa parecida, e desligou o telefone. Quedei-me desconcertada com aquela resposta curta, lacônica. O que dizer à Mamãe?

Enfim, tomei o café da manhã e voltei ao hospital. Quando eu lá cheguei, encontrei Papai ao pé do leito da Guida, com as lágrimas escorrendo, sem que ele pudesse contê-las. Ele conseguiu chegar lá antes de mim... Esse era o nosso Pai!

Houve momentos de acidentes graves com alguns de nós. Sempre tivemos em nossos Pais o apoio de que precisávamos. Nós os tínhamos ao nosso lado, disponíveis, para o que fosse preciso. E com aquela discrição que lhes era peculiar.

Numa etapa de minha vida, em que me achei já “velha” para buscar outros caminhos profissionais, ele me advertiu: “Nunca deixe de buscar o que deseja! Não há idade para a gente buscar o que quer!” E eu fiz dessa advertência o meu lema....Acho que era o dele também!

Em 1998, Papai me honrou com a proposta de festejar seus 85 anos de vida e 60 anos de casado em minha casa, numa reunião da família, do jeito de que ele gostava! No dia 04 de julho, começamos com uma Missa no Mosteiro de S. Bento e de lá rumamos para a minha casa. Foi uma festa inesquecível! Até um conjunto de músicos cantando e tocando canções italianas havia! Papai, mesmo com a saúde já visivelmente enfraquecida, estava muito feliz,

cantou e dançou conosco! Sem saber, estava se despedindo de nós..., pois naquele ano, no dia 16 de novembro, deixou-nos para sempre.

Enfim, tantas e tantas coisas cada um de nós poderia ainda lembrar da convivência feliz que tivemos com Sílvio Elia, nosso Pai... Mas fico por aqui, pois nesta noite ainda falaremos muito dele!

Obrigada!

# LINGUAGEM-PAI, PSICANÁLISE-FILHO

LUCIANO ELIA (UERJ)

Escrever sobre o próprio pai não é, de todas, a coisa mais fácil e confortável a fazer. É, no entanto, algo que se inscreve do modo mais contundente no meu desejo de filho, de homem, de pai (que sou, de 4 filhos), de pensador, pesquisador e eu diria mesmo de professor, atributos, todos, que devo e ele, que foi um dos maiores pensadores, pesquisadores e professores que já existiram. Além disso, a escrita era a sua arma maior, e a língua a paixão maior. Com este arsenal de herança enfrento, pois, o desafio.

Sou psicanalista. Isso me liga do modo mais íntimo e intenso que se poderia imaginar ao meu pai, ainda que, por força mesma de meu ofício, que resulta de ter tido que levar uma experiência de análise pessoal até os limites mais extremos como condição de possibilidade de estar à altura de exercer este ofício, eu tenha sido levado a fazer *declinar o Pai* na minha análise e portanto na minha vida. E quando digo que “fui levado”, a voz passiva da frase não deve iludir quanto à minha radical atividade na empreitada: Fui a isso levado pelo que em mim existe a despeito de mim mesmo, ou seja, o Inconsciente, aquilo que me habita como outro, diverso, heteróclito de mim no mais íntimo de meu ser.

O que quer dizer *declinar o pai* <sup>1</sup>? Entre outros muitos significados que interessariam menos ao contexto em que nos encontramos, e aos eventuais leitores deste escrito - e talvez mais aos meus colegas psicanalistas – destaco dois de maior interesse: declinar o pai é ao mesmo tempo desfilar todos os fios que tecem como trama firme a presença do pai em nossa vida, para o bem e para o mal (sim, o pai não opera só no bem mas também no mal), e aqui o termo declinar aproxima-se do sentido que ele tem no estudo das línguas, as diferentes *declinações* das palavras, mas *declinar* também significa fazer entrar em declínio, fazer cair do plano do ideal, da perfeição e do inatingível. Declinar é, portanto, atingir, enxergar falhas, furos, equívocos, humanizar, fazer do pai um homem mais do que um ídolo, e assim poder amá-lo de uma outra forma, nova, inédita.

A Psicanálise tem no Pai um de seus pilares teóricos, clínicos, éticos e um dos eixos constitutivos de seu discurso e de sua práxis. Pai em psicanálise não se reduz à pessoa do genitor, sejam quais forem suas virtudes (e no meu caso o meu pai as tinha em profusão, talvez até excessiva) ou defeitos (que ele

1- LACAN, J. - *Le Séminaire, Livre XVII - L'envers de la psychanalyse* (1969-70), Paris, Editions du Seuil, 1991, p. 127 (Lição VII: *Édipe et Moïse et le père de la horde*, de 11 de março de 1970).

também tinha). Pai é função, é Nome, é significante - e aqui tocamos em um ponto crucial de contato entre meu campo de trabalho e pensamento, a Psicanálise, e do dele, a Linguística (além da Filologia, que lhe era talvez mais cara que a própria Linguística). Jacques Lacan, psicanalista francês que empreendeu uma titânica obra de retorno aos fundamentos da Psicanálise Freudiana (que se encontrava em vias de deturpação, degradação e reducionismo ao discurso médico-psicológico após a morte de Freud), resgatando seu vigor e seu rigor, recorreu à Linguística para dar primeiro e acima de tudo ao Inconsciente seu estatuto mais radical e contundente, o de ser *estruturado como uma linguagem*, o ter na categoria de *significante* a unidade lógica fundamental de seu funcionamento. Isso libertou o inconsciente freudiano de interpretações tanto biologistas como mecanicistas, em todo caso reducionistas e impróprias ao que Freud propôs ao mundo ao nele criar a psicanálise com as rijas raízes que dela fizeram o advento inabalável de um novo campo de saber e de experiência. Em Lacan, portanto, psicanálise (inconsciente) e linguística (significante) se encontram, o que me permite dizer que é por um viés lacaniano que meu campo se encontra com o do meu pai, e que, assim, me encontro com ele no plano de nossos ofícios e pesquisas.

Dizia eu que o pai em psicanálise é antes e acima de tudo um significante, por isso denominado em teoria por Lacan de *nome-do-pai*, cuja função primordial é transmitir a *Lei do Desejo* ao sujeito que se constitui a partir dos eixos estruturantes das configurações que o precedem e recebem no mundo simbólico, o mundo da palavra, da fala e da linguagem, vale dizer, o mundo humano que, em nossa sociedade ocidental moderna, é caracterizado como uma *família*. Esta Lei do Desejo pode ser definida como a condição estrutural para que este sujeito nascente se torne um sujeito desejante, Lei que também recebe o codinome de Lei da Castração, porque o desejo só se instala se o sujeito admitir a perda que consiste em uma renúncia a permanecer em uma relação que poderíamos chamar de *plena* com a sua Mãe. Este nome *Mãe*, por sua vez, tampouco se reduz em Psicanálise à mulher genitora, mas é o nome da função de receber, cuidar do sujeito criança e introduzi-lo no campo da linguagem através justamente desta função de cuidado. Mãe-função de linguagem, com a qual o sujeito tenta permanecer em uma relação de pleno gozo (de resto, impossível, mas o sujeito precisa deduzir esta impossibilidade que, embora já se lhe seja dada de saída e por estrutura, nem por isso ele está dispensado da tarefa de consentir em admiti-la, o que chamamos acima de perda), e Pai-função de lei, que opera um corte e uma metáfora sobre aquela relação antes configurada. Assim se formula, com rigor, o famoso Complexo de Édipo, quando o retiramos da hilariante historinha de *querer dormir com*

*a mamãe e matar o papai*, forma como a rigorosa psicanálise acaba sendo vendida barato na feira sociocultural. Esta configuração um tanto romanesca do Édipo deriva, na verdade, do recurso que Freud se viu obrigado a fazer o mito e à tragédia de Sófocles (Édipo-Rei), que, como todo mito e toda tragédia, requerem interpretação e não admitem, sem grandes prejuízos, uma aplicação sem mediações, *imediatas*, do tipo *tal-e-qual*, na situação atual.

Faço essas rápidas considerações psicanalíticas, pelas quais peço desculpas ao leitor não interessado diretamente na psicanálise, para que fiquem pavimentadas as vias de articulação entre Psicanálise e Linguística e, como já formulei metaforicamente, entre mim e meu pai. Este escrito não é um mero depoimento pessoal, longe disso, e, portanto, requer esta pavimentação para que o que pretendo dizer com ele possa passar, ser devidamente transmitido, naquilo que considero uma suprema homenagem ao meu pai: debater suas ideias, dialogar com elas, problematizá-las, eventualmente criticá-las, e com isso transmitir o impacto de uma herança inestimável que ele me e nos deixou.

Neste ponto serei obrigado a fazer uma incursão em minha própria análise, tendo que, com isso, tocar em pontos subjetivamente íntimos. Mas que não se iluda o leitor quanto aos riscos de uma autoexposição imprópria ou obscena: eu me limitarei aos pontos indispensáveis a uma apreensão mais nítida e completa da questão a tratar em seguida.

Como um sujeito neurótico, na posição de filho e antes da análise, interpretava meu pai como um homem demasiado severo, austero demais, moralista, repressor, e cuja carga maior incidia, como não poderia deixar de ser, sobre a sexualidade. Em vez de me implicar mais diretamente com minhas próprias questões subjetivas que se encontravam em embaraço (como se encontram para todo mundo, cada um à sua forma) na relação com o desejo, eu, como todo neurótico, empenhava-me em localizar no Outro parental (com maiúsculas para particularizar este outro tão especial, e para dar-lhe uma dimensão simbólica que ultrapassa sua *pessoa física*, encarnada nos pais) as causas daquilo de que eu padecia. E isso parecia dar certo, encaixava como teoria.

Mas tudo isso só se encaixava mesmo como teoria no sentido que lhe dá Freud, criador da expressão *teoria sexual infantil*<sup>2</sup>, a versão que criamos, nosso *romance familiar*, para dar conta das agruras que vivemos. Como meu pai era mesmo muito severo, austero e arauto da moral cristã, isso parecia

---

2- Cf. Freud, S. - *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908), (*Über infantile Sexualtheorien*), in *Die Freud Studienausgabe erschien ursprünglich*, Band V - *Sexualleben*, Frankfurt-am-Main, S. Fischer Verlag, 1975.

exato, parecia funcionar.

Um dos deslocamentos importantes que se processaram em mim através do processo de minha análise pessoal, e que vai além das teorias sexuais infantis a que me referi, diz respeito ao modo como, a partir delas, eu interpretava certas posições teóricas e práticas de meu pai. A despeito do enorme interesse que meu pai nutria pela Literatura e pela Poesia, campos nos quais fez diversas e importantes incursões (a Literatura era uma das áreas maiores de seu interesse, e chegou a escrever algumas poesias, entre as quais a *Serrinha*<sup>3</sup>), podemos afirmar, sem correr o risco de injustiça ou impropriedade, que existe em sua obra uma indiscutível prevalência da língua sobre a literatura e a poesia.

Sílvio Elia foi um grande teórico, um pesquisador dos mais rigorosos e exigentes, um linguista de primeira e um filólogo de mão cheia, cultíssimo, e um mestre de rara preciosidade para seus discípulos, e isso é atestado e reafirmado infinita e exaustivamente por todos os seus colegas e alunos, por todos os que privaram de sua convivência e de seu ensino. (É um pouco estranho falar assim do próprio pai, soa pretensioso, mas não é: estou sendo exato e justo, não exagerado nem tendencioso, e a maior justificativa para este meu pequeno deslize é o fato de que esta caracterização de meu pai é heurísticamente necessária: faz parte da demonstração do que quero dizer). Pois, apesar de tudo, ele não deu à Literatura e à Poesia o mesmo lugar em sua obra. Foi crítico literário, não autor literário, e poucas vezes fez incursões na poesia como poeta, em raras e cintilantes criações episódicas.

Do lugar de filho ainda não analisado, eu o censurava por isso. Demandava-lhe que fizesse jorrar em letras de romance e poesia aquilo que eu julgava que faltava nele: expressão de desejo, erotismo, paixão, prazer e gozo. Mas que na verdade estava mesmo era obstruído em mim<sup>4</sup>.

Bem, a análise mudou tudo isso, e não vou expor suas vicissitudes, pois o protagonista aqui é Sílvio Elia, não Luciano Elia. Verifiquei, por exemplo, que, mesmo sem dedicar-se à literatura supostamente “desejante”, mesmo sem ser um Jorge Amado que escrevesse algo como *Dona Flor e seus dois maridos*, mesmo afigurando-se a mim antes como um Teodoro Madureira do que como o Vadinho que eu talvez quisesse (ser) que ele fosse, meu pai jamais

3- Poema que escreveu Sílvio Elia quando decidiu construir uma casa de campo em Tere-sópolis, aos 63 anos, para onde não cessou de ir, sempre que suas obrigações de trabalho no Rio permitiam, até o fim de sua vida. Este poema foi lido na Sessão Solene em homenagem à passagem do centenário de Sílvio Elia, realizada no e pelo Liceu Literário Português na data do 100º aniversário de seu nascimento, 4 de julho de 2013.

4- E é claro que a desobstrução disso em análise só foi possível quando eu pude situar em mim e não no meu pai a responsabilidade da questão.

descuidou de seu desejo. Fez o que quis, amou minha mãe infinitamente, jamais abriu mão de sua paixão não encarnada em um corpo e em um ser de mulher: a Língua Portuguesa! Foi a Portugal todas as vezes que quis, sem que filhos, que teve em quantidade (8) o impedissem, realizou a dimensão internacional e luso-brasileira de sua empreitada, que era a de assegurar a unidade linguística do português e cultivar os laços que se revelam hoje tão sólidos e indestrutíveis com a Nação Portuguesa e seus filhos, seus colegas de campo que, no centenário de seu nascimento, o homenageiam comovidos e comoventemente, no Liceu Literário Português.

Pouco desejante? Pois sim! Eu é que cuidasse de meu desejo, que andava mal das pernas, porquanto do dele ele cuidava e muito bem! Se transmitiu uma moralidade e uma austeridade que me parecia (e talvez fosse mesmo) excessiva, eu é que cuidasse de filtrar isso na minha existência e na minha subjetividade, pois que a responsabilidade por isso é só minha e não dele, que, em sua vida, levou seu desejo aos portos em cuja direção quis navegar, e chegou com toda segurança a cada um deles. Nas conhecidas palavras do filósofo francês Jean-Paul Sartre: *O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós próprios fazemos do que fizeram de nós.*

Adentrando uma esfera mais teórica e discursiva da questão, eu diria que também compreendi algo extremamente importante sobre a prevalência da Língua sobre a Literatura no desejo e na obra de meu pai, modo como estou formulando esta dualidade, referindo-me não ao seu saber, mas à economia distributiva de seus investimentos e interesses, indiscutivelmente maiores quanto à língua portuguesa do que à literatura portuguesa, brasileira ou internacional: penso que, ao conferir primazia à Língua, ele priorizou a dimensão simbólica, estrutural, propriamente significante, em uma palavra, *científica*, da questão, em relativo detrimento dos recheios imaginários, do conteúdo significativo, da dimensão *romântica* do seu campo. Sua ênfase era no que havia de *românico*, mais do que de *romântico*, no campo da linguagem. Um filólogo, mais que um literato.

Esta afirmação não tem a vocação de ser unânime, e guarda uma dimensão certamente polêmica que não se deve apenas à visão fascinada de alguns, que não admitiriam qualquer problematização do ídolo. Ela é polêmica também por razões mais consistentes. Haveria, por exemplo, controvérsias quanto à minha afirmação de que Sílvio Elia privilegiava a estrutura (daí a prevalência da Língua) mais do que a dimensão Semântica. O Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa, em seu não apenas brilhante como extraordinariamente rigoroso escrito, por ele lido na Sessão Solene de homenagem ao Centenário de Nascimento de Sílvio Elia, e publicado neste número desta Revista (cf. pp.

10-14, acima) afirma:

Mesmo vindo a conhecer a obra de Saussure, a quem não nega o extraordinário valor que teve para a história da Linguística, Sílvio Elia se manteve fiel às diretrizes centrais do pensamento vossleriano. Assim, em relação à famosa dicotomia saussuriana entre língua e discurso, reconhece, como Vossler, que a parte essencial do estudo da linguagem não é a língua, como queria Saussure, mas o discurso, entendido como estilo [...]<sup>5</sup>.

E cita o próprio Sílvio Elia:

Se a opção se impusesse (entre Vossler e Saussure), ficaríamos com Vossler, sem hesitar. Mas cremos que, sem deformar nenhuma das duas posições, é possível conciliar positivismo e idealismo. Em verdade, a ciência da linguagem admite os dois enfoques, o estilístico e o linguístico, fato que ambos aqueles mestres reconheceram. O que se faz necessário é não suprimir nenhum desses dois termos<sup>6</sup>.

Prossegue o Prof. Uchôa: “Pode-se compreender, pois, por que Sílvio Elia nunca adotou as bases teóricas, predominantemente formalistas e mecanicistas, de certas orientações estruturalistas”<sup>7</sup>.

Ora, então, para Sílvio Elia, o estruturalismo teria bases “formalistas e mecanicistas”! Deparamo-nos, no uso deste binômio, com um primeiro problema, pois *formalista*, o estruturalismo o é por princípio, já que constituiu a emancipação epistemológica e metodológica das ciências ditas “humanas” em relação às ciências naturais através de uma formalização *não quantitativa, porém estritamente literal*, razão pela qual o estruturalismo não pode de modo algum ser considerado *mecanicista*. Segunda questão: o estruturalismo, para operar a referida emancipação metodológica, extraiu das ciências ditas humanas todo o qualquer humanismo, e é esta o fator determinante da confusão que se encontra na base da atribuição de mecanicista feita ao estruturalismo, atribuição de inspiração humanista que consiste em tomar como equivalentes *materialismo e mecanicismo*. O estruturalismo é *formalista e materialista*, e jamais *mecanicista e positivista*. E, portanto, considerar Ferdinand de Saussure como um positivista ou mecanicista, como fez Sílvio Elia, dele afastando-se

5- UCHÔA, C. E. - *Sílvio Elia em seu centenário de nascimento*, inédito, texto cedido pelo autor, por ele lido na Sessão Solene em Homenagem ao Centenário de Sílvio Elia, promovida pelo Liceu Literário Português em 4 de julho de 2013, p. 3.

6- Palavras de Sílvio Elia, *apud* Uchôa, na comunicação citada acima, p. 3.

7- *Ibidem*, p. 3

pelo viés de uma posição “estilística” centrada na “essencialidade semântica” que o aproximava de Karl Vossler, parece tornar insustentável a afirmação de que sua relação com a Língua atesta um privilégio da estrutura. Pelo contrário, seria afirmada em Sílvio Elia a prevalência da significação sobre o significante, do espírito sobre uma suposta mecânica (não existe a menor possibilidade de redução do estruturalismo ao mecanicismo) estrutural da teoria da linguística moderna saussuriana.

Neste ponto, em que a controvérsia encontraria fundamentos consistentes - pois eu não poderia discordar dos argumentos do professor Uchôa, não apenas profundo conhecedor do pensamento de Sílvio Elia (o que eu não sou), como, ele próprio, um pensador brilhante do mesmo campo de saber (ao qual não pertencço) - introduzo uma questão, que envolve a dimensão do inconsciente. No plano do pensamento manifesto, das idéias claras e conscientes, lúcidas, cartesianamente formuladas, Sílvio Elia sustenta a primazia da semântica e não da significância, da estrutura formal e esvaziada de sentido, própria à ciência da linguística estrutural. Entretanto, no que eu chamarei de plano do inconsciente, no qual a transmissão se dá, em larga medida, no desconhecimento consciente do próprio sujeito que transmite (e nesse sentido, talvez só a posição de filho, ainda que leigo na matéria mas não no campo científico, permita aceder a este plano), eu afirmaria sem hesitação que as linhas mestras do pensamento de Sílvio Elia são as linhas retas (e não as curvas dos sentidos vicários), os eixos lógicos (e não psicológicos ou mesmo anímicos), a malha inteligível (e não sensível), em suma, o manto racional e dedutivo (e não a colcha de retalhos empírica das significações induzidas).

O fator decisivo, que me parece intervir na perturbação desta cristalinidade, é a paixão humanista de Sílvio Elia, aliada à sua posição eminentemente católica, indissociável, como não poderia deixar de ser, de seu pensamento<sup>8</sup>. Meu pai não era de pensar em um canal e viver sua fé em outro. Sua exigência de coerência (e aqui, incidentalmente, reencontramos a sua exigência de racionalidade - que, no plano inconsciente, faz dele um *estruturalista involuntário*, a despeito de sua consciência e das ferrenhas

---

8- Incidentalmente, podemos dizer que é este mesmo fator - humanismo católico - tão central em seu pensamento quanto em sua vida, que sempre o afastou de posições de vanguarda em matéria de política. Amigo de Alceu de Amoroso Lima, com quem fundou a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Sílvio Elia afastou-se não do amigo, mas de suas ideias quando este assumiu posições mais nitidamente críticas ao regime da ditadura militar brasileira. Do mesmo modo, anos antes, Sílvio Elia, amigo de outro grande filólogo de sua geração, Antônio Houaiss, dele se afastou por ter este amigo de juventude tomado, desde sempre, uma posição francamente comunista.

críticas do materialismo estruturalista, que chocava seu humanismo cristão) fazia com que sua posição religiosa e humanista atravessasse toda a sua atividade científica, orientando-a para longe de algumas de suas fontes mais fidedignas de inspiração lógica: a dimensão estrutural da língua. Se Saussure foi um *estruturalista avant la lettre*, Sílvio Elia, nesta leitura que faço e submeto à crítica dos meus leitores, leigos e eruditos na matéria, foi um *estruturalista malgré sa lettre*. (Talvez fosse mais correto dizer *malgré lui-même*, já que, a rigor, constitui impropriedade metodológica conceber um *estruturalismo malgré la lettre*, porquanto é a letra o seu fundamento maior).

Sobre esta relação de prevalência, evoco justamente um compositor brasileiro que, poeta dos maiores, senão o maior poeta da música brasileira (e certamente do inconsciente), não deixa de ser incessantemente capturado pelos efeitos formais da estrutura significante. Trata-se de Caetano Veloso, e uma de suas magníficas composições intitula-se justamente *Língua*, título que já revela, de saída, sua íntima relação com nosso tema, e cuja letra começa assim: *Gosto de roçar a minha língua na língua de Luiz de Camões*, o que nos arrasta de pronto para o plano das relações luso-brasileiras, tão caras a meu pai, e tem um estribilho interessante: *Flor do Lácio, sambódromo, lusamérica, latim em pó, o que quer, o que pode esta língua?* Na letra, encontramos:

E sei que a poesia está para a prosa,  
 assim como o amor está para a amizade.  
 E quem há de negar que esta lhe é superior?<sup>9</sup>

Caetano, então, o grande poeta, afirma *saber* que a prosa é superior à poesia, assim como a amizade é superior ao amor (quem há de negar?). É nesse exato sentido, captado pelo saber inconsciente de Caetano Veloso, que afirmo que, em Sílvio Elia, a língua é superior à literatura.

Farei neste ponto uma inflexão no meu texto. Se até aqui fiz uso da Psicanálise para interpretar a relação de meu pai com o campo que era o seu, Língua, Linguagem e Literatura, é ele agora que vai interpretar algo que se passa no meu campo sob a forma de um grande equívoco envolvendo a categoria de Pai, função paterna e, curiosamente, a relação luso-brasileira.

Há, no chamado movimento lacaniano internacional, uma determinada tendência teórico-clínica (as tendências em psicanálise nunca são apenas teóricas, sempre são também clínicas, pois teoria e clínica são indissociáveis em psicanálise) que consiste em entronizar e sacralizar a função paterna,

---

9- VELOSO, Caetano - *Língua* - composição musical integrante do disco *Velô*, Polygram, 1984.

mantendo-a como ideal tanto indestrutível quanto inatingível, o que conduz a uma leitura da contemporaneidade inteiramente contaminada por este ideal, e que se traduz em: a) depreciar a contemporaneidade como uma época sem lei, sem culpa, sem respeito e sem hierarquia; b) considerar que na contemporaneidade só se visa o *gozo imediato*, o prazer, a obtenção de ganhos sem perdas, em detrimento da assunção do *desejo*, entendido como dimensão que requer a renúncia ao gozo, a submissão à lei da castração - o que é verdade, mas dá margem a uma interpretação moralista modeladora da conduta; c) atribuir tudo isso ao declínio da função paterna na contemporaneidade, e, portanto, defender o restabelecimento de uma ordem social erigida em torno da autoridade paterna.

Esta tese tem sido sustentada em determinadas “aplicações” socioculturais bastante discutíveis do ponto de vista conceitual, ético e metodológico, que consistem na tentativa de “psicanalisar” culturas, sociedades e mesmo nações. O Brasil tem sido um alvo constante desses “analistas de países”. Segundo eles, o Brasil seria um país “sem pai”. Um de seus defensores é Contardo Calligaris, italiano de nascimento e discípulo direto do conhecido psicanalista francês Charles Melman, entre cujos livros publicados que se referem a isso temos o mais notável, *Hello Brasil, Notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil*.

Nesse livro, Calligaris defende a ideia de que faltaria um “significante nacional”, um “Nome-do-pai”, que pudesse servir de baliza simbólica para a identidade do brasileiro e do Brasil. Calligaris destituiu o próprio *nome próprio* do Brasil:

Impressiona-me mais ainda o próprio significante “*Brasil*”. Que extraordinária herança do colonizador para o colono este significante nacional, que eu saiba o único que não designa nem uma longínqua origem étnica, nem um lugar, mas um produto de exploração, o primeiro e completamente esgotado. É como se o colonizador entregasse para o colono o manequim deslocado por um gozo sem freio, e ironicamente o convidasse a fazer disso o *UM* da nação da qual ele quer ser o sujeito<sup>10</sup>.

O autor se diz impressionado, como o leitor pôde ler na nota acima. E eu, por minha vez, declaro-me muito impressionado com a desenvoltura com que alguém se autoriza a “analisar” um nome próprio. Ora, o nome *Brasil*, considerado por Calligaris como uma espécie de herança maldita que teríamos recebido de nossos pais portugueses, parece-me, pelo contrário, um significante

10- CALLIGARIS, C. - *Hello Brasil! – Notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil*, São Paulo, Escuta, 1991, p.23.

absolutamente digno constitutivo de um ato de batismo e registro simbólico inquestionável. O que significa desqualificar um nome próprio de país (Brasil) como “o único que não designa nem uma longínqua origem étnica, nem um lugar, mas um produto de exploração, o primeiro e completamente esgotado”? Lacan nos ensinou sobejamente que o significante, enquanto tal, não significa nada, e significá-lo é tarefa do sujeito. No caso, a significação desqualificadora (produto de exploração, o primeiro e completamente esgotado, referindo-se ao *pau brasil*) pertence unicamente a Calligaris, não ao Brasil, e “diz” dele. É o que chamamos do plano imaginário da significação, expressão da fantasia inconsciente do emitente, e jamais poderia fundamentar uma análise séria acerca do Brasil. Provavelmente a alusão embutida no termo *Brasil* à *brasa*, à coloração vermelha da brasa que caracterizada a tipo de madeira aqui encontrada e que motivou o batismo de nosso país pelos portugueses (que, para mim, resulta em um belo nome e evoca o calor de nosso espírito de luta, por exemplo, mas isso é tão imaginário e irrelevante para analisar os problemas do Brasil quanto a desqualificação calligariana), provavelmente esta alusão à brasa evoca para Calligaris o espírito demoníaco de um gozo sem fim, “dos infernos”, o que se encontra no final da citação de seu pensamento: “É como se o colonizador [português] entregasse para o colono [brasileiro] o manequim deslocado por um gozo sem freio”.

Calligaris considera que não respeitamos nossos pais portugueses (que, na citação acima, acabam acusados de uma irônica nominação que convida ao gozo e à desordem social), e pretende exemplificar isso com a prática que temos de fazer “piadas de português”, na qual ele enxerga um escárnio desrespeitoso e destituído da “função paterna” por parte do “filho Brasil”.

Tudo isso teria levado ao “antropofagismo”, referindo-se à Semana de 22 e à obra de Oswald de Andrade, como forma de suprir esta falta simbólica pela ingestão canibalística de elementos culturais estrangeiros.

Caetano Veloso, em *Verdade Tropical*<sup>11</sup>, comenta longamente a empreitada de Calligaris, afirmando que o autor “forçava a mão para, numa sanha diagnosticadora, meter no mesmo saco a mediocridade dos misturadores de informações mal assimiladas e o gesto audaz de um grande poeta” (alusão a Oswald de Andrade)<sup>12</sup>. Além disso, considera que Calligaris faz uma leitura de colonizador do que chama de “um país sem projeto”: “Parece que vivemos no Brasil os efeitos de uma fundação fracassada”. Como observa Caetano Veloso: “E, psicanalista [?], observa que a melhor maneira de ajudar esse país amado a

11- VELOSO, C. - *Verdade tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 248-251.

12- *Ibidem*, p. 248.

superar sua falência como projeto era jogar-lhe na cara sua desesperança fatal” Esta é a posição do analista? O analista “joga na cara” o que, nele, aparece como “desesperança fatal” (expressão que evoca a enunciação mesma de uma fantasia desesperançada do nosso “analista nacional”) que supostamente seria do sujeito que ele “ouve”, aqui equivalente ao Brasil? E o analista ama o sujeito que o tem como analista? Ou esse amor trai exatamente o fato de que aquele que está em posição neurótica é o “analista-autor”?

Esta leitura carece de rigor conceitual e metodológico, na medida em que utiliza categorias psicanalíticas em uma aplicação imediata ao campo social, como se a relação entre esses campos, que evidentemente existe e é extremamente fecunda e complexa, pudesse ser reduzida a uma mera contiguidade, justaposição, aplicação de uma à outra sem mediação metodológica, sem pagar o pedágio de cruzar uma via (cuja pavimentação não é naturalmente dada, e exige muito trabalho) que leve em conta, nesta passagem, as peculiaridades discursivas de cada um desses campos, suas especificidades conceituais e éticas, suas irredutibilidades recíprocas.

Mas, longe que pretender aqui aprofundar questões tão complexas, sobretudo considerando que o leitor ao qual a presente publicação se dirige provavelmente terá pouco interesse nas questões internas do campo psicanalítico e nas relações deste campo com a sociologia, vou direto ao ponto em que a intervenção da sabedoria e do saber (são coisas distintas, e ambas intervieram no episódio) de Sílvio Elia produziu, nesta polêmica, o efeito luminoso e um clarão resolutivo.

Certa vez eu conversava com meu pai sobre temas da Psicanálise em suas relações com outros campos das ciências, como ocorria de costume tanto em sua casa no Leme como nas viagens de carro que ele me convocava regularmente a fazer a Teresópolis, onde ele construiu, em 1979, uma casa, e o filho que acompanhou a construção e que depois mais frequentemente o levava lá era eu (meu pai não dirigia, mas tinha sempre um automóvel em sociedade comigo, cuja parceria era: ele comprava, eu dirigia). Na conversa deste dia, comentava eu com Sílvio Elia sobre as questões que mencionei acima, a interpretação de alguns autores psicanalistas sobre o “caráter subjetivo do Brasil” e suas relações “desrespeitosas” para com Portugal.

Ao lhe transmitir essas coisas, que ele ouvia atenta e silenciosamente, mas não sem expressar-me traços de espanto em seu rosto, deparei-me, com enorme contentamento, com uma reação serenamente indignada de meu pai (curioso que o assunto tinha a função paterna como eixo, e foi em uma relação concreta com meu próprio pai que este assunto encontrou esta afortunada vicissitude), que me disse: “Meu filho, isto é uma enorme bobagem, não

tem pé nem cabeça e não se sustenta em qualquer fundamento histórico ou antropológico”. Explicou-me que a relação Brasil-Portugal jamais foi de desrespeito, que as “piadas de português” (que Calligaris interpreta como signo de desrespeito) sempre foram uma expressão de laço afetivo inequívoco, que o Rio de Janeiro, capital do Brasil desde a Colônia até 1960, é uma cidade marcada por enorme influência portuguesa e que é nesta medida que ele é símbolo e coração do Brasil (bem, naquela época o Rio de Janeiro ainda não tinha conhecido o aviltante vilipêndio que veio a ter por parte da mídia “global”, e conseqüentemente dos demais estados do Brasil e do governo federal).

Levantou-se da poltrona onde se encontrava, dirigiu-se decidida e certamente para uma de suas inúmeras estantes de livros que havia em seu escritório e pegou um, entregando-me e dizendo: “Tome, meu filho, leia isto e vá ensinar essas coisas a esses seus colegas que nada sabem sobre o que estão dizendo”. O livro em questão chama-se *Como nasceu Portugal*<sup>13</sup>. Em seguida, abriu uma pasta que estava em outra estante do escritório, procurou entre os papéis que estavam dentro dela, achou um texto avulso e me entregou: “leia isto também, você vai entender melhor a relação Brasil-Portugal”. O texto, de autoria do ilustre português e seu amigo António Gomes da Costa, intitulava-se: *Portugal só é grande no Brasil*, e consiste na conferência proferida por este eminente pensador português no Liceu Literário Português em 1988<sup>14</sup>.

Não me seria possível abordar, no escopo do presente artigo, uma obra como aquela à qual, no entanto, remeto o leitor, e à qual fiz menção acima, o livro que meu pai me deu neste inesquecível diálogo que tivemos: *Como nasceu Portugal*, de Damião Peres. Neste livro, cuja importância está menos em seu valor de referência histórica do que na peculiaridade de apresentar fatos pouco considerados na “Grande História” das nações modernas, encontramos elementos no mínimo curiosos que nos instrumentalizam na desconstrução das teses “sociológico-psicanalíticas”, mas na verdade apenas fantasmáticas, de Calligaris.

Do livro de Damião Peres, que, portanto, estende-se por diversas vertentes de análise histórica do surgimento da Nação Portuguesa, interessa-me particularmente destacar um fragmento que denominaremos *político-familiar* da história da fundação da Nação Portuguesa.

---

13- PERES, Damião - *Como nasceu Portugal*, Porto, Portucalense Editora, S.A.R.L., 1959.

14- GOMES DA COSTA, António – *Portugal só é grande no Brasil* – Texto de Conferência pronunciada no Liceu Literário Português em 14 de setembro de 1988, documento de trabalho.

Como se sabe, o Rei Afonso VI de Leão e Castela teve muitos matrimônios e veio a ser pai de D. Urraca, Rainha de Leão e Castela, e, por uma união ilegítima com Ximena Nunes, veio também a ser pai de Teresa de Leão. Com as inseguranças dos reinos que se distribuíam pela Península Ibérica, sobretudo em sua parte oriental, em que os Almorávidas, seita político-religiosa oriunda do Rio Niger, na África (vejam que a incidência dos negros já se fazia presente nas origens do que veio a ser a nação portuguesa), Afonso VI de Leão e Castela pede ajuda a Henri de Borgogne, filho homônimo de Henri de Borgogne, ligado à Abadia de Cluny e descendente direto do Rei Robert II de França. Em troca de seu bravo auxílio na luta contra os mouros e no que se denominou de Reconquista, Afonso VI dá a Henri de Borgogne (filho) a mão de sua filha ilegítima Teresa de Leão. (A filha legítima, Urraca, já se havia casado com Raymond de Borgogne, primo de Henri, e viria a se tornar Rainha de Leão e Castela). Desta união de Henry de Borgogne com Teresa de Leão nasce Affonso Henriques (nome cuja terminação em “es” significa “filho de Henrique, nome aportuguesado de Henri, que é conhecido aliás como Conde Henrique de Portucale, condado que recebera do Rei Afonso VI por suas conquistas). Affonso Henriques vem a rebelar-se contra sua mãe, que desejava manter a união com o marido francês e a dependência do Condado ao Reino de Leão e Castela, e, por tabela, à influência dos Borgogne na França.

Affonso Henriques rebelar-se, abre guerra contra seu pai francês e sua mãe e proclama a independência do Reino de Portugal, tornando-se o primeiro Rei de Portugal, daí seu título Afonso I de Portugal. Expulsou o pai de seu ex-condado, agora reino do Filho-Rei, e o impediu de voltar a entrar em seu território.

Há uma questão histórico-político-familiar, portanto, que envolve ibéricos (Reino de Leão e Castela, Galiza, Sevilla, Toledo e outros) e portugalenses, por um lado, que de início eram igualmente constitutivos do conjunto de reinos ibéricos, e franceses, nomeadamente de Borgogne, por outro. O destacamento e, portanto, a fundação de Portugal desses reinos se dá por um rompimento produzido por um filho que expele precisamente a influência francesa dos Borgogne representada por seu pai, que havia sido convocado pelo avô materno de Affonso Henriques (seu filho caçula, porém o único que se tornou adulto), que doou a mão de sua mãe (filha ilegítima do Rei-avô) ao bravo guerreiro Henri (Conde de Borgogne) por sua inestimável ajuda na reconquista dos reinos rebeldes e na expulsão dos mouros e dos almorávidas da região do Condado Portucalense.

A pergunta com que concluímos essa importante lição que todos nós recebemos de Sílvio Elia a respeito do verdadeiro caráter das relações luso-brasileiras, e que retifica a impostura que insiste em, “analisando o Brasil”, colocando-o no divã impregnado de suas próprias imaginações inconscientes, acusar os brasileiros de recusarem seu “Pai” histórico português, é a seguinte: Que espécie de recalque operam os franceses em relação à sua própria presença na origem de Portugal, presença importante e que foi rechaçada justamente na fundação de Portugal? Que relações este rechaço dos franceses pode ter com o pouco respeito que os próprios franceses (e não nós, brasileiros) têm em relação a Portugal, e que, projetivamente, nos atribuem? E por que atribuir a nós, brasileiros, este rechaço, que fora inicialmente dirigido ao Pai-Rei francês no ato fundacional de Portugal? E por que não ver que é com os portugueses, seu valor e seus valores, que o Brasil se construiu, que o Rio de Janeiro fez Lisboa ser aqui, criando uma Alfama carioca encrustrada nos seus morros mais belos e centrais, chamada Santa Teresa? O Rio de Janeiro – que na verdade é a cidade mais cosmopolita do Brasil – é também a mais portuguesa, como afirmava Sílvio Elia, e ostenta um altivo orgulho quanto a isso.

Pelo visto, o equívoco nessas pretensas análises “sociológico-histórico-psicanalíticas” é de grandes proporções, o que indica sua natureza sintomática, haja vista ao fato de que essas análises não são feitas, em geral, por mentes incultas ou ignaras. Ao contrário do que pretendem afirmar, o reconhecimento do Pai Simbólico, das origens históricas, da filiação, parece ser bastante notável, significativo e indiscutível por essas terras brasileiras.

Penso que meu pai contribuiu decisivamente para a análise (entenda-se, a psicanálise) de um sintoma com o qual nós, psicanalistas de orientação lacaniana, temos que nos deparar em nosso próprio campo: um desprezo pelo nosso próprio país, suposta e pretensamente fundamentado em teses e análises que se pretendem, por sua vez, fundamentar-se na psicanálise (com o que se pretende que a verdade seja revelada, mesmo que isso nos cause dor e mal-estar - o que justifica que se interprete qualquer crítica à estultícia desta análise como fundada em sentimentos “patrióticos” e de defesa própria que fariam resistência e obstáculo à admissão da tal suposta verdade), segundo as quais nosso país seria uma “bagunça”, um lugar sem lei e sem pai, sem memória, sem história, sem dimensão simbólica, sem ordem e sem respeito à autoridade.

O que me permitiu a “minha psicanálise” (análise pessoal, formação e prática como psicanalista mantida já há cerca de 35 anos) não apenas para a minha vida, mas para um melhor entendimento do que foi meu pai e do lugar que ele ocupou e ocupa na minha vida, articula-se assim, de forma inédita

para mim, e compartilhada aqui com os leitores da Revista da Academia Brasileira de Filologia, com a “língua portuguesa” dele, objeto e campo, a um só tempo, para o qual ele dirigiu sua apaixonada relação com o saber, o ensino, a transmissão.

Meu pai não separou o que ele transmitiu ao seu mundo do que ele transmitiu aos seus filhos, e este escrito, por ser tributário *do que* recebi dele, sem o que não seria o que sou como homem, pai e psicanalista, pretende também ser um tributo a ele. Conseguirei isso? Só outros poderão dar uma resposta a esta pergunta, e a estes, com o ponto final, eu agora o endereço.

BIBLIOGRAFIA (Referências bibliográficas das citações ao longo do texto)

1. CALLIGARIS, Contardo. - *Hello Brasil! – Notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil*, São Paulo, Escuta, 1991.
2. GOMES DA COSTA, António – *Portugal só é grande no Brasil* – Texto de Conferência pronunciada no Liceu Literário Português em 14 de setembro de 1988, documento de trabalho.
3. ELIA, Sílvio - Poema escrito por ocasião da construção de uma casa de campo em Teresópolis (serra fluminense), aos 63 anos, para onde não cessou de ir, sempre que suas obrigações de trabalho no Rio permitiam, até o fim de sua vida.  
\_\_\_\_\_ - *apud* UCHÔA, *Sílvio Elia em seu centenário de nascimento* inédito, texto cedido pelo autor, por ele lido na Sessão Solene em Homenagem ao Centenário de Sílvio Elia, promovida pelo Liceu Literário Português em 4 de julho de 2013.
4. FREUD, Sigmund. - Sobre as teorias sexuais infantis (1908), (*Über infantile Sexualtheorien*), in *Die Freud Studienausgabe* erschien ursprünglich, Band V - *Sexualleben*, Frankfurt-am-Main, S. Fischer Verlag, 1975.
5. LACAN, Jacques - *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966, diversos escritos.
6. \_\_\_\_\_ - *Le Séminaire, Livre XVII - L'envers de la psychanalyse* (1969-70), Paris, Editions du Seuil, 1991.
7. PERES, Damião - *Como nasceu Portugal*, Porto, Portucalense Editora, S.A.R.L., 1959.
8. UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão - *Sílvio Elia em seu centenário de nascimento*, inédito, lido na Sessão Solene em Homenagem ao Centenário de Sílvio Elia, promovida pelo Liceu Literário Português em 4 de julho de 2013.
9. VELOSO, Caetano - *Verdade tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

**DISCOGRAFIA**

**VELOSO**, Caetano - *Língua* - composição musical lançado no ano de 1984, originalmente no disco intitulado *Velô* (Polygram, 1984), e que tem um rápido *take* no filme *Cinema falado*, de 1986, com Elza Soares.

**LUCIANO ELIA**, psicanalista e professor titular da área de Psicanálise do Instituto de Psicologia da UERJ.

Praia do Flamengo, 180/302, Flamengo, 22210-030, Rio de Janeiro

lucianoelia@uol.com.br

# ENSAIOS

## ORIENTAÇÃO SOBRE O ENSINO DO LATIM

AMÓS COELHO DA SILVA (UERJ E ABRAFIL)

### Resumo

Uma antiga demanda: Latim deve ser curricular ou não? A posição de professores franceses e brasileiros sobre a importância do Latim como disciplina na vida escolar da juventude na versão judiciosa do professor Sílvio Elia. A situação mais recente da aprendizagem do Latim e suas consequências.

**Palavras-chave:** educação escolar; Latim; Brasil.

### 1. Introdução

Como bem afirma Eduardo Tuffani (2000/2001: 393): “*A instrução no Brasil dos primeiros séculos confundia-se com a presença da Companhia de Jesus, visto que, de 1549 a 1759, o ensino colonial esteve praticamente a cargo da Ordem*”. Observa ainda o pesquisador: 1) o afastamento dos jesuítas da educação brasileira causou ao nosso ensino um caos, cujo quadro só mudou com a vinda da família real em 1808; 2) por iniciativa da nova corte, dentre múltiplas instituições benéficas à sociedade brasileira, funda-se, no Rio de Janeiro, em 1837, o Real Gabinete Português de Leitura e, nesse mesmo ano, refunda-se uma já tradicional instituição de ensino como o nome novo de Colégio Pedro II; 3) com a República, houve uma ênfase aos cursos de Direito, Medicina e Engenharia. A Universidade do Distrito Federal começou em 1935 e o quadro de seu magistério funcionava com professores estrangeiros: *teve Jacques Perret como professor de Latim que fez escola com destaque para Ernesto Faria.* (p. 397)

É nossa intenção retomar o trabalho didático do professor Sílvio Elia (1913 - 1998) e incluir algumas observações novas, não só de nossa trajetória no magistério, como também as de outras fontes, como as do Mattoso Câmara, que cotejou o Latim com o Português em muitas obras, principalmente em seu livro *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Foi Sílvio Elia muito preocupado não só com aspectos didáticos, aqueles atinentes a conteúdos úteis para formação de cidadania, mas também atento aos movimentos nas últimas

pesquisas epistemológicas das Ciências da Linguagem.

Escreveu *O Ensino do Latim: Doutrina e Métodos*, em 1957 pela Editora Agir e, como ele mesmo declara:

...em contato com os alunos-mestres (da PUC – RJ), tive oportunidade de debater os mais importantes problemas do ensino do Latim nas escolas secundárias, para os quais a argúcia de uns e inquietação de outros trouxeram, senão soluções novas, pelo menos a revelação de aspetos insuspeitados e dos mais alto interesse educacional. (ADVERTÊNCIA)

Os frutos do exercício pedagógico de quem sabe dialogar com seus *alunos-mestres*, foram testados pelo próprio professor num contexto de aulas exercitadas por ele mesmo *no Instituto de Educação do Distrito Federal* – o que o capacitou a contabilizar os resultados teóricos na prática, enriquecendo de recursos didáticos pelo viés de ensinar o Latim pela aplicação técnica da Linguística. A sua busca, portanto, de recursos didáticos, respaldados em princípios epistemológicos, acompanha atentamente os procedimentos científicos no campo pedagógico do jesuíta francês Pierre du Bourguet, Jean Marouzeau, Maurice Rat, Ernesto Faria, etc. quanto ao ensino das Letras Clássicas. De Faria, destaca o plano de interpretação do texto latino, que é a apreensão de valores estilísticos presentes no texto.

Numa tradução propriamente, temos uma restrição aos requisitos gramaticais do texto latino, explorando o seu conhecimento teórico da estrutura frasal latina com sua característica sintética, ou seja, sintagmas, isto é, combinação dos termos oracionais através desinências em comparação ao analitismo português, cheio de locuções, preposições e valorização linguística da posição de termos oracionais em relação ao plano das estruturas gramaticais. Desse modo, a velocidade de leitura começa lenta e, gradualmente, espera-se efetivo desempenho e rapidez.

Essa aplicação de linha de didática está bem de acordo com o pensamento do introdutor da Linguística no Brasil, Prof. Joaquim Mattoso Câmara Junior, em seu estágio estruturalista, no Brasil, na expressão de Carlos Eduardo Falcão Uchoa (2008: 187):

Como linguista, Mattoso Câmara também sempre defendeu, para o então ensino secundário, o ensino sistemático da gramática, a fim de os alunos alcançarem a compreensão do que ele chama a “ossatura gramatical” da língua, que irá possibilitar, pelas suas próprias palavras, o manuseio seguro da língua-padrão.

## 2 – Linguística aplicada ao ensino do Latim

No capítulo da *Pedagogia Socrática*, debate o professor Sílvio Elia a questão de homem ser ou não “tabula rasa”. Sublinha, então, com a solução socrática, lembrando o seguinte:

ensinando que toda aprendizagem é uma “recordação”; o mestre não “introduz” a verdade no espírito do discípulo. Ela já se encontra ali quando se iniciou o processo pedagógico. Daí não restar ao mestre outra forma de agir senão a “maiêutica”, ou seja, a parturição das ideias. (p.127 – grifos do Autor)

Deve haver um *interrogatório didático*. *O interrogatório pode ser do aluno ao professor ou vice-versa*. (p.145) Uma aula de Latim, além dos fundamentos da Linguística, a ação pedagógica de um professor deve ser interdisciplinar, ou seja, a bibliografia não está à disposição do iniciante, mas do professor que sabe que numa simples frase como *Vulpes vidit uvam, a raposa viu a uva*, pode ser tomada como vazia para o iniciante; daí, para encher de significação da linguagem recorre-se à explicação estilística do que seria uma fábula, cuja característica é a personificação de animais e plantas e cuja autoria em latim é a de Fedro, presente em Roma como liberto do imperador Augusto César (27 a.C. a 14 d.C.)

Havia em Sílvio Elia não só vocação de magistério mas também um sentimento de honestidade sobre o resultado de seu trabalho pedagógico; notamos isso na sua preocupação como o movimento legislativo do órgão oficial que regulava o cotidiano da vida estudantil. Diminuição das horas de estudo, causando longos intervalos prejudiciais de espaços entre as aulas *em todas as séries dos cursos ginásial e colegial*. (p. 31) Inclusive, ele deixou registrada a sua contrariedade em relação a feriados, à decretação de pontos facultativos, às faltas ocasionais do professor e outros impedimentos... Sobre a administração do governo, nota-se o aumento de turmas, com a excessiva estatística de 40 alunos em sala, por professores, e o não aumento de recursos humanos. Daí, um certo inconformismo (p. 33, com observação nossa entre parênteses):

Temos, pois, que a exiguidade do horário semanal compromete irremediavelmente o Latim nos cursos secundários. (Embora continue aguardando soluções, tem consciência que) o contrário, porém, é que, parece, nos aguarda. (Já que sabe que) Instruções Ministeriais são, de um modo geral, supérfluas e falhas. (E a surpresa) (p.33): eliminar o

Latim do ensino secundário (...) (Ao consultar uma nota do governo descobre que) o Latim não figura entre as disciplinas obrigatórias em nenhum dos ciclos. (p.34)

Depois de algumas observações sobre a questão do alfabeto latino e a pronúncia latina, sobre a qual demonstra uma investigação criteriosa, fundamentada na “doxa” linguística, sem deixar de consultar fontes importantes para tais asserções, lendo desde A. Meillet e J. Vendryes, *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques* (1948), a Varrão, Cícero etc., apresenta-nos a discordância do prof. Néelson Romero que se opõe ao trabalho de J. Marouzeau, que defende a pronúncia reconstituída. Evidencia que a polêmica entre a pronúncia tradicional e reconstituída se circunscreve em ciclos: de um lado os que se denominam filólogos com a tradicional e, de outro, os linguistas, defensores da reconstituída ou restaurada. Donde, conclui Sílvio Elia: só cabe uma única escolha quanto à pronúncia, para uma uniformidade de trabalho acadêmico-educacional. Assim, ou só tradicional ou, então, apenas reconstituída, além disso: *O latim é língua morta, portanto não é língua para ser falada e sim para ser lida. Destarte não há motivo para reforma de pronúncia. (...) um latinista não fica diminuído em seu saber se opta pela pronúncia tradicional.* (p.47)

### 3 – Ensino das formas latinas

É interessante notar que é a sua primeira advertência evitar as abstrações de conceitos, como aqueles que, na verdade, já estão inculcados nos alunos. Assim, repetir que o sujeito é aquele sobre quem se afirma alguma coisa e que o predicado é tudo que se diz do sujeito podem se tornar frases inócuas. Tais conceitos, completamente memorizados, não ajudarão aos iniciantes. É preferível insistir nos elos sintáticos, vinculados entre o verbo e o sujeito, ou melhor, a concordância verbal, e os outros elos do verbo com os seus possíveis complementos: regência verbal. E assim se orienta uma tradução mais rigorosamente gramatical.

Em seu livro, o professor Elia analisa os parágrafos latinos em frases com grupos verbais e nominais. Os grupos verbais se compõem com o sujeito, identificado pelo verbo; quanto às integrações verbais, se houver, há de se encontrar o objeto direto, cuja colocação latina é antes do verbo e, *se houver objeto indireto, este precede o direto; os adjuntos adverbiais precedem o objeto direto.* (p. 97) O determinante, representado pelo adjetivo ou substantivo preposicionado (como, respectivamente, *Deus bonus / Agnus Dei* – embora a

forma de genitivo, em geral, se antepusesse ao determinado). *Traduzidos verbo e sujeito, volta-se ao verbo para ver se pede complemento ou não.* (p.115) Ou seja, assim se formam dois princípios para o domínio da leitura frasal latina: concordância entre o sujeito e verbo e a regência verbal, porque *Sujeito, verbo e complemento constituem a espinha dorsal da oração.* (p.116) No caso de ainda restar alguma expressão por traduzir, provavelmente, será algum adjetivo ou advérbio, ou seja, conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira: termos acessórios, já que se conseguiu traduzir os termos essenciais e integrantes.

Deve-se partir do verbo. Este virá flexionado no *infectum* ou *perfectum*. O latim possui seis categorias no seu flexionismo: pessoa, número, tema, modo, voz e aspecto. A primeira categoria a se distinguir é o aspecto verbal. Sendo o verbo uma palavra que denota ação, ao seu lado se desenvolve em latim a ideia de um processo de desenvolvimento da ação com forma específica para o *infectum* que se conjuga em presente indicativo e no dicionário aparece em 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. do singular, como seguem respectivamente, *amar, dever, ler, tomar* e *ouvir: amo, amas; debeo, debes; lego, legis; capio, capis; audio, audis*. Depois, pode seguir o infinitivo, que em alguns vem por último, a 1<sup>a</sup>. do singular do perfeito indicativo e o supino: *amare, amavi, amatum; delēre, delevi, delētum; legēre, legi, lectum; capēre, cepi, captum; audire, audivi, auditum*. O *perfectum* se conjuga em perfeito e é sua primeira pessoa que aparece no dicionário. A marca dessa categoria, o aspecto verbal, fica garantida no radical, ou seja, o tema no decorrer do flexionismo: a) lê-se o mesmo radical nos tempos presente indicativo e subjuntivo; imperfeito indicativo e subjuntivo; futuro imperfeito indicativo; modo imperativo; infinitivo; particípio e gerúndio e b) perfeito indicativo e subjuntivo; mais-que-perfeito indicativo e subjuntivo; futuro perfeito indicativo e supino. Todos estes tempos são pessoais, quando pertencem ao modo indicativo, subjuntivo e imperativo. São impessoais os de modo infinitivo, que são propriamente infinitivo, gerúndio, particípio e supino. São equivalentes a substantivo o infinitivo, sintaticamente um sujeito neutro da oração, e sua respectiva derivação em gerúndio, equivalente a um verbo de valor adverbial e, como substantivo verbal, o supino, na sintaxe um acusativo. Os particípios tem emprego de adjetivo verbal. Assim, se diz em Latim Clássico *Ridentem dicere verum quid vetat? (Que proíbe (alguém) enquanto ri dizer a verdade.)* (Hor. *Sátiras* I, 1, 4), e não, como o aforismo de Jean Santeuil (1630 – 1697): *Ridendo castigat mores, (Castiga rindo dos costumes - ao nosso ver: esta seria uma tradução melhor, se cotejarmos com a frase clássica horaciana, do que a corrente tradução que lemos em outros manuais: Rindo castiga os costumes).*

Para a língua portuguesa, estas formas indo-europeias de aspecto verbal, dialetizada no latim como *infectum* e *perfectum*, apresentam uma consequência: um só verbo latino pode formar outros, por exemplo, de *pello*, *pellis*, *pellere*, *pepuli*, *pulsum* (*impelir*), temos em português: *impelir* (o radical “pel-” sem prefixo no Latim Clássico, em cotejo com o português, é muito comum – além dessa, há várias prefixações); *pulsar* – no próprio Latim já ocorria essa formulação, proveniente do supino. Com isso, o rendimento vocabular português se amplia, por exemplo, *sterno*, *sternis*, *sternere*, *stravi*, *stratum* (*lançar por terra*) nos dá os elementos mórficos: “-stern-”, que forma “consternar” e derivadas e do supino se formou em latim e veio para o português o elemento “-str-”: “prostrar”, “estrada” etc. Note-se a importância do domínio gramatical latino como uma formação ampla no português.

As desinências número-pessoais da voz ativa passaram ao português, que é a neolatina mais próxima da sua matriz, com poucas alterações. As da voz passiva eram, no singular: 1ª. -r, 2ª. -ris (-re), 3ª. -tur, no plural: 1ª. -mur, 2ª. -mini, 3ª. -ntur. A formação da voz passiva, no *infectum*, é sintética em latim, mas no *perfectum* é analítica (*que foi, aliás, o que se generalizou nas línguas românicas*) (p.67). Era uma perífrase, cujo verbo principal vinha no participípio passado mais o auxílio do verbo *sum*.

O tempo verbal latino é bem parecido com o português. Em português se desenvolveu futuro do pretérito e do presente a partir de uma locução: *hei de amar*, e depois, *amar hei*, finalmente: *amarei*, assim as outras pessoas; *havia de amar*, e depois, *amar havia*, finalmente: *amaria*, assim as demais pessoas. O modo, que é cumulativo nas formas desinenciais com o tempo, herança indo-europeia, no indicativo há certeza dos fatos; no subjuntivo dúvida e dependência e no imperativo, ordem, súplica, conselho.

Note que importante observação sobre o subjuntivo como modo peculiar da subordinação abaixo:

(...) o valor subordinativo do subjuntivo, era independente da conjunção. De si mesmo, sem conjunção, o subjuntivo podia ter valor subordinativo; é o que se vê nas orações justapostas. Há, em latim, muitos exemplos de subjuntivo de subordinação sem partícula conjuntiva: *nunc ego ille huc veniat velim* (Plauto “eu quisera que ele agora viesse cá”); *rogat finem orandi faciat* (César) “pede que ponha fim ao discurso”. (p.91)

Divide as orações subordinadas em geral em: a) completivas: 1) introduzidas por “quod, quia”, 2) por “ut, ne, quin, quominus”; 3) interrogação

indireta e 4) oração infinitiva. É bem didático o fato de apontar que as introduzidas por “ut” *podem ser finais ou integrantes* (p.92), assim aponta um cunho semântico ao invés de taxionômico como na preocupação dos manuais. Os exemplos são:

statuunt ut decem hominum... mittantur (César, B.G. 7, 21, 15): Decidem que sejam enviados dez mil homens.

Accidit ut esset luna plena (César, B.G. 4, 29, 1): Aconteceu que era luz cheia.

Note-se mais uma vez o valor didático dessa passagem, com critério semântico e não taxionômico: *As completivas com “quin, quominus” (também “ne”) indicam proibição, dúvida, impedimento.* Ainda semanticamente aponta como são formadas a interrogativas indiretas: *são introduzidas por pronomes e advérbios interrogativos. Também aparecem as partículas “-ne” e “num”.* (p.92) Quer dizer, o professor deve ter domínio da taxionomia, tão presente na gramática tradicional, mas deve procurar poupar o aluno, principalmente na iniciação.

Quanto à *consecutio temporum* entra também numa formulação simples e fácil, com uma regra geral:

dico (presente)

dicam (fut. imperf.): quid faciat (pres.subj.), quid fecerit ((imperf. subj.), quid facturus sit (locução verbal ativa do pres.subj. em lugar de fut.imperf. que só há no indicativo em latim)

(digo / direi que faz, que fez, que fará)

dixi

dicebam

dixeram : quid faceret (imperf. subj.), quid fecisset (mais-que-perf. subj), quid facturus esset (locução verbal ativa do imperf.subj. em lugar de fut.imperf. que só há no indicativo em latim)

(disse que faria, que tinha feito, que teria feito)

Enfim, a sua orientação é cotejar os sintagmas e observar que o sintetismo latino comparado ao analitismo português reside na morfologia: o português com emprego de partículas (artigos, preposições, palavras auxiliares: todas com o fim de unir os sintagmas) e num jogo de posição dentro da frase, semelhante ao que Machado de Assis realizou em *Memórias Póstumas de*

*Brás Cubas* quando marcou sua narrativa em primeira pessoa dizendo que não era *propriamente um autor defunto, mas um defunto autor* (Capítulo I, *Óbito do autor*) – ou seja, autor, no primeiro sintagma, é um substantivo, por conseguinte, núcleo do termo oracional e, no segundo, um adjetivo, daí, um determinante. Esse jogo sintático seria responsável em português pela distinção entre sujeito e objeto direto, como em *Romulus condidit Romam, Rômulo fundou Roma*. A frase latina admite múltiplas versões com a permuta de posição dos termos dentro oração, já que o que garante a significação sintagmática são as desinências, *-us* (usada para nominativo singular [sujeito]), como *Deus*), *-um* (marca de acusativo singular [objeto direto]), como a frase atribuída a Santo Ambrósio *Te Deum laudamus* [usada pelo Papa na fórmula simples: “*Te Deum*”]. Ponha-se em relevo a concordância verbal: sujeito / verbo; a regência: verbo e possível complemento.

Chama atenção para a sequenciação dos casos: nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo. Ele afirma ser preferível porque aproxima os casos que são iguais, o que é uma preocupação didática realmente válida. Não deixa, entretanto, de mostrar uma perda histórica da língua latina de sua base original, que é o indo-europeu, os casos instrumental e locativo, absorvidos pelo ablativo e as poucas situações que ainda restam de locativo, como *Romae, em Roma; Lugduni, em Leão; Carthagini, em Cartago* e outros como *humí, no chão, ruri, no campo*.

O ensino do latim deve começar pelas desinências casuais, a partir do quadro abaixo:

Obs. O caso latino é cumulativo	1.ª decl.		2.ª decl.		3.ª decl.		4.ª decl.		5.ª decl.	
	Sg.	Pl.	Sg.	Pl.	Sg.	Pl.	Sg.	Pl.	Sg.	Pl.
Nominativo – N.	A	i>ae	s Ø m	i a	s Ø	es a	s Ø	s a	S	es
Vocativo – V.	A	i>ae	e Ø m	i a	s Ø	es a	S Ø	s a	S	es
Acusativo – Ac.	M	S	m m	s a	m Ø	es a	M Ø	s a	M	es
Genitivo – G.	i>ae	Rum	I	rum	is	um	us	um	I	rum
Dativo – D.	i>ae	Is	O	is	i	bus	I	bus	I	bus
Ablativo – Ab.	A	Is	O	is	e (breve)	bus	U	bus	e	bus

Aproveitamos as sugestões do professor Sílvio Elia sobre quadro de desinências e tentamos uma simplificação, de valor didático. Portanto, se junta ao tema à desinência, diluir-se-á a preocupação estatística quantitativa, presente nos manuais tradicionais, os quais contabilizam mais de cinquenta desinências para memorizar. Donde, a primeira distinção se fará pela vogal temática com apenas cinco anotações:

- a) nominativo singular: primeira declinação sem desinência, mas com “s” nas outras, respectivamente: “*lupuS*” (lobo), “*aviS*” (ave), “*manuS*” (mão), “*reS*”. Nominativo plural “i” ou “s”: primeira com a ditongação “ae”; segunda, com “i” propriamente; as outras com o “S”; simplificamos em desinência zero (Ø) o grupo de palavras em *-er / -ir* (*puer, vir – menino, homem*); todo vocativo é igual o nominativo, no singular e plural, exceto na segunda declinação, cujo vocativo é “e” – isso basta, didaticamente;
- b) acusativo com a nasalidade no singular, representado pelo “m” e “s” no plural. Através do acusativo, caso lexicogênico, ou seja, aconteceu a formação de todas as línguas neolatinas, donde, dada a queda na evolução para o português, o nosso singular é zero e o plural se dá pelo acréscimo do “s”;
- c) o genitivo é ímpar, por isso, no singular, que é como a palavra está no dicionário, cada declinação tem o seu genitivo: “ae”, “i”, “is”, “us” e “ei”, respectivamente. No plural é “rum” ou “um”.
- d) o dativo antigo era “i”, ditongou na primeira, desapareceu na segunda, permanece nas outras; no plural é “is” nas duas primeiras e “bus”, nas outras;
- e) o ablativo singular é a própria vogal temática, sempre longa, mas na terceira é breve: “a”, “o”, “e”, “u” e “e”, sucessivamente. No plural ablativo é igual ao dativo.

Observação: zero = Ø. Julgamos mais didático tomar a desinência “s” em todas as declinações do que mergulhar na complexidade histórica, que é a realidade filológica do Latim, mas uma abstração. Também admitimos zero como desinência da primeira declinação, em vez “a breve” que se opõe ao “a longo” do ablativo, já que é mais didático. Recomenda-se que ao tema latino se junte uma desinência, por essa razão o tema latino é por supressão, ao passo que o tema português por adição. A supressão nos permite perceber, por exemplo, a formação por derivação do maior vocabulário nominal latino, que é a terceira declinação.

De modo que “pedal, pedalar etc.” com o elemento temático, “d”, que não está presente no português atual, na primitiva “pé”, bem como no Latim, “pés”; assim, como se poderia ligar pela forma o termo “lei” como cognata de “legislativo, legal, legalizar etc.”, pois, nestas há um “g” que falta à outra, primitiva “lei” – é porque a forma “lex” oculta no “x”, que é dúplice, ou seja, representa “cs / gs” na pronúncia, uma vez que o Latim Arcaico apresentava a indeterminação “Gaius / Caius”. A importância disso repercute no dicionário português, como o demonstrou o dicionário de elementos mórficos do Houaiss Eletrônico. Também ao se depara com um texto, a leitura em direção ao dicionário será a seguinte:

- 1) depreende-se “legum”, imediatamente destaca-se o genitivo plural “–um”,

obtém-se a forma “leg-”, como toda oclusiva recebe desinência “s”, daí, advém a assimilação “g +s = x”; é claro que se a forma fosse *leges* – ou *legem* – ou *lege* – etc., quer dizer, a palavra declinada em outros casos, deprenderíamos, obviamente, “leg-”, o iniciante não teria dúvidas de que está lendo corretamente a palavra no dicionário. Inclusive alguns dicionários já faz esta remissão, dispondo, didaticamente, o genitivo singular (*legis*: genitivo singular de *lex*).

#### 4 – Considerações finais

A questão do vocabulário já fora colocada por Lucrécio (99 – 55 a.C.), um elo da corrente formadora da linguagem literária latina (além de Lívio Andronico, pedagogo a partir de 240 a.C., Névio (265 -199 a.C.), também Ênio (239-169 a.C.), introdutor do hexâmetro datílico). O poeta de *De rerum natura*, *Sobre natureza das coisas*, notou que havia uma *rerum nouitatem*, *novidade de assunto* (I, 139), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio; daí, para superar a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*, recriou um novo item de processo de formação vocabular, tal como continuava a herança linguística entre os gregos, como no livro I: *squamigerum* (v.162) (*squamirger* = *squama* + *ger-* – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (*siluifragus* = *silua* + *frag-*, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (*mons* + *vagus* – o que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3, *frux*, + *fer-*, produto de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., *naufragium* (*nau* + *fragus* – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

Além da polissemia, que é comum a qualquer idioma, há ainda a questão do reduzidíssimo vocabulário latino, o que aumenta e bastante a dificuldade na tradução latina, como o professor Elia chama a atenção. Ao lado disso, levanta-se a formação vocabular portuguesa, cujo fundamento está contido principalmente nas características do Latim Vulgar, por exemplo, *periculum* resulta em português *perigo*, mas significa em Latim Clássico *experiência* – por vezes, pode aparecer com o sentido de *perigo*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

- \_\_\_\_\_. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ELIA, Sílvio. *O Ensino do Latim: Doutrina e Métodos*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*. Paris: Klincksieck, 1974.
- SILVA, Amós Coêlho da. & MONTAGNER, Aírto C. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- TUFFANI, Eduardo. *Os estudos latinos no Brasil*. *Clássica*, v. 13/14, nº. 13 /14, p. 393 – 402, 2000/2001.

# ECOS DO ROMANCE *O CORTIÇO* CONTRA O PRECONCEITO RACIAL NO 1.º CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DE ALUÍSIO TANCREDO GONÇALVES AZEVEDO

ANTÔNIO MARTINS DE ARAÚJO (UFRJ E ABRAFIL)

## Resumo

Basicamente o romance *O cortiço*, de Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo reproduz os conflitos entre os cortiços cariocas oitocentistas São Romão e Cabeça de Gato. O protagonista é o ambicioso comerciante português João Romão, amante da negra Bertoleza, a quem explorava descaradamente. Outros actantes importantes são o corno manso Miranda, cuja esposa Estela o “chifrava” com os caixeiros da casa comercial dele. O mau caráter e ocioso Botelho, sabendo que Estela transava com Henrique, praticamente detinha Miranda em suas mãos ávidas. Botelho também se faz de Cupido tentando levar Zulmira a casar com João Romão com vista a receber deste uma gorda recompensa. Acima do bem e do mal, destaca-se dona Isabel, que não se mete em encrencas. Concluindo, citem-se três tipos diversos de conflitos existentes na obra em estudo: o social, entre João Romão e Miranda; o sentimental, entre Bertoleza e Rita Baiana, e o de classes, entre os inquilinos do cortiço de João Romão e os moradores do sobrado, pertencentes à alta classe médio-burguesa carioca da época.

**Palavras-chave** - Esganação de dinheiro (João Romão e Miranda); vocação adúlterina (Estela, esposa de Miranda e amante de seus caixeiros); maquiavelismo interesseiro (Miranda e João Romão); paixão irrefreável (Rita Baiana e Bertoleza); honestidade de fachada (Augusta Carne-mole); parasitismo empedernido (Botelho); e solidão núbil (Zulmira).

Embora, neste romance, Aluísio Azevedo adote o ponto de vista externo, o do narrador onisciente, ele frequentemente opina a propósito do desenvolvimento da ação desempenhada pelas personagens da estória.

Graças ao seu espírito de sacrifício, João Romão tanto economizou em uma dúzia de anos, que se tornou proprietário de uma casa comercial e cedo se convenceu da capacidade de trabalho de Bertoleza, com quem logo se amigou

e passou a explorá-la.

Bertoleza era uma crioula trintona, que, de manhã, vendia angu e, à noite, peixe frito e iscas de fígado. Antes de conhecer João Romão, havia ela sido comborça de um cego de Juiz de Fora, mas logo caiu ela nas graças do quitandeiro, Inconscientemente, ao submeter-se à cupidez e à avareza de João Romão, Bertoleza era um belo exemplo da mestiçagem brasileira. Com uma carta de alforria, ele até a libertou.

Em razão de um polpudo dote recebido por sua esposa Estela, Miranda fechava os olhos para as relações adúlteras dela. Um era digno do outro. Ele, porém, não simpatizava com João Romão, por uma série de razões. Em razão das muitas novas construções no bairro, a localização do cortiço de João Romão lhe propiciou bons lucros.

Miranda nutria sentimentos de inveja e despeito para com João Romão, todavia se compensava de sua situação de corno consciente, em razão de sua consequente ascensão social. Por interesses meramente econômicos, hospedou Henrique em seu lar.

A adolescente Zulmira, de treze anos, é mostrada de corpo inteiro por Aluísio com suas virtudes e defeitos. Entre suas virtudes, uns belos e atraentes olhos negros, cabelos castanhos claros faziam dela uma verdadeira flor noturna; Entre seus defeitos, brancura fria de magnólia alternando com uma palidez anêmica, e pequeninas manchas rosas nas faces pintalgadas de sardas, etc.

Botelho, um setentão antipático e macilento, com cara de abutre e cheio de hemorroidas, depois de velho, feio, doente e medíocre; fora em seu tempo de moço, primeiramente comerciário, e depois corretor de escravos. Apesar disso, ao final da obra, desempenhará, papel importante por ocasião do projeto de casamento de João Romão.

O capítulo 3 do romance é o que melhor descreve o flagrante, extremamente vivo do aglomerado humano conhecido na cidade do Rio de Janeiro por cortiço. Em suas descrições predominam impressões sensitivas e os homens identificam-se com os animais irracionais.

Dentre suas principais personagens, destaca-se Florinda e Leandra, a machona; bem como, dentre Albino e Agostinho, é o personagem Alexandre que adota uma personalidade de acordo com a roupa que veste a cada momento.

Na visão do romancista, o apodo de Machona posto à portuguesa Leandra deve-se à sua ferocidade, a seus pulsos grossos e cabeludos, à altura dos seus berros e às suas ancas de animal do campo. Ao afirmar que os filhos dela não se pareciam entre si, Aluísio insinua serem de diferentes pais.

Ao final do romance, seu filho caçula Agostinho morre em consequência da queda desastrada de uma pedreira onde brincava. O romancista atribui a causas deterministas a prostituição de Léonie, a honestidade de Augusta Carne-mole, a leviandade de Leocádia, a lealdade de Rita Baiana e a esganação de dinheiro por parte de João Romão.

Como habitante do cortiço, ele sempre se mostrava chão, simples, comunicativo e mal-ajambrado; mas, como militar, exibia-se e nos trinques, pernóstico, orgulhoso e distanciado. Juju, a filha de Alexandre e Augusta Carne-mole, é criada pela madrinha Léonie, que exercia “as alegres artes”, de resto a mesma profissão de mulher fácil exercida por Pombinha e Marianita, por diferentes caminhos.

Leocádia, por exemplo, entregou-se facilmente a Henrique, em troca de um simples presente. Quanto à desvairada Paula, conhecida como a Bruxa, justo será ela quem, num surto de loucura, incendiará o Cortiço. Era “uma cabocla velha, meio idiota [...] feia, grossa, triste, com olhos desvairados [...] cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade”.

Florinda tinha “a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca.” Enfim, Albino era “um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescoço mole e fino.”

Depois de entregar-se a um caixeiro. Florinda passa de mão em mão. Por não agirem diferentemente do meio em que viviam (determinismo tainiano), destacam-se Rita Baiana e dona Isabel. Pombinha era um protótipo de fragilidade e beleza.

Em razão de seu método de trabalho e de seu temperamento, bem como de sua classe social, Aluísio distinguia dois grupos de lavadeiras. Rita Baiana é apresentada por ele aos seus leitores indiretamente através de outros personagens.

Jerônimo é espadaúdo, tem cara de Hércules e pescoço de touro, em suma é um homenzarrão. Tinha, porém, os olhos humildes como os de um boi de canga e exprimiam tranquila bondade.

O narrador exhibe a pedreira a Jerônimo como um monstruoso ser vivo imperturbável diante das picaretadas e dos explosivos que a aluíam, mas ele não vacila diante do desafio de vencê-la.

João Romão logo viu nele nova fonte de renda, pois os setenta mil réis que pagaria a ele pelo serviço de desbaste da pedreira lhe retornariam à gaveta em paga da moradia, da comida e dos mantimentos que lhe forneceria.

Concentrando nele os gastos que teria com os antigos empregados, os seus lucros aumentariam. Sabendo-se fisicamente bem dotado o possuidor

de forte personalidade, Jerônimo orgulhava-se de inspirar confiança aos envolvidos no trabalho.

Por outro lado, Leocádia considera Jerônimo e Piedade de Jesus pessoas remediadas. Tendo sido explorado por um posseiro de terra durante dois anos a fio, e de lá saído de mãos vazias, Jerônimo passou a antipatizar com a lavoura brasileira. Na roça, a contragosto, Jerônimo submetia-se a um trabalho concorrente com a mão de obra escrava.

Passando a habitar no cortiço de João Romão, Jerônimo torna-se personagem evolutivo, pois substituirá suas antigas qualidades de homem bom, trabalhador e metódico, hábil e forte, sério e puro, observador e perseverante; por outras qualidades exigidas pelo meio citadino.

Nele, bom católico que era, até se tornou irmão de uma ordem terceira, e se tornara saudosista e sentimental. O capítulo 6 da obra não só apresenta Rita Baiana, mas também mostra uma das causas da perversão de Pombinha; enquanto no capítulo sete informa ser o mulato Firmo atlético e valente, delgado e ágil, entre outras qualidades; ao passo que Jerônimo é um touro de forte, espadaúdo e trabalhador.

Por outro lado, a mãe de Rita Baiana era também tão valente, que seria capaz de arrancar as tripas ao valentão famoso Manduca da Praia; enquanto o português amigo de das Dores é fundamentalmente apreciador de leitão de forno regado a vinho virgem, relaxado no vestir e falador como ninguém.

Libório, outrossim, além de desconfiar até da própria sombra, é avarento e hipócrita. Enquanto o atual amante de Rita, o Firmo, na óptica do narrador onisciente, “era um mulato pachola, delgado de corpo e ágil como um cabrito, capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas [...]”; enquanto o tipógrafo Porfiro, de cabelo encarapinhado, não dispensava sua gravata de cor e sua bengalinha encastoadada de prata [...].

Um trio de personagens destacava-se por suas habilidades musicais, a saber: Jerônimo na guitarra, Firmo no violão e Porfiro no cavaquinho. As músicas executadas pelo trio levavam à loucura os lúbricos pares dançantes.

O fascínio que Rita Baiana provocava em Jerônimo, modificando-lhe profundamente antigos hábitos, tornou-o um personagem evolutivo. Senão vejamos: deixou de almoçar na pedreira com os companheiros para almoçar em casa com ela; porém mal tocou na comida que ela lhe preparara, deitou-se na cama para descansar, e não retornou ao serviço na pedreira.

Vejamos as características de cada uma delas: enquanto a esposa dele, a Piedade é fechada, triste, mal cheirosa e sexualmente fria; Rita Baiana é comunicativa e cordata, alegre e perfumada e principalmente bastante sensual. Neste aspecto, esse casal se assemelha ao de João Romão com sua comborça

Bertoleza.

*Mutatis mutandi*, por diversos motivos, a inconstante, e fiel e leviana Leocádia trairia o marido Bruno com o Henriquinho, morador do sobrado. Diante da briga entre Leocádia e Bruno, o Albino tentou reconciliá-los com o argumento de que eram falsas as aparências; a Machona o descompôs verbalmente e o expulsou de casa; dona Isabel, impassível, deitava sobre o ruidoso desfecho um olhar lastimoso; e, enfim, Augusto deplorava o fato de que aquela fosse à cata de homens, tendo o seu próprio em casa.

Confrontando-se o que o romancista disse de Jerônimo no cap. cinco com o que ele diz no nove, diante da profunda mudança de hábitos que dele se operou, pode-se classificá-lo como personagem evolutivo. Vejamos por que, de trabalhador metódico que era, tornou-se contemplativo e amoroso; de bom observador, habilidoso e perseverante, tornou-se perdulário e imprevidente; de hercúleo, respeitado e até temido, teve a força física definhando à proporção que os seus sentidos se apuravam.

Citemos exemplos dessa mudança: a cachaça cedeu lugar ao vinho virgem, e o cafezinho brasileiro pediu logo um cigarrinho. Jerônimo banhava-se diariamente e, aos domingos, perfumava a barba e os cabelos, e reclamava de Piedade maior asseio consigo mesma, pedindo-lhe substituísse seus caldinhos lusitanos por uns pitéus brasileiros.

Eis agora o recurso do escritor a algumas antecipações do enredo: Piedade intuiu que, ao abasileirar-se de todo, Jerônimo poderia vir a desprezá-la, e tratou logo de reformar cama e mesa. Por sua vez a Machona desaconselharia a Jerônimo e Piedade morarem na casa nº 35, porque lá morara também a Maricas do Farjão, e era de mau agouro.

Enfim, presentiu Jerônimo que os cabelos crespos brilhantes e cheirosos de Rita Baiana se tornariam um ninho de cobras a devorar-lhe o coração. Lembre-se o arquétipo da Medusa na mitologia grega. Ainda por cima, Jerônimo passou a interessar-se pelo destino da Leocádia, só como simples pretexto para falar com Rita.

A luta corporal de Firmo com Jerônimo adveio do fato de aquele haver surpreendido este último em colóquio com Rita Baiana. Aquela briga, já citada, entre Bruno e Leocádia, constituiu-se para o autor um escândalo parecido com o que ocorreu entre a velha Marciana e sua filha Florinda, que “toda ela estava a pedir homem”...

Quem ganhou com o episódio que afastou Domingos, de Florinda, foi o próprio João Romão, que, não pagando salário ao caixeiro, inviabilizou o dote que este deveria oferecer a ela. Eis senão quando Miranda foi agraciado pelo governo português com o título de Barão do Freixal.

Convidado por Miranda para participar da festa pelo recebimento do título, João Romão, sentindo-se inferiorizado a ele por ser apenas dono de um cortiço, com uma pontinha de inveja, não compareceu à aquela cerimonia.

Sabendo-se bem entoadada, Rita Baiana soltava de vez em quando sua voz canora acompanhada pelo violão do Firmo, de modo a assoalhar a latente rivalidade entre este e Jerônimo.

O romancista contrasta as virtudes do brasileiro Firmo (nervosismo e agilidade – um verdadeiro gato maracajá) com as do português (tranquilidade e força, um verdadeiro touro). Ao fim da briga, Rita Baiana se enche de orgulho ao ver que a agilidade de Firmo triunfou sobre a força de Jerônimo.

Enquanto se engalfinhavam, “Piedade berrava reclamando a polícia” e “o terror arrancava gritos agudos”. Logo, logo, “ouviam-se apitos soprados com desespero” e “os apitos esfuziaram mais assanhados”.

À época, os policiais eram eufemisticamente chamados de urbanos por alguns, enquanto por outros, os policiais noturnos eram disfemisticamente apelidados de morcegos. O horror que os moradores nutriam pelos policiais devia-se ao temor daqueles que estes destruiriam tudo em seus cubículos.

Enfim “a natureza colaborou com a polícia, destruindo algumas casas”. O prejuízo será recuperado por João Romão com o aumento do preço dos alugueis e o dos gêneros de primeira necessidade de sua bodega.

O “espírito de coletividade,” porém revelou-se durante a doença de Jerônimo, na ausência de denúncias, apesar da invasão da polícia nas casas, quando da luta entre os cortiços, na qual Pombinha não se envolveu.

Apesar de sua índole melancólica e introspectiva, foi simplesmente escabrosa a cena que houve na casa de Léonie entre Pombinha e a prostituta. Enquanto a relação homossexual entre Léonie e Pombinha, luxuriosa e irracional, foi narrada em *flash-back*; a iminente menstruação de Pombinha é antecipada pelo autor com poéticas alegorias da fecundante natureza.

Na estalagem, a alegria de dona Isabel não era compartilhada apenas por Albino, Rita Baiana e os italianos. Enquanto Bruno, morto de saudades da esposa Leocádia, escrevia-lhe uma carta, Pombinha apenas via no cortiço uma “massa informe de machos e fêmeas” concupiscente; rivalidades (como a existente entre Firmo e Jerônimo); adultério (como o da esposa do corno manso Miranda); e a exploração do homem pelo homem, como a que sofreu o burro de carga Domingos perdendo seu emprego.

De resto, Pombinha via no seu noivo João da Costa apenas um reprodutor da espécie. Retornando Jerônimo do hospital, Rita Baiana falta ao encontro marcado com Firmo. Como este já notasse o crescente desinteresse dela por ele, e o conseqüente esfriamento de suas relações, ele começa a

desconfiar dela.

Por sua vez, Jerônimo deixa crescer barba e cabelo até poder vingar-se de Firmo, matando-o com a ajuda de amigos que seriam pagos pelo serviço para tal fim já se informara sobre a vida de Firmo com seus amigos Zé Carlos e Pataca, e tratara logo, para assoalhar sua liberdade, de separar-se de Piedade, ficando responsável pelos estudos da filha.

A negra Florinda, filha de Marciana, lavadeira do cortiço, entregara-se ao Domingos, caixeiro da venda, e abandonaria o cortiço por causa da mãe, seguindo “o destino traçado por seu corpo”. Outrossim, quando a filha se desencaminhou na vida, Marciana perdeu o juízo. Por outro lado, o assassinato de Firmo foi pura covardia: além de bêbado e desarmado no momento da luta, seus vários agressores estavam suficientemente armados para perpetrar o crime.

Por condicionamentos mesológicos, Jerônimo trocou Piedade por Rita Baiana, mas não cumpriu a promessa de continuar a pagar a escola da filha. Em sua excitação, ao intuir-se prestes a ser abandonada por Jerônimo, Piedade começou a tresvariar crendo ver coisas e fatos inexistentes, e culpou o sensualismo e a luxúria por haver sido abandonada por Jerônimo, pois soubera que ele fora buscar a roupa do hospital, fora visto saindo do cortiço e ter estado bebendo com os amigos. Como último recurso, ajoelhada diante do oratório da casa, apelou para os santos de sua devoção.

A luta entre os dois cortiços fazia lembrar as lutas medievais: mesmo número de combatentes rivais portando cada grupo uma bandeira e executando sua própria música, primava pelo cavalheirismo.

O cortiço de São Romão atribuía a seus companheiros a alcunha de Carapicus, nome do peixe frito vendido por Bertoleza à porta da estalagem. Travada a luta, “os cabeças de gato, leais nas suas lutas de partido, abandonaram o campo sem votar o rosto.” Sob o comando de Porfiro, nenhum dos carapicus feriu pelas costas a qualquer contendor. Com um azougue, “Porfiro, sempre a cantar ou assobiar, saltava em todas as direções, sem nunca ser alcançado por ninguém.”

A verdade é que o incêndio atribuído à Bruxa, além de acarretar um prejuízo econômico para seus moradores, alguns dos quais morreram em consequência dele, e a destruição de algumas casas, só beneficiará a João Romão, como adiante veremos.

Durante o incêndio, fazendo-se este de solidário, foi ao encontro do desvalido Libório, aproveitando-se da confusão para furtar-lhe as economias. Conhecendo, porém, “a peça”, com um misto de medo e desconfiança, de decrepitude e animalidade, o rechaçou à altura. Na madrugada do incêndio

temendo que Bertoleza visse toda aquela dinheirama, João Romão não contou o dinheiro do dia.

Em meio do desespero e do medo dos atingidos pelo incêndio, o único a comprazer-se com a desgraça alheia foi João Romão, que já avaliava os lucros que dele auferiria. Além de um italiano e a filha de Augusta, morreriam no incêndio Libório e a própria Bruxa. Por outro lado, Miranda, ambicionando empurrar a própria filha a João Romão, para disso tirar partido, lamentava o concubinato dele com a sua crioula.

Libório, outrossim, rejeitou a ajuda do comerciante por não desejar que ele visse os quase sete contos válidos que ele escondia em garrafas. Ao dinheiro já fora de circulação do Libório, João Romão desejava passar como troco a alguns ingênuos fregueses. Logo após a limpeza dos destroços do incêndio, João Romão procedeu a reconstrução do cortiço, com vista à aquisição de inquilinos mais abonados. Como a rivalidade para com o cortiço Cabeça de Gato era muito grande, os que ficaram sem casa foram aboletados desordenadamente à espera de novos cômodos.

Com o progresso de sua atividade comercial, João Romão passou a caprichar no visual, vestindo-se melhor a fim de participar das atividades sociais à sua disposição, mudando assim, de vez, sua filosofia de vida. A despeito da verdadeira adoração que Bertoleza nutria por ele, João Romão começou a desdenhar da mulata, com vista a um melhor partido, que adiante veremos.

Em razão de seus propósitos com Rita Baiana, Jerônimo também passou por grande transformação. Do perdulário que era, passou a ser econômico; do preguiçoso de antes, tornou-se trabalhador, de irresponsável, passa a assumir seus deveres; deixa a apatia anterior para revelar-se um declarado saudosista.

Outra personagem evolutiva, a Piedade de Jesus, preferiu a sobriedade à bebedeira; de caidinha, a conservada; de tristonha, a plena de alacridade. O fato de chamarem de senhorinha à filha de Piedade revela carinho e respeito por suas novas atitudes. Ignorando, outrossim, a trilogia de Hipólito Taine – de que o ser humano, via de regra, é um produto da raça, do meio e do momento histórico, Jerônimo ajuíza erroneamente as boas relações existentes entre Pombinha e o marido.

Com a nova vida que passa a levar, Jerônimo se recusa a receber de volta a mulher: sentia vergonha do que havia feito, e se autocondena enchendo-se de intranquilidade e insatisfação. Com as novas edificações do cortiço, e com a higienização e o melhoramento da iluminação, João Romão conseguiu novo tipo de moradores.

Enquanto Piedade se degrada física e moralmente, o Albino se esmera na arrumação de sua nova moradia. Enquanto Agostinho e Marciana apresentam dúbio comportamento, o hóspede estafeta é marcado pela rotina e pelo egoísmo. Os mascates italianos caracterizam-se pela sujeira, pelo praguejamento, pelo falar alto e pela não integração com os demais moradores.

Apesar do capricho com que mobiliou seu lar para receber sua futura esposa, João Romão mantém seu espírito de economia. Apesar da cega fidelidade que Bertoleza lhe dedicava, João Romão começa a marginalizá-la para o decisivo abandono, pois seu casamento com Zulmirinha lhe proporcionaria não só aumento de patrimônio, mas também (e principalmente) a ascensão social que tanto cobiçava.

Berlaleza seria uma página virada em sua vida. Agora João Romão já poderia concorrer com Miranda em moradia a altura, riqueza, titulação e prestígio. O maquiavélico Botelho se encarregará de dar uma solução ao “problema da crioula”. Passando de varejista a atacadista, o relacionamento de João Romão com Bertoleza era de constrangimento e desconfiança.

Aristocratizando-se, o cortiço passou a cobrar preços mais elevados aos novos moradores. A estes se faziam várias exigências, pois se tornara um tipo superior de moradia. Do cortiço São Romão, só o Alexandre se constitui um personagem evolutivo, enquanto permanecem estacionárias Augusta Carmole, Marciana, Machona e Nenen. Vários personagens têm um final trágico: Marciana morre no hospício, Pombinha se prostitui e dona Isabel morre de desgosto. Além de Pombinha, Leonie, Marianita e, depois, Juju.

Ao final do romance, o protagonista evolutivo João Romão nem mais se parece com o antigo taverneiro que era: futuro visconde, metido em um terno de casimira clara e apoiado em seu guarda-chuva com cabo de marfim, consultava o relógio de vez em quando, sem deixar a porta, era só sorrisos e solitudes, convidando as pessoas a que tomassem alguma coisa.

Era só gente abastada que entrava e saía da Casa Pascoal; janotas soltavam baforadas de seus charutos, senhoras em vestidos de seda faziam seus lanches regados a vinho do porto sob um cheiro agradável de essências e vinagres aromáticos. Zulmira, à frente do grupo, elegante em seu vestido cor de palha colado ao corpo, e Estela com sua fria e inalterável máscara de mulher em sua torre de marfim.

Miranda acompanhava-as, cuidadosamente escanhado, colarinho e chapéu altos, fitinha ao peito e sapatos de verniz; enquanto João Romão, vestido em um fato novo de casimira clara aguardava a família de Miranda retornar das compras. Só Botelho continuava sonhando com a carreira militar.

Finalmente, a chegada dos abolicionistas após o suicídio de Bertoleza é de uma ironia sem par. Sem se perder de vista que Aluísio Azevedo era um exímio desenhista, talento que desenvolveu e aperfeiçoou em aulas com o velho Tribuzi em sua juventude São-luisense, usou dessa aprendizagem para pintar seus personagens. Haja vista que, ao chegar ao Rio de Janeiro pode desenhar caricaturas para os jornais gaiatos da época como o *Mequetrefe*. Por exemplo, cito-lhe a descrição física com traços singularizantes que ele fez da Bruxa.

Várias espécies de conflito afloram em *O Cortiço*, como o de classes (cortiço x sobrado); o social (João Romão x Miranda); e o sentimental (Piedade x Rita Baiana). Também afloram vários tipos de inconformismo, como o contra a escravidão (Bertoleza); contra o abandono (os pobres da primeira fase do cortiço); e contra a polícia (por causa das invasões ao cortiço).

Apesar da filosofia Realista/Naturalista recomendar a maior isenção possível do narrador, Aluísio frequentemente opina sobre o comportamento de seus personagens, como fez sobre a embriaguez de Jerônimo na pág. 95 da edição carioca de 1890, do seguinte modo:

Sóbrio como era [Jerônimo], e depois daquele dispêndio de suor, o álcool produziu-lhe logo de pronto o efeito voluptuoso e agradável de embriaguez nos que não são bêbedos: um delicioso desfalecer de todo o corpo; alguma coisa de longo espreguiçamento que antecede à satisfação dos sexos, quando a mulher, tendo feito esperar por ela algum tempo, aproxima-se afinal de nós, numa avidez gulosa de beijos.

Além de respeitar as unidades clássicas de tempo e lugar, essa obra aluisiana caracteriza-se no gênero romance em razão de apresentar uma simultaneidade de histórias com dramas. Combatendo, como combateu literariamente, a discriminação social, esta obra caracteriza-se como romance de tese.

### **Tentativa de síntese estrutural do romance *O Cortiço***

Merecido destaque para o principal actante da obra, o protagonista João Romão, em torno do qual acontecem seus principais conflitos, bem como para com seu confidente e personagem de apoio Botelho, que desatará alguns nós ao final da obra.

Pelas razões expendidas no lugar apropriado desta análise literária, conflitam entre si, desde o cortiço São Romão com o Cabeça de gato; como alguns dos seus actantes principais, como Miranda x Estela; João Romão x

Bertoleza; Piedade x Rita Baiana.

A leviana Estela, muito depois de sua primeira infidelidade conjugal, insinua-se aos caixeiros do seu marido, quando estes subiam para almoçar ou jantar na casa dos patrões.

O inescrupuloso comerciante Firmo consegue fazer crescerem os seus bens à custa de enganar seus fregueses. Nunca deixava de receber seus créditos, porém, sempre que possível, deixava de quitar suas dívidas.

Rita Baiana insinuava-se aos homens saracoteando os quadris, toda enfeitada e perfumada, exibindo-lhes seus lindos dentes alvos e brilhantes, tão apreciados por seus admiradores enrustidos.

Enquanto isso, o vagabundo e mau caráter Botelho, à falta de um emprego, acordava às oito horas da manhã, lavava-se no quarto com uma toalha umedecida em espírito de vinho, lia os jornais, e, após o almoço, postava-se em uma charutaria da rua do Ouvidor até as horas do jantar.

Parasita agregado à casa de Miranda e detentor de segredos de família, como a traição de Estela e Henrique contra Miranda, fez o papel de Cupido a fim de fazer casar Zulmira com João Romão ambicionando receber deste uma gorda recompensa. A coabitação de Miranda com Estela só foi possível a outros interesses, além do sexo, como os pecuniários.

Por estar acima do bem e do mal, dona Isabel destaca-se de João Romão, Rita Baiana, Jerônimo e Libório, visto que cada um a seu modo tem suas ações movidas pelo interesse.

De temperamento indolente, não tinha qualquer mérito a “honestidade” de Augusta Carne-mole. Tudo nela era pura preguiça. Destaquem-se aqui, pelo menos, três conflitos no romance em estudo: o social, entre João Romão e Miranda; o sentimental, entre Piedade e Rita Baiana; e o de classes, entre o cortiço e o sobrado.

Como obra empenhada em fazer do Brasil uma nação cada vez melhor, o romancista maranhense aborda nessa obra as dificuldades da abolição da escravatura; a necessidade da construção de mais casas populares para atender à pobreza desvalida; e o da ascensão de uma classe urbana que começava a formar-se na cidade do Rio de Janeiro.

Enfoca aí também o fato de que a mulher é geralmente vítima de uma estrutura que a deixa sem liberdade, tornando-a uma figura apagada no meio familiar.

Através da figura de Alexandre, destaca a importância do militarismo, reflexo da bem sucedida Guerra do Paraguai, e a formação do marginalismo populacional, resultante de uma civilização burguesa e urbana, que ora se instalava nesta cidade do Rio de Janeiro.

Embora a história date de uma época um pouco anterior à publicação do romance em tela, por apresentar uma estória com princípio, meio e clímax (o incêndio do Cortiço) e conclusão, é um romance fechado; e não uma obra aberta a desdobramentos posteriores fundamentais; e o tempo físico é narrado cronologicamente progressivo com “flash-back.”.

Como romance de tese, com uma simultaneidade dramática de núcleos distintos, o Cortiço, além de respeitar a unidade clássica de tempo e espaço, denuncia injustiças sociais, no afã de uma visão crítica da realidade de nosso país àquela época. O Naturalismo e o Existencialismo de pós-guerra elegeram como personagens os clientes dos psiquiatras; enquanto na segunda metade do século XIX, a sociedade burguesa.

O ideal do homem comum é passar bem, e torna-se comum o matrimônio por conveniência. Certamente há toda uma cadeia de desdobramentos do Naturalismo/ Realismo, que se inicia com as obras do francês Emile Zola, passa pela pena do português José Maria Eça de Queiroz e “explode na do maranhense Aluísio Azevedo, um demolidor de preconceitos”, com seus apreciados e pioneiros romances naturalistas.

Contra o preconceito racial, publicou, ainda em sua juventude maranhense, *O mulato*, cujo maquiavélico e inescrupuloso antagonista – o Cônego Diogo fez com que a cúria metropolitana ludovicense o obrigasse a autoexilar-se na cidade do Rio de Janeiro, de onde despontou para o mundo.

Seguiram-se-lhe os festejados romances *O Cortiço*, contra o preconceito social; *O Livro de uma sogra*, contra o preconceito sexual; *Casa de pensão* e *O homem*, que abordam o preconceito contra a histeria feminina; e finalmente o *Livro de uma sogra*, que defende a tese do adultério necessário ao permanência da felicidade no casamento oficial.

Partindo-se do que preceitua Cervantes “[...] em nenhum momento o cavaleiro e o escudeiro empregam a mesma linguagem, mas cada qual a sua”; conclui-se que o romancista maranhense, na obra em apreço, procedeu com muita competência linguística ao retratar a *koiné* brasileira da época ao fazer falarem os personagens de acordo com sua classe social, ora usando termos e expressões de boa cepa lusitana, ora expressões nitidamente populares e gírias nossas.

Finalmente ao nível da linguagem característica do Realismo/ Naturalismo, Aluísio procurou retratar a verdade tal como ela era, preferindo utilizar substantivos a adjetivos, numa seleção vocabular, com o controle da emoção, do sentimentalismo e da artificialidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves. O cortiço. São Paulo, Martins, 1967. Prefácio de Sérgio Milliet.

CARNEIRO, Agostinho Dias. O Cortiço / em múltipla escolha. Com 326 questões sobre as obras de Aluísio Azevedo e um glossário de 500 lemas.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro de meu tempo. Vol. 1 das Edições do Senado Federal. 680 p.

WERS, Carlos. O Rio Antigo de Aluísio Azevedo. Rio de Janeiro, ed. do Autor, 1994. 185 págs. Apresentação de Mário Barata.

# CAMÕES E AS FÓRMULAS LAPIDARES EM *OS LUSÍADAS* CASTELAR DE CARVALHO (UFRJ E ABRAFIL)

**Resumo:** Estudo das frases lapidares em *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

**Palavras-chave:** Camões, *Lusíadas*, frases lapidares.

**Abstract:** Study of sententious phrases in *Os Lusíadas* by Luís de Camões.

**Keywords:** Camões, *Lusíadas*, sententious phrases.

## Introdução

Epopéia histórica da nacionalidade portuguesa, o monumental poema épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, publicado em 1572, contém 8816 versos, distribuídos em dez cantos e 1102 estrofes em oitava rima. Tem por herói coletivo o povo português (“o peito ilustre lusitano”) e por assunto, fio condutor da narrativa, a viagem de Vasco da Gama às Índias (1497-1499). Camões (1524-1580) celebra o passado nacional e a história da formação do Estado português, por meio da exaltação de seus heróis e guerreiros ilustres, que, na visão triunfalista e patriótica do poeta, desempenharam importante missão civilizadora, “dilatando a Fé, o Império (note-se a precedência da Fé sobre o Império) e as terras viciosas de África e de Ásia”. É bem verdade que essa motivação cristianizadora coexiste com a presença do maravilhoso pagão no poema, mas esse dualismo, aparentemente contraditório, é próprio da literatura renascentista.

Singrando com ousadia e coragem “mares nunca de antes navegados”, os soldados e marinheiros portugueses deram início aos tempos modernos e à era dos grandes descobrimentos marítimos que resultaram na expansão colonial e cultural da Europa sobre os demais povos e continentes. Nesse sentido, na visão nacionalista de *Os Lusíadas*, os portugueses foram pioneiros, pois “entre gente remota edificaram novo reino que tanto sublimaram”.

Além da parte épica propriamente dita (relatos históricos, narrativas de batalhas, descrições da viagem), Camões introduziu no poema aquela que é considerada esteticamente sua melhor parte: a dos episódios impregnados de tocante lirismo, como é o caso da tragédia de Inês de Castro, “a mísera e mesquinha, que depois de ser morta foi rainha”; da desventura amorosa do infeliz gigante Adamastor, que, metamorfoseado em rocha, confessa patético: “Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo/E, junto dum penedo, outro

penedo”; do velho do Restelo (uma das vozes ficcionais da narrativa; para alguns, o próprio Camões), que, “Cum saber só de experiências feito”, procura alertar a consciência nacional contra os inconvenientes morais e políticos da aventura marítima portuguesa, recriminando, em altos brados, a “glória de mandar, a vã cobiça/Desta vaidade a quem chamamos Fama”. Merece também destaque o episódio da Ilha dos Amores, marcado por inusitado erotismo lírico e interpretado como um prêmio de Vênus, a deusa do amor, a Vasco da Gama e aos seus ousados marinheiros, que, nos braços das ninfas sensuais, se refazem dos percalços da atribulada viagem marítima: “Acende-se o desejo, que se ceva/Nas alvas carnes, súbito mostradas”.

Quanto ao estilo de *Os Lusíadas*, este é solene e grandiloquente, numa palavra, é sublime, como é próprio de toda epopeia, sendo importante destacar a mais notável virtude presente no texto: o excepcional domínio de Camões sobre a linguagem, a ponto de ser ele considerado o fixador de nossa língua literária.

Como decorrência do ideário nacionalista e encomiástico do poema, suas estrofes apresentam, não raro, um estilo oratório no qual sobressaem inúmeras frases lapidares, “fórmulas cantantes, que se fixaram na tradição nacional letrada”, como ressaltam Saraiva & Lopes (1985:345). Situam-se, em geral, nos dois últimos versos de cada oitava, com feição de verdadeiros epifonemas, espécie de fecho de ouro a arrematar o pensamento do poeta. Expressas (a maioria) em decassílabos heroicos (tônica nas sílabas 6<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>), são motivadas por reflexões filosóficas e pessoais, às vezes em tom amargo, às vezes sentencioso ou confessional. Algumas frases tecem-se de observações metalinguísticas, outras de comentários impregnados de puro lirismo ou de religiosidade. Mas o que mais chama a atenção nessas fórmulas lapidares é o tom de exaltado patriotismo presente na maioria delas.

Reproduzimos abaixo as fórmulas lapidares pesquisadas, distribuídas pelos respectivos campos semânticos e acompanhadas de breve comentário elucidativo. Observe-se que, em alguns casos, foi necessário citar mais de dois versos, para evitar que o pensamento do poeta ficasse desfigurado. Em outros casos, basta um verso isolado para configurar o exemplo (Cantos I, 68 e III, 138).

## FÓRMULAS LAPIDARES

### Metalinguagem

Observações do autor sobre o seu processo de criação poética e sobre a valorização da linguagem literária. Revelam muito engenho (talento) e muita arte (técnica), apesar de Camões, por falsa modéstia, dizer-se privado desses dois atributos poéticos.

Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (I, 2)

E na língua, na qual quando [Vênus] imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a latina. (I, 33)

A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda grandíloca escritural! (V, 89)

É não se ver prezado o verso e rima,  
Porque quem não sabe arte não na estima. (V, 97)

### Reflexões filosóficas

Tratam do “desconcerto do mundo”, da ação corrosiva do tempo e da precariedade da condição humana, temas constantes na poética camoniana. Note-se o tom sentencioso e de advertência contido na maioria dos versos, a revelar convicções pessoais decorrentes do pragmatismo filosófico do poeta, do qual não se excluem certos laivos de moralismo suasório. Em alguns casos, Camões deixa transparecer seu lado crítico, revelando descrença nos dirigentes da nação e no povo português e até mesmo nos religiosos, como se vê no Canto X, 150.

Que nunca tirará alheia inveja  
O bem que outrem merece e o céu deseja. (I, 39)

Não tornes por detrás, pois é fraqueza  
Desistir-se da cousa começada. (I, 40)

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (I, 68)

Porque sempre por via irá direita  
Quem do oportuno tempo se aproveita. (I, 76)

Mas pôde suspeitar-se facilmente,  
Que o coração pressago nunca mente. (I, 84)

Que aonde a gente põe sua esperança  
Tenha a vida tão pouca segurança! (I, 105)

Que onde reina a malícia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio. (II, 9)

E quem vos fez molesto tratamento  
Não pode ter subido pensamento. (II, 86)

Que um fraco rei faz fraca a forte gente. (III, 138)

Torne-vos vossas forças o rei novo,  
Se é certo que co rei se muda o povo. (IV, 17)

Que assim vai alternando o tempo iroso  
O bem c'o mal, o gosto co'a tristeza. (IV, 51)

Me disse: – As cousas árduas e lustrosas  
Se alcançam com trabalho e com fadiga. (IV, 78)

Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo. (IX, 83)

Melhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer. (IX, 93)

Não vence; que a vitória verdadeira  
É saber ter justiça nua e inteira. (X, 58)

Os que são bons, guiando, favorecem,  
Os maus, enquanto podem, nos empecem. (X, 83)

Que o bom religioso verdadeiro

Glória vã não pretende nem dinheiro. (X, 150)

### **Lirismo**

Camões não seria Camões se não falasse do amor, tanto o espiritualizado, como o de Inês de Castro, quanto o sensual, das ninfas da Ilha dos Amores. O amor alegorizado do gigante Adamastor, as vicissitudes da vida e o comportamento moral do homem, tratados liricamente, também merecem destaque em seu poema épico. Nesse sentido, a presença do lirismo em *Os Lusíadas* constitui uma compensação, um feliz contraponto ao seu arrebatado conteúdo épico. Os que conhecem a obra lírica do maior poeta renascentista português sabem que, nesse ponto, ele foi insuperável.

Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi rainha. (III, 118)

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,  
.....  
A estas criancinhas tem respeito. (III, 127)

Cum saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito; (IV, 94)

– Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama! (IV, 95)

Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo! (V, 56)

Não somente [o amor] dá vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda não nascidos. (IX, 32)

Nuas, por entre o mato, aos olhos dando  
O que às mãos cobiçosas vão negando. (IX, 72)

### **Patriotismo**

Os versos abaixo são passagens lapidares que acabaram por se fixar na nossa memória coletiva, como é o caso dos fragmentos contidos nos

Cantos I, 1, I, 3 e VII, 14. Impregnados de vibração patriótica, exaltam os feitos militares e marítimos dos portugueses, assim como enaltecem o próprio poema *Os Lusíadas*, contrapondo-o às epopeias fantasiosas da Antiguidade clássica, ao ressaltar que os fatos nele narrados, ou recriados literariamente, são verídicos, pertencem à História, e não à imaginação do poeta. O que fez Camões foi dar-lhes tratamento poético. E que tratamento!

Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,

.....  
E entre gente remota edificaram  
Novo reino que tanto sublimaram. (I, 1)

Que eu canto o peito ilustre lusitano,  
A quem Netuno e Marte obedeceram. (I, 3)

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta. (I, 3)

Que [o canto] se espalhe e se cante no universo  
Se tão sublime preço cabe em verso. (I, 5)

Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno. (I, 10)

Os vossos, mores cousas atentando,  
Novos mundos ao mundo irão mostrando. (II, 45)

Mais razão há que queira eterna glória  
Quem faz obras tão dignas de memória. (II, 113)

Defendei vossas terras, que a esperança  
Da liberdade está na vossa lança! (IV, 37)

Na quarta parte nova os campos ara;  
E, se mais mundo houvera, lá chegara. (VII, 14)

### **Religiosidade**

A pesar de recorrer à mitologia pagã como elemento alegórico,

Camões faz questão de ressaltar, como se vê nos versos abaixo, a motivação cristã dos descobrimentos marítimos portugueses, que tinham por objetivo não só dilatar o Império, mas, sobretudo, a Fé, ou seja, o Cristianismo, levado às “terras viciosas” pelos navegantes lusos. Aliás, o texto de *Os Lusíadas* deixa bem claro que o grande inimigo dos portugueses eram os mouros “infiéis”, ou seja, os árabes propagadores do islamismo.

Pouco val coração, astúcia e siso,  
Se lá dos céus não vem celeste aviso. (II, 59)

Quanto mais pode a Fé que a força humana. (III, 111)

É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende. (X, 80)

### **Informações autobiográficas**

Nas passagens abaixo, Camões se autodefine como soldado-poeta (Cantos VII, 79 e X, 155). Os versos revelam também que o genial autor de *Os Lusíadas* não tinha ilusões a respeito de seu próprio destino (Cantos X, 128 e X, 145), chegando a queixar-se da ingratidão de seus contemporâneos, que não souberam valorizar sua obra poética. Note-se, a propósito, o tom amargo e denunciador presente em alguns versos. Por outro lado, Camões faz questão de enfatizar, com certo orgulho, que seu estro poético é o resultado da conjugação de três fatores (a tríade é frequente em sua pena): estudo, experiência e talento (Canto X, 154).

Nũ’a mão sempre a espada e noutra a pena. (VII, 79)

Naquele cuja lira sonora  
Será mais afamada que ditosa. (X, 128)

O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Duma austera, apagada e vil tristeza. (X, 145)

A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,

Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando. (X, 153)

Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente. (X, 154)

Para servir-vos, braço às armas feito,  
Para cantar-vos, mente às Musas dada. (X, 155)

### **Conclusão**

As fórmulas lapidares acima estudadas traçam um esclarecedor perfil de Luís de Camões e destacam características importantes do imorredouro poema épico *Os Lusíadas*, obra-prima do Classicismo em terras lusitanas. Contribuem para fixar uma imagem singular do glorioso poeta renascentista português, ressaltam sua mundividência e certos aspectos relevantes de sua existência atribulada, para cuja perdição se conjuraram, em suas próprias palavras, “erros meus, má fortuna, amor ardente”. Essas fórmulas lapidares revelam também o gênio criativo e insuperável de Camões, autor da mais importante obra poética da literatura de língua portuguesa. Mas contribuem, sobretudo, para enfatizar o atributo mais notável do seu caráter: o de patriota, que, ao morrer, em 1580, quando Portugal caía sob o domínio da Espanha, pronunciou sua derradeira frase lapidar, coerente e genial como sempre: “Fui tão afeiçoado à minha pátria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela”.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (ed. comentada). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

\_\_\_\_\_. *Os Lusíadas* (org. António José Saraiva). Porto: Figueirinhas; Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões: a obra e o homem*. 4. ed. Lisboa: Arcádia, 1980.

\_\_\_\_\_. *Luís de Camões: o épico*. 4. ed. Lisboa: Bertrand, 1975.

SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 13. ed. Porto: Porto Editora, 1985.

# **SOBRE SUFIXAÇÃO: RELEITURAS**

**DENISE SALIM SANTOS (UERJ)**

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo revisitar os processos de formação de palavras, em especial a derivação por acréscimos de sufixos, considerando a relevância da utilização desse mecanismo morfológico para acrescentar sentidos, revelar intenção daquele que o produz e que conta com o domínio linguístico-discursivo do interlocutor para alcançar efetivamente o que foi presumido pelo produtor. Servem-nos de aporte teórico Margarida Basílio, José Lemos Monteiro, Manuel Said Ali, Evanildo Bechara, Antônio Sandmann. Destaca-se ainda a produtividade dos sufixos de grau diminutivo, considerando-se a frequência de uso que sobrepuja em muito a exploração dos formadores de aumentativos presente no jornal “O Globo” que nos forneceu o corpus para este artigo.

**Palavras-chave:** morfologia; processos de formação; expressividade.

Prefixos e sufixos apresentam características comuns. Morfologicamente são formas presas, isto é, têm ocorrência possível quando reunidos a uma base livre, ou autônoma, havendo acréscimo de sufixos a bases presas (minhocofag+ia). As ideias expressas por esses morfemas são abstratas e de caráter geral, não se referindo isoladamente a entidades do universo biofísicopsicossocial. Somente na unidade do item lexical tais ideias tornam-se plenas. Quanto maior a generalização contida no afixo, maior a sua produtividade. Semanticamente acrescentam significados, ou matizes de significado, à base. Os prefixos têm maior força significativa, uma vez que apresentam significação externa, oriundos de preposições e advérbios, formas dependentes na língua; os sufixos, por sua vez, possuem significação somente explicitada quando anexados à base.

Atribui-se geralmente aos significados contidos nos prefixos relevância semântica, ao passo que, aos sufixos, delegam-se significações de valor meramente gramatical. Antonio Sandmann (1989: 30), porém, não aceita essa discriminação:

Aos autores de tais afirmativas eu gostaria de perguntar qual é a diferença entre /-ada/ e golpe, em martelada, entre /-ada/ e pontada em pontada com faca), entre /-eira/ e árvore e pereira (árvore que dá pêra) ou entre /-eiro/ e homem, em leiteiro. Os sufixos não são vazios de

significados(...) e nem são mais vazios que os prefixos (...) e corresponde até semanticamente, muitas vezes, a lexemas. Violeiro, uma derivação sufixal, corresponde semanticamente ao grupo tocador de viola.

A definição de sufixo apresentada por Meillet diz que *resulta da associação de um sentido dado a um conjunto dado de sons, susceptível de um emprego gramatical dado* (apud Rocha, 1998: III), ratificando de certa maneira a posição de Sandmann. Cremos em outra maneira de ver as funções de nuclearidade e periferia dos morfemas dentro da palavra.

Antonio Sandmann afirma que nas formações sufixais, o sufixo exerce o papel da nuclearidade (determinado) e a base, o da periferia (determinante).

Evanildo Bechara (1999: 358), na nova edição de sua gramática, ao tratar dos sufixos, acrescenta nota a esse respeito:

Não se podem deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes (no caso sufixos) e seus reflexos não só nos produtos derivacionais, mas também as derivações do contexto. A concepção afixocêntrica (grifo nosso) na produção lexical está sendo revista para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

A densidade semântica das palavras complexas resulta em economia linguística sob dois aspectos. O mesmo radical, ao combinar-se aos afixos, atualiza-se, e o produto evita a despesa de se ter para cada referente um signo exclusivo, o que acarretaria a necessidade de memorização de um número infinito de palavras por parte do utente da língua: *o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que traduz um máximo de flexibilidade em termos de expressão simultânea a um mínimo de elementos estocados na memória* (Basílio, 1989: 10)

O princípio da economia linguística se realiza também pela redução do número de palavras que o emprego de uma formação derivada promove na elaboração enunciativa ou discursiva, comprovável em *francesmente* – à maneira dos que vivem ou nascem na França – e *inacreditável* – que não se pode ou não se deve acreditar.

O produto da adjunção de prefixos a bases adjetivas, verbais, substantivas e adverbiais não resulta em mudança de classe gramatical, como se comprova em in (prefixo) + conformado (adjetivo) = inconformado (adjetivo), o que não quer dizer não encontrarmos no léxico da língua portuguesa exemplos já cristalizados no sistema, em que a derivação prefixal acarretou mudança

categorial como ocorre em in+berbe (substantivo) = imberbe (adjetivo) e in+glória (substantivo) = inglória (adjetivo)

Embora menos comum, a formação de itens lexicais formados por derivação prefixal com base substantiva, é um recurso bastante produtivo de formações neológicas para o que servem de exemplo as formações *anti*-inflação, *anti*Telerj, *não* enzima.

Opostamente à derivação prefixal, a adição sufixal responde, na maioria de casos, pela mudança de classe ou subclasse gramatical, embora haja situações em que o acréscimo de sufixos não provoque mudança categorial pela concorrência de vários sufixos com a mesma função: receber (verbo) + -mento = recebimento (substantivo); recebimento (substantivo) / recepção (substantivo), pera (substantivo) + -eira = pereira (substantivo).

Incluem-se no grupo de não alteração categorial as formações com sufixo de graus: amável (adjetivo) + íssimo = amabilíssimo (adjetivo); cabeça (substantivo) + inha = cabecinha (substantivo).

Ainda que se submetam às regras de formação, as bases que se prestam à derivação constituem um sistema aberto pela possibilidade de novos acréscimos. Já o número de afixos é relativamente pequeno e constitui um sistema fechado, mas também sujeito ao aparecimento de um elemento novo.

Responsável pela transposição categorial da base, os sufixos formam verbos, adjetivos, substantivo e advérbios (o único sufixo formador de advérbio na língua portuguesa é -mente). Pertencem ao paradigma dos sufixos nominais aqueles que comportam a ideia de agente, ação, instrumento; os coletivos, os pátrios; lugar, semelhança, grau etc. Com relação à formação de verbos, os sufixos favorecem o acréscimo dos traços aspetuais aos produtos, sendo recorrentes nas formações neológicas, como ocorre naqueles com terminação em -ar e -izar: chip(e) (substantivo) + ar = chipar (verbo) zangão (substantivo) + ificar = zanganificar (verbo) zanganificar (verbo) + -ção = zanganificação (substantivo), zanganificado (adjetivo) + -mente = zanganificadamente (advérbio).

Por vezes o acréscimo sufixal acarreta tamanho desvio semântico que acaba por originar um novo item lexical afastado da significação da base. Além dos exemplos comuns das gramáticas (porta/portão, caixa/caixão, papel/papelão, carta/cartilha), frequentam o vocabulário comum palavras de criação recente como fardão, calçadão, orelhão, apagão, mensalão, novelão, mensalinho, pibinho, puxadinho, tabelinha, trombadinha, bondinho, chapinha, jatinho, selinho. A perda da noção gramatical da flexão de grau aumentativo e diminutivo possibilita o aparecimento de palavras com significado diverso, embora ainda mantenham algum traço semântico que os remeta à base que lhes

deu origem, por conta da transparência que tais bases apresentam e transferem aos novos itens.

Do ponto de vista fonológico, distinguem-se prefixos de sufixos pelo fato de que o acréscimo de um prefixo não altera a tonicidade da base, os produtos mantêm as formações rizotônicas (mentir / desmentir). O acréscimo de sufixos, porém, altera-a, carregando para si a tonicidade do produto, ou seja, constroem formas arrizotônicas (casar / casamento). Nas formações em -mente, todavia, permanece, de forma secundária, a tonicidade da base, o que aproximaria a sufixação do processos de composição.

Os critérios que utilizamos até aqui para descrever os afixos derivacionais geram, desde longa data, divergências quanto ao melhor posicionamento da derivação prefixal: se composição ou derivação.

Um número significativo de estudiosos<sup>1</sup>, entre eles Mattoso Câmara Jr, José Rebouças Macambira, Ismael de Lima Coutinho optam pelo prefixo como elemento de composição, apresentando os seguintes argumentos:

- diferentemente dos sufixos, os prefixos não desempenham função gramatical, ou seja, não são responsáveis pela adaptação morfossintática da base a que se unem, fato que ocorre com os compostos;
- é mais fácil destacá-los do conjunto da palavra tais quais os elementos da palavra composta;
- isolado o prefixo, a base tem valor de vocábulo constituído, fato que se evidencia também na composição;
- os prefixos têm significação externa subsidiária, por conseguinte podem ser substituídos por outro vocábulo ou expressão de equivalente significado;
- a estrutura sintagmática do novo item lexical, resultado do acréscimo de prefixo, corresponde a determinante + determinado, também presente em formações compostas de modelo neoclássico;
- vários prefixos apresentam formas correspondentes que funcionam como vocábulos independentes na frase.

Fazem parte da lista dos gramáticos que preferem incluir a prefixação no processo derivacional, posição que adotamos neste trabalho, Olmar Gutterres da Silveira, Evanildo Bechara e Antonio Sandmann. Também Manuel Said Ali integra esse grupo e destacamos seu parecer sobre o assunto (Said Ali, 1964: 229-230):

---

1- José Lemos Monteiro (1989: 127-128) apresenta um levantamento interessante dos gramáticos que discutem o assunto, indicando suas tendências.

Estoutra doutrina, plausível à primeira vista, em se tratando de partículas usadas como vocábulos independentes, tropeça, contudo, ao chegar o momento de analisar elementos formativos do tipo dis-, re-, in- negativo, e aqueles que, como pre-, ob-, já não usamos como palavras isoladas. É fácil afirmar que dis-, re-, e o negativo in- representam partículas inseparáveis que são ou foram preposições ou advérbios. Equivale este argumento a uma petição de princípio. Nada se sabe da existência de tais vocábulos.

De fato, prevalecessem aqueles argumentos, também deveriam ser incluídos na composição os sufixos, uma vez que alguns deles tiveram sua origem em formas livres, como é o caso do sufixo -mente, ou ainda por ocorrerem livremente em determinados contextos. Assim, incluídas prefixação e sufixação no processo de composição de palavras desapareceria o processo de derivação.

Parece-nos que a homonímia resolve a questão da existência de formas livres idênticas aos prefixos, mas que deles se distanciam pelas diferentes funções que desempenham, basicamente resultantes de um processo de conversão gramatical, em que se encontram os prós e contras, os inhos e inhas que encontramos nos textos mais coloquiais ou menos formais empregados como verdadeiros substantivos, de alto valor expressivo. Por isso, prefixos e formas livres são entradas lexicais distintas, como comprovam os dicionários.

O que pretendemos daqui para diante é verificar como as palavras derivadas apresentam-se no texto jornalístico, especificamente tendo como *corpus* os textos de diferentes gêneros presentes no jornal “O Globo” chamando a atenção, de imediato, para o fato de que outros recursos discursivos poderão juntar-se ao vocábulo derivado na construção de efeitos de sentido.

#### Aplicando a teoria

Não é de admirar que o volume de formações sufixais seja mais elevado que os demais processos de natureza derivacional. Além da adjetivação e a adverbialização, a substantivação e a formação neológica de verbos também marcam a produtividade do processo.

Para Rodrigues Lapa (1977: 138-139) por exemplo, sendo o adjetivo designador de um atributo, é *natural que tenda sobretudo para a expressão intelectual, abstrata*. No entanto, pelo fato de estar sintagmaticamente ligado a um substantivo, não se estranha que tal determinante derrame sobre seu

determinado, um pouco de expressividade, deslocando o caráter intelectual para um caráter expressivo do seu emprego.

Com relação aos substantivos, a recolha de exemplos também é significativa por contar com uma série numerosa de sufixos ligados a matizes semânticos relativos à pejoratividade, ironia, depreciação que influenciam a construção do humor no texto.

Farto é o emprego do sufixo *-mente* em formações adverbiais, assim como os verbos em *-ar* e *-izar* em formações neológicas.

A expressividade é a evidência de algum traço emotivo de sensibilidade. Os sentimentos que se manifestam em nossa subjetividade podem-se mostrar como aversão ou apreciação, normalmente traduzidas a partir da adjetivação utilizada para determinar, qualificar alguma coisa concreta ou abstrata. Para Lapa (1977: 106),

a natureza apaixonada do homem faz com que ele passe de um extremo ao outro. Portanto, não surpreende o fato de um mesmo sufixo servir a bons sentimentos ou evoque em nós sentimentos depreciativos.

Este é o caso, por exemplo dos sufixos *-inho / -inha* que tanto podem configurar afetos positivos como negativos em adjetivos, substantivos e, não raro, em pronomes.

Do paradigma dos sufixos de grau diminutivo, o mais recorrente e produtivo, sem dúvida, é *-inho* e seu alomorfe *-zinho* pela gama de valores diferenciados que anexa ao sentido da base no processo de enriquecimento expressivo do texto. Assim registram-se as ocorrências a seguir:

Por volta das 16 h de ontem, no metrô do Rio, no sentido Zona Sul, uma vovó loura disse, cheia de autoridade, a um rapazinho, sentado em assento de idoso: *Sei que eu ainda sou bonita e gostosa, mas... tenho 65 anos e quero que você se levante pra eu sentar* (Anselmo Gois.24/5/2013).

Que me perdoe o fluminense [...], mas hoje no time tricolor vai ter que fazer um golzinho se quiser passar para as semifinais da Copa Libertadores da América. (Fernando Calazans. O Globo)

Só um empurrãozinho. Caixa oferece incentivos a mutuário para continuar no ritmo da expansão. (O Globo. 26/05/2013)

Se o Neymar for para o Barcelona é possível que ele e o Messi recuperem uma arte perdida do futebol, a tabelinha. Já houve tabelinhas famosas. (Veríssimo: 30/05/2013. O Globo)

Não diria que sou *workaholic*, mas sempre fui muito ativa desde pequena. Mas não faço nada sozinha. Sou formiguinha. Gosto de trabalhar em equipe. (Leandra Leal. O Globo.)

Trombadinhas em Paris (Título de matéria. O Globo).

Descontraído e rindo (Oscar Schmidt) disse que não se deixou abater nem chorou em nenhum momento que vai vencer o tumor “pequenininho, mas malvado”( 01/6/2013, O Globo)

O governo avalia que as condições para crescimento do país em 2013 já foram dadas, e, portanto, pouco ou quase nada pode ser feito para tentar puxar o PIB neste ano [...]. O argumento seria: se o “PIBinho” persistir até lá, pelo menos será um crescimento com bases sólidas e de longo prazo. (30/5/2013. O Globo)

Após Pibinho no 1.º trimestre, projeções são reduzidas. (O Globo. 31/5/2013)

(...) o deputado Edson Santos também criticou o “puxadinho”: \_ Além de um erro, aumentar uma casa no Horto é burrice. (31/5/2013. O Globo)

Orla ganha o banquinho do Millôr. O Banquinho do Millôr foi inaugurado ontem pela prefeitura.[...] O projeto é do arquiteto Jaime Lerner, e dá a impressão de que o banco panorâmico flutua. (O Globo) [...] como é que alguém vai a Orlando para ficar lendo 15 horas por dia, sem aproveitar para fazer muitas comprinhas ou para interagir com os vizinhos?.[...] A carrocinha de sorvete que passa às sextas-feiras toca musiquinha. Igual aos filmes.(Ana Cristina reis. O Globo)

Aqui eu compro galinha no galinheiro para fazer ao molho pardo, jogo sueca com os velhinhos e quinze minutos depois tô em Ipanema. (O Globo. Joaquim Ferreira dos Santos).

A estudante Taiene Leite dá “selinho” no poeta: em duas horas, 52 afagos (28/04/2013. Revista O Globo).

O atacante Wayne Rooney, principal estrela da equipe que jogará amanhã, desviou o olhar algumas vezes para ver o bondinho chegar no Morro da Urca, que fica pegado ao campo.(1/6/2013. Joaquim Ferreira dos Santos).

Já imaginou hoje em dia a magreza da Twiggy, os dentinhos separados da Laures Hutton e principalmente a fartura da Iris Bruzzi[...] (Carlos Leal.18/05/2013. O Globo).

Marília Gabriela foi importante para a imagem da mulher [...].Era beleza fora do padrão. O cabelo crespo continua sendo evitado em troca da chapinha. (Maurício Paletta. 18/05/2013. O Globo).

A Wilza Carla tinha um corpaço quando era jovem [...] Quando ficou mais velha engordou horrores por causa de uma doença, mas antes disso era uma *showgirl* que fazia sucesso, com uma barriguinha charmosa. Também não era muito alta. Hoje seria considerada baixinha e gorda.

(Julio Rego. 18/05/2013. O Globo).

Bonita mesmo era a Martha Vasconcelos.[...] Nada a ver com essas mulheres perfeitinhas de cirurgia plástica de hoje em dia.(Roberto Linneker. (18/05/2013. O Globo).

“A Lucélia Santos é pequenininha, mas tem uma presença enorme[...] Um pouquinho vesga como as grandes atrizes do cinema mudo, ela sempre teve um corpo lindo. Quando a baixinha tirou a roupa no meu filme ‘ As sete vampiras’, você precisava ver , o cinema veio abaixo”. (Ivan Cardoso . (18/5/2013. O Globo).

Os exemplos coletados no jornal “O Globo” confirmam a exploração do acréscimo de sufixos diminutivos -inho / -inha em unidades léxicas como de grande valor discursivo, evidenciando também o princípio de que as palavras que compõem um enunciado conspiram para a obtenção de um determinado sentido, ou efeito de sentido seja ele denotativo ou conotativo; hiperbólico, eufêmico; melhorativo ou pejorativo; apreciativo, depreciativo; irônico etc.

### **Considerações finais**

Como vimos, o grupo de morfemas sufixais, em especial os formadores de grau diminutivo, é significativamente relevante na cunhagem dos vocábulos que contribuem para a expressividade de um enunciado, muitas vezes neles se encontrando o ponto de irradiação da ironia, da crítica, do humor ou mesmo em uma simples nuance de significado acrescentada às bases a que se unem. Comprovou-se também a produtividade dessas formações pelo número de eventos registrados nesta pequena amostragem e a expressividade que podem acrescentar ao enunciado onde são empregadas.

Relevante também o número de formações diminutivas que, aos poucos vão assumindo *status* de legítimas e novas unidades lexicais de designação (substantivos).

A partir do material recolhido em nossa fonte de observação, o jornal “O Globo”, conclui-se também que não há gênero específico para emprego de tais formações. Seja em colunas de opinião, de política, de economia, de esporte, de variedades, reportagens etc., as formações sufixais diminutivas foram encontradas. A sufixação está presente como estratégia de economia linguística, de retomada do que já foi dito anteriormente e, principalmente, no que tange à colaboração expressiva que trazem ao texto.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BASILIO, Margarida et alii. *Derivação e flexão no português falado: condições de produção*. In (org) CASTILHO, Ataliba Teixeira, *Gramática do português falado. As abordagens*. V III, 2 ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. (revis. e ampl.) 37 ed. São Paulo: Lucerna, 1999.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.
- LAPA, M. Rodrigues. *A estilística da língua portuguesa*. 9 ed. (revis. e acresc.). Coimbra. Ed Ltda, 1977
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Juiz de Fora: Pontes, 1994.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Minas Gerais: UFMG, 1998.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7 ed. (ampl. e melh.). Rio de Janeiro: Presença, 1964.
- SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, Ícone, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Morfologia geral*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

# O SENTIDO LINGUÍSTICO E SOCIAL DE CAMÕES<sup>1</sup>

GILBERTO MENDONÇA TELES (PUC E BRAFIL)

Em 1972, ao redigir um dos capítulos de *Camões e a poesia brasileira*, escrevíamos que, sem quebrar os cânones da língua, e procurando desprezar alguns velhos preconceitos da poética e da linguística medieval, Camões criou a sua linguagem literária valendo-se dos recursos inerentes à própria língua portuguesa, insuflando-lhe novo alento semântico, dinamizando-lhe as formas arcaicas e populares, dando-lhe unidade nacional ao misturar os falares do norte, do centro e do sul do país e, principalmente, dando-lhe foros de modernidade ao buscar na tradição latina os neologismos (ou latinismos) de que necessitava para expressão das ideias humanísticas e para dar a Portugal a ressonância e a dimensão universais com que esse país se pôde alçar ao nível das grandes nações do Renascimento.

E no final, depois de uma síntese sobre a língua portuguesa no Brasil, levantávamos alguns problemas cuja solução nos parecia essencial para a tentativa de sistematização de um conhecimento maior sobre o português brasileiro. Assim, desejávamos saber se a variação da influência literária de Camões ao longo dos séculos teria alguma coisa a ver com a evolução da língua portuguesa no Brasil e, sobretudo, com a idéia de uma língua brasileira. Queríamos conhecer até que ponto a influência literária de Camões teria sido responsável pela onda de purismo, pela preocupação gramatical intensificada no fim do século XIX e pelo tipo de ensino da língua vernácula, tal como foi ele feito nas escolas brasileiras. E, ainda, se essa influência teria motivado mesmo reações linguísticas e literárias de importância para a cultura brasileira. Mas nosso trabalho, mesmo possuindo um subcapítulo especificamente dedicado às relações de *Os Lusíadas* com a Didática, tinha a finalidade principal de registrar como o poeta brasileiro, de Bento Teixeira a João Cabral de Melo Neto, havia pago o seu tributo de homenagem a Camões, considerando-o “Príncipe”, como no século XVIII; sentindo-o “Gênio”, como no Romantismo; ou vendo-o e amando-o, como Nabuco, Afrânio Peixoto, os filólogos e todos

---

1- \*Prefácio a *O sentido linguístico e social de Camões*, de Antônio Cesário de Figueiredo Neto. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 1974. Publicado depois no meu livro *Discursos paralelos: A crítica dos prefácios*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010. 710 p., reproduzido agora na homenagem ao Prof. Sílvio Elia, na *Revista da Academia Brasileira de Filologia*.

os intelectuais brasileiros, como um poeta maior, “teto e pão de nossa língua”, no belo verso de Murilo Mendes.

Por intermédio de uma solicitação de Wladimir Dias-Pino, conhecemos agora este ensaio de Cesário Neto, professor de Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, e tivemos o gosto de encontrar no seu estudo uma lúcida interpretação daqueles problemas que, embora formulados, não haviam sido suficientemente esclarecidos em nosso trabalho. Daí o prazer com que o percorremos por duas vezes, atento às observações e à clareza de seu raciocínio, coisa que vai desaparecendo principalmente quando se trata de estudos universitários. A serviço de uma discutida “obscuridade epistemológica”, muitas ambiguidades e muitas vacilações sintáticas, além de certas inconsequências lógicas, habitam hoje as páginas de uma também discutida “crítica” universitária. Daí, repetimos, o prazer que se tem na leitura de um trabalho como este, além do mais, tão ricamente apresentado.

Familiarizado com as mais recentes concepções da lingüística estrutural e dispondo, com habilidade, dos recursos clássicos da expressão, pôde o ilustre ensaísta cuiabano desenvolver, em poucas páginas, os fundamentos de uma leitura epistemológica do fenômeno que ele, com bastante nitidez, situa como sendo o sentido lingüístico e social de Camões na cultura brasileira. E dá-nos assim uma penetrante, oportuna e atualizada introdução ao estudo da influência camoniana, não simplesmente na literatura brasileira, mas na sua base criadora e expressiva, na língua portuguesa do Brasil.

A partir do conhecimento de que no processo histórico-cultural “o ambiente propõe, orienta e nutre, porém o indivíduo, como sujeito da criação cultural, estrutura ou reestrutura e faz viver um novo ser irredutível a esse mesmo ambiente e ao seu eu individual, Cesário Neto explica o aparecimento da obra de Camões na cultura ocidental, justifica o permanente exercício de sua retórica na consciência coletiva e deixa claro como essa obra se transformou em modelo da linguagem comum, uma espécie de “gramática geral” que veio transmitida de geração a geração ou, como se lê no próprio ensaio, “um sistema de preferências e de critérios que as sociedades experimentam como realidades vivas”. Nisto reside uma aparente dialética entre “a força da consciência lingüística brasileira valorizando Camões como mestre da língua” e, dentro da convenção cultural que se foi estabelecendo, “a força do modelo camoniano estimulando a consciência lingüística”. Língua e literatura passam a ser entendida como um verdadeiro espelho estético em que se contemplavam os escritores e toda a sociedade culta e semiculta do Brasil.

Isto explica a preocupação de escrever bem, dentro da tradição culta,

preocupação que se documenta em todo escritor brasileiro, mesmo nos que, por motivos ultra-estéticos, se tenham entregues ao disfarce desse ideal de correção, como se deu, por exemplo, com José de Alencar e Mário de Andrade. O ideal de purismo atinge inclusive a correspondência dos escritores e, na medida em que o povo vai tomando contato com ele, vai assumindo-o como um ideal de progressão social, passando do “falar bem” ao “falar difícil” e chegando até a pautar no bestialógico os índices da cultura e da inteligência.

E o interessante, segundo a pesquisa de Cesário Neto, é que sempre houve ausência de gramáticas normativas no Brasil, como também foi sempre difícil a aquisição de obras clássicas da literatura portuguesa. Tal fato, entretanto, não acontecia com *Os Lusíadas*, cujas edições foram muito mais acessíveis e logo transformadas em modelos literários e didáticos. Com isso a tradição cultural se resumia no poema camoniano e, no dizer do ensaísta, “o grande gramático era Camões”. Por isso, conclui que, “*Como signo, como padrão linguístico integrado num ambiente historicamente dado, de língua culta, Camões está vivo no mesmo sentido em que o estão, por exemplo, Graciliano Ramos e Fernando Namora*”.

E talvez mais vivo ainda. É que o nome de Camões possui no Brasil inteiro uma dimensão bem maior do que aquela que se vê na literatura e nos ideais vernáculos da língua portuguesa, O que era inicialmente signo literário e lingüístico se encheu de conteúdo coletivo, passou à categoria de símbolo de uma época e de um povo e se identificou com os ideais crioulos de toda uma coletividade em transformação. O termo Camões transcende os limites da pura erudição literária para repercutir na imaginação popular como um traço mítico – um *camonema* (vá lá o neologismo!) –, um arquétipo que sobrevive no inconsciente coletivo”, dando ao povo culto a transparência dos ideais lingüísticos e literários e dando à grande massa de brasileiros a imagem de um ser ultrainteligente, capaz de vencer os poderosos para beneficiar os pobres ou, apenas, capaz de satisfazê-lo pelo simples fato de enganar o “rei”, de lesar o comerciante ganancioso ou, como se diz, capaz de passar a perna em qualquer elemento detentor do poder real ou temporal.

Trata-se de uma compensação mítico-ideológica que se nota até nas tribos mais primitivas, como se vê nas explicações que Couto de Magalhães dá para as estórias das espertezas de animais lerdos como o jabuti ou frágeis como o sapo. Daí porque aparece registrado na literatura de cordel, no Nordeste, a imagem de um “Camões” que muito tem a ver com o autor de *Os Lusíadas*, condensação que é da história de seus infortúnios mais ou menos legendários. Passou-se da literatura para o mito, do individual para o coletivo, ao contrário do que realmente se verifica nas sociedades indígenas em que o mito acaba-se

desfiando em conto maravilhoso e este, de tanto repetir-se, acaba sendo levado à literatura, que dele se reapropria para transformá-lo em linguagem literária.

No caso do “Camões” nordestino, não se pode esquecer a importância dos *Autos* e da parte medieval da poesia lírica de Camões. Deles é que provém, no Nordeste, uma série de adágios (de ditados e provérbios), de estórias, de personagens e de superstições que os cantadores recolhem, reinventam e divulgam através do que se chama literatura de cordel. Ao centrar na linguagem a importância cultural de Camões, o professor Cesário Neto revelou imediatamente as dimensões superiores de seu pensamento científico. É na linguagem que se reduzem e se condensam todos os elementos das mais diferentes formas culturais, de natureza linguística, literária ou sociológica.

É na linguagem que se inscrevem todas as formas simbólicas do universo mítico. Daí afirmar o professor que “Camões foi o totem linguístico dos brasileiros”. É o nome sagrado, através do qual transparece, como o demonstra Cesário Neto, o sentido linguístico, e social da cultura brasileira.

# SILVIO ELIA E A FILOSOFIA DE VOSSLER

HILMA RANAURO (UFF/ABRAFIL)

*“Cremos que, sem deformar nenhuma das duas posições, é possível conciliar positivismo e idealismo”.* Sílvio Elia

O idealismo linguístico, na sua forma vossleriana, foi a primeira tendência linguística a ser divulgada na América Latina, onde, como teoria, alargou o campo dos estudos de linguagem, acrescentando à matéria filológica nova área de conhecimentos: a Estilística. A influência de Vossler se fez mais marcante que a de qualquer outro estudioso alemão devido não só às traduções espanholas, mas também por suas contribuições em periódicos latino-americanos. “Os princípios idealistas, mesmo se não identificados como tal, ainda podem ser encontrados entre a maioria dos linguistas latino-americanos e também penetram no ensino da língua e das gramáticas nas escolas”, afirma Eugênio Coseriu. (Coseriu, 1976, p. 27-28).

Sílvio Elia sempre foi, declarada e assumidamente, um idealista. Sua primeira grande influência, costumava dizer, foi Karl Vossler. Foi através de um artigo de Alceu Amoroso Lima em *O Jornal*, no final da década de 30, que veio a tomar conhecimento da obra de Vossler (*Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem*). Não conseguindo encontrá-la nas livrarias da época, recorreu ao próprio Alceu Amoroso Lima, que “fez a caridade” de emprestar-lhe seu próprio exemplar, da edição de 1908. É dessa edição o exemplar que veio a adquirir posteriormente.

De um modo geral, os autodidatas vinham a tomar conhecimento das “novidades” através do acervo das livrarias existentes. A livraria Garnier, especializada em obras francesas, era a principal. Havia igualmente as italianas, espanholas e alemãs. Através delas, eram encomendadas as obras pelos estudiosos de então.

Nos primórdios de sua formação (década de 30), predominava entre nós a cultura francesa: Meillet, Vendryès, Bally, Grammont e, principalmente, Saussure. Era pequena a influência americana, que se fazia quase que exclusivamente através de Bloomfield e Sapir. Os autores alemães chegavam através das traduções espanholas (a princípio da Labor, depois da Gredos).

Quando Sílvio Elia veio a ler Saussure (*Curso de Linguística Geral*), já havia tomado contato com a obra de Vossler. “O idealismo de Vossler veio ‘arejar’ a linguística”, veio a afirmar, fazendo questão de esclarecer: “A frase

é de Meillet. Está na recensão crítica publicada no “Bulletin de la Société de Linguistique”, n.º XXIX, fasc., de 1928-1929, p.34,35: ‘... M. Vossler ... il y a lieu d’étudier, en somme d’avoir largement contribué à ouvrir une fenêtre et à donner de l’air à la linguistique ’”. (cf. Ranauro, 1996, p.658).

Das dicotomias saussureanas logo o impressionou a inicial entre *langue* e *parole*, por nela identificar a oposição humboldtiana entre o *produto* e o *produzir*, e *érgon* e a *enérgeia*. Entre a *Linguística da Langue* e a *Linguística da parole*, suas preferências sempre penderam para a segunda, que, na linha vossleriana, identificava com a Estilística. “Contudo”, esclareceu-nos,

“não me dediquei aos estudos estilísticos; na verdade, a oposição maior que abracei foi entre Idealismo (identificado como força do intelecto, que dá vida e movimento à linguagem) X Positivismo (o estudo meramente factual das línguas)”. (cf. Ranauro, 1996, p.659).

Não mais “os dados”, mas o “criador dos dados”, não mais o exclusivo aspecto descritivo do fenômeno de/da língua, mas o seu aspecto explicativo, interpretativo.

Na 1.ª edição de *O Problema da Língua Brasileira* (1940), Sílvio Elia situa a divergência entre o português padrão de Portugal e o do Brasil no nível do “estilo”: haveria uma língua comum e *estilos* diversos. Essa opinião, partilhada, à época, por outros estudiosos, veio a ser por ele revista na 2.ª edição daquela obra (1961). Não mais *estilos* diferentes, mas *normas* diversas, não mais “estilo nacional”, mas “norma brasileira”, não mais unidade na *diversidade*, mas unidade na *variedade* (variedades diastráticas, diatópicas e diafásicas de Coseriu).

Para essa nova interpretação, contribuíra o conhecimento da distinção estabelecida por Eugênio Coseriu, assumidamente sua 3.ª grande influência, entre *sistema, norma e fala*, a qual veio a ampliar a distinção saussureana entre *langue* e *parole*. Seu primeiro contato com Coseriu foi pessoal, quando este, na década de 50, a convite de Serafim da Silva Neto, veio ao Rio de Janeiro, onde permaneceu por uma semana.

“Coseriu, como Saussure, fez notáveis distinções metodológicas como entre *sistema, norma e fala*, ou entre *sincronia, diacronia e história*”, afirmou-nos em entrevista. Para ele, Coseriu “não é um positivista e apresenta-se como estruturalista funcional, não na linha de Martinet, que vê as línguas funcionando em busca de um equilíbrio constante entre expressão e comunicação (princípio da *economia*), e sim, na sua linha própria, que ele mesmo chama teleológica, ou seja, a língua funciona para cumprir determinado fim”. (Ranauro, 1996, p.659).

E acrescentou esperançoso: “Gostaria que Coseriu fosse mais mentalista”. (Ranauro, 1996, p.659).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

COSERIU, Eugênio (1976). “Perspectivas Gerais”, in *Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*, organização de Anthony Julius Naro, tradução de Maria Cândida D. Bordenave e Marilda Winkler Averborg, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, p. 45-66.

ELIA, Sílvio (1940). *O Problema da Língua Brasileira*, 1.<sup>a</sup> edição, coleção “Temas Atuais”, Pongetti Editores.

\_\_\_\_\_ (1961). *O Problema da Língua Brasileira*, 2.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, INL / MEC.

RANAURO, Hilma Pereira (1996). “Sílvio Elia e os Estudos Científicos da Linguagem no Brasil – os rudimentos do seu pensamento linguístico”, in *Estudos da Linguagem. Perspectivas, Memórias e Atualidades*, Anais do V Congresso da Associação de Estudos de Linguagem (ASSEL) / RIO - 18 a 20 de outubro de 1995 -, Rio de Janeiro, UFRJ, p.655-663.

\_\_\_\_\_ (1997). *Contribuição à Historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil – Sílvio Elia e João Ribeiro*, Rio de Janeiro, FEUC/ Edições Tempo Brasileiro.

# ORAÇÕES REDUZIDAS E LOCUÇÕES VERBAIS: UM DESAFIO DE DELIMITAÇÃO

LUCIA DEBORAH RAMOS DE ARAÚJO (UERJ e UNESA)

CLAUDIO CEZAR HENRIQUES (UERJ e ABRAFIL)

**Resumo:** Este artigo pretende abordar aspectos teóricos e práticos em torno das discussões sobre as locuções verbais do português cuja estrutura se aproxima ou se identifica com a das chamadas orações reduzidas.

**Palavras-chave:** sintaxe – descrição – ensino

## Introdução

O estudo das orações ocupa, na realidade escolar brasileira, um lugar de destaque. No imaginário de alunos e também de futuros professores, ele responde por temores e inseguranças e se associa, não raro, aos tantos motivos que, supostamente, representariam as “dificuldades em aprender português”.

Isso pode ser facilmente explicado, se considerarmos a abordagem tradicionalmente feita do assunto, muito calcada em classificações estáticas e memorizadas, que em geral desconsideram as dinâmicas da língua e não dão espaço para que as construções sejam vistas e avaliadas em função do texto em que se incluem e por cujo sucesso trabalham.

Uma nova abordagem tem sido estimulada, sobretudo a partir dos avanços nos estudos sobre discurso e sobre funcionalismo, bem como a partir dos posicionamentos de algumas instituições de ensino superior, como a UERJ, a Unicamp, entre outras, que adotaram novo paradigma de cobrança em seus exames vestibulares e mesmo em suas salas de aula de Letras. O texto ganhou um espaço diferenciado, privilegiado, passando a sintaxe a constituir um dos aspectos a serem observados, não o principal aspecto. De modo algum isso representou ou representa uma desvalorização do olhar sobre a sintaxe – apenas indica um outro ponto de vista, segundo o qual a semântica, a intencionalidade do autor e as leituras possíveis, em diálogo com outras experiências e referências textuais, ganham espaço. Assim, já não se extraem pequenas estruturas descontextualizadas, pequenos períodos ou mesmo orações isoladas, mas parte-se invariavelmente de um texto nas questões propostas nos exames. Não é diferente o que se vê no Enem e no Enade (ainda que o tema da variabilidade pareça ter apaixonado os elaboradores das questões,

suplantando todos os demais), exames nacionais em que o trabalho com as orações tem sido feito mais pela vertente semântica do que pela propriamente sintática. Pode-se criticar o fato de que o Enem trabalha com fragmentos de texto e raramente com o texto integral, perdendo-se, assim, a visão global, que revela muito sobre as escolhas feitas pelo autor e sobre o trabalho que os arranjos feitos por ele operam no texto.

Nos manuais didáticos, entretanto, a realidade não se alterou significativamente. Mesmo nas obras que têm proposta de abraçar a chamada gramática reflexiva, estão lá, bem estruturadas e didaticamente formalizadas, as classificações dos períodos e de suas orações, muitas vezes sem um pensamento crítico sobre sua participação efetiva na construção do sentido e no alcance que o texto, em função de sua existência, poderá ter junto ao leitor. Não é difícil encontrar avaliações que retomam práticas já cristalizadas quanto à cobrança do conteúdo, com pedidos de identificação de conectivos e mera classificação de orações.

Os docentes de língua portuguesa veem-se acuados, uma vez que os programas indicam nominalmente os itens a serem cumpridos e algumas instituições precisam “ver para crer” que eles tenham sido apresentados aos alunos. Assim, seguem classificando e só uma vez ou outra executam uma costura desses aspectos da estrutura da língua com o conteúdo do texto, dedicando-se a analisar as escolhas feitas pelo autor e a motivação que possam ter atendido.

Tais considerações nos conduzem ao ponto que configura nosso maior interesse neste artigo: a identificação das orações reduzidas, por parte de professores de língua portuguesa ou mesmo por estudantes de Letras que estão em preparação para o magistério. Por uma questão de caminho didático-pedagógico, é comum que os conteúdos sejam apresentados em ordem crescente de dificuldade. Faz sentido – apresentam-se os elementos de entendimento e aprendizado mais fácil, para depois trazer às discussões em sala aqueles que, por assim dizer, têm “pré-requisito”. Ocorre que nem sempre a ordenação dos conteúdos responde a essa hierarquia, sendo, tão somente, uma distribuição ao longo do período letivo, nada mais. No entanto, como já temos extremamente assentada a ideia da hierarquização a partir da ordenação no ponto do percurso escolar em que o tópico das orações é apresentado, muitos aprendizes são induzidos a considerarem, aprioristicamente, o tópico “orações reduzidas” como muito difícil e até como o mais difícil.

Na realidade, as estruturas reduzidas podem – e devem – ser apresentadas aos olhos dos aprendizes simultaneamente à discussão das estruturas chamadas desenvolvidas, destacando-se o fato de que representam

alternativas disponibilizadas pelo sistema para o falante construir períodos da forma que mais eficazmente atenda as suas intenções comunicativas. Está claro que as variações semânticas decorrentes de uma ou de outra escolha devem ser apreciadas, mas não há motivo para revestir o tópico sobre o uso de construções reduzidas de uma expectativa por alto grau de dificuldade. Aliás, a dificuldade que pode haver não está, de fato, no manejo da sintaxe com reduzidas, mas tem suas raízes no plano morfológico, que envolve a discriminação entre locuções verbais e construções do tipo verbo + oração reduzida. Em outras palavras, o falante usa naturalmente essas construções; o aluno de Letras, quando instado a completar com uma oração um enunciado que requeira, por exemplo, uma construção objetiva direta, como em “Os compradores querem...”, não raro apresenta como resposta “levar vantagem” ou algo semelhante. Não é difícil o uso, não é pouco comum a prática de tais enunciados. Ao se colocar esse mesmo estudante em contato com um texto em que haja enunciados como o exemplificado e que reclamem sua análise técnica, surge invariavelmente a pergunta: “mas são duas orações (os compradores querem/levar vantagem) ou uma só, com locução verbal (querem levar)?”.

Algumas respostas para o problema revelam que persiste uma grande dúvida para o docente, dada a penumbra que circunda as construções perifrásticas. Tanto é assim, que estudos referenciais foram feitos, sem, contudo, pacificar plenamente os pensamentos sobre o assunto. Um passeio por linguistas e gramáticos mostra quão rala é a interseção entre os conjuntos de verbos auxiliares apresentados por eles. Consequentemente, em muitos casos toda a avaliação a respeito da existência ou não de uma reduzida num dado contexto fica comprometida ou obscura.

Este artigo não pretende, de forma alguma, ser a pá de cal lançada sobre a polêmica – nem por hipótese –, mas buscará realizar um apanhado que sirva de orientação ao docente de língua portuguesa, de modo a, pelo menos, propor reflexões sobre as dúvidas que certamente ocorrem quando se precisa as reduzidas.

### **A auxiliaridade (ou não)**

As estruturas que trazem verbo seguido de forma nominal (ou formas nominais, já que há três realizações: infinitivo, gerúndio e particípio) podem ser distribuídas em, basicamente, três tipos: (a) locuções verbais morfossintáticas (formadoras dos tempos compostos ou da voz passiva); (b) locuções verbais semânticas; (c) períodos com verbo seguido de oração reduzida. Em (a), temos um sintagma que apresenta, como é de se esperar desse tipo de estrutura, vínculo morfossemântico entre os elementos constituintes,

ou seja, há um trabalho conjunto dos elementos – os verbos auxiliares: TER e HAVER, que formam tempos compostos (a1), e SER, ESTAR e FICAR, que marcam a passividade do sujeito (a2).

Em (b), diferentemente, inexistente uma mudança morfológica ou sintática com a adjunção do auxiliar. No livro *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*, esse tipo de estrutura denomina-se “locução de valor semântico” e merece a observação de que apenas nela pode ocorrer a inclusão de uma preposição entre os verbos (HENRIQUES, 2011: p. 98).

Esses verbos respondem pela flexão tipicamente verbal, pelo aspecto e, no caso (b), pela marcação de modalidade. Por sua vez, o verbo principal responde pela carga semântica relativa ao processo descrito, podendo, no caso (a2), apresentar flexões de gênero e número análogas às dos nomes.

Já em (c), temos um mero sequenciamento de verbo e forma nominal, sem que se venha a compor um sintagma único.

Os exemplos abaixo mostram os quatro casos que descrevemos. Todos coincidem no seguinte ponto: há um verbo “conjugado” seguido de um verbo em forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio)<sup>1</sup>.

- (1) Maurício tinha [ou havia] pintado sua casa quando veio o temporal.  
(= a1)
- (2) A casa de Maurício foi invadida pelas abelhas. (= a2)
- (3) Estou vendo a casa de Maurício numa revista de paisagismo.  
(= b1)
- (4) As pessoas continuam a fazer propostas pela casa de Maurício.  
(= b2)
- (5) A irmã de Maurício disse estar muito contente com a cor da casa.  
(= c)

Caracterizações como essas podem dar a falsa impressão de que é muito fácil distinguir um sintagma verbal de uma sequência verbo+sintagma oracional, mas a prática desmente a impressão inicial. Há, de fato, casos em que o verbo auxiliar nada mais é que um marcador gramatical de modo, tempo, aspecto; assim, esvaziado semanticamente, o verbo auxiliar cumpre papel de morfema verbal junto à forma nominal. É exatamente o que observamos no exemplo (1) e nos seguintes:

- (6) Maurício está pintando sua casa

---

1- Destacamos o estudo feito por Lúcia Lobato, “Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade.” (1975: p. 27-91)

## (7) Maurício vai pintar sua casa.

Essa estrutura não oferece maior problema à percepção da sequência verbo+forma nominal, especialmente pelo fato de os auxiliares TER, ESTAR, IR terem passado por um esvaziamento semântico, pois se afastaram dos sentidos originais. Limitam-se esses auxiliares a fornecer informação modo-temporal e aspectual, formando um autêntico sintagma como o verbo principal. Não por acaso, existe uma boa medida de coincidência entre o que dizem uns e outros teóricos sobre o assunto. Quando, ao contrário, permanece algum traço semântico ou então há carga semântica plena, vemos emergirem as dúvidas, que passamos a brevemente delinear. Neste apanhado, procuraremos pincelar algumas reflexões de estudiosos acerca de construções que envolvem cada uma das formas nominais.

Bechara (2009) apresenta os tipos de locução verbal existentes em português, listando verbos auxiliares, desde os mais gramaticalizados (e, como tal, bastante esvaziados em sua semântica) aos mais significativos (capazes de emprestar matizes semânticos aos verbos principais com que se combinam). Reconhece ele, em nota apensa ao capítulo, que nem toda sequência de dois ou mais verbos pode ser classificada como locução e atribui a definição de cada caso, em última análise, à intenção de quem fala ou escreve. Para sustentar seu posicionamento, recorre ao pensamento de José Oiticica, citando-o:

Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*.” (Oiticica, 202-3, apud Bechara, 2009: p. 233)

Sabemos que apreender a intenção de quem fala ou escreve envolve a subjetividade do ouvinte/leitor e é bastante difícil em alguns casos.

Llorach (1975), ao discutir a passividade e a atribuição em espanhol, realiza estudos que podem iluminar questões análogas do português. Ele se detém nas construções verbo flexionado+particípio, sobretudo no que possam apresentar de ambiguidade: seriam construções com verbo copulativo, como em (8), ou passivas, como em (9)?

## (8) A notícia é falsa.

(9) A notícia é divulgada.

O autor apresenta como solução o teste da reescritura em forma correspondente ativa/passiva, unicamente aplicável ao enunciado com locução verbal passiva (9)<sup>2</sup>.

(8a) A notícia é falsa / [sem equivalente passiva]

(9a) Divulgam a notícia / A notícia é divulgada.

Note-se que, em seu estudo sobre atribuição, Llorach não está buscando discriminar períodos simples de períodos compostos, mas identificar o tipo de estrutura, isolando a construção passiva. De qualquer modo, ao apontar caminhos para identificar a existência de locução, fornece elementos para recortarmos mais criteriosamente o que nos interessa aqui: a distinção entre locuções e verbo flexionado+oração reduzida.

Azeredo (2000) apresenta o grupo dos verbos instrumentais, formado pelos que são tradicionalmente conhecidos como auxiliares e os também tradicionalmente (e, segundo o autor, equivocadamente) chamados verbos de ligação. É característico desses verbos não atuarem como predicadores nem fazerem exigências quanto à espécie de sujeito de sua oração.

Ao tratar especificamente dos usos do gerúndio, ele indica como uma das posições sintagmáticas que essa forma nominal pode ocupar a de “predicador em locução verbal, quando vem precedido de um verbo instrumental auxiliar” (2000: p. 243). Os exemplos que apresenta são:

(10) Nós estávamos conversando.

(11) Continua chovendo no sul do país.

(12) Fiquei esperando por vocês.

Dada a fragilidade semântica dos verbos citados nos exemplos do autor, não haveria, para o falante em geral, problemas em reconhecer a existência de locução verbal, mas pode haver dúvida em enunciados como em:

(13) Eles acabaram cedendo ao desejo de chocolate.

Aqui, o auxiliar está semanticamente mais forte. Isso se deve,

---

2- Não examinaremos aqui, por razões de espaço, os casos em que essas estruturas se interpenetram (A casa **tinha sido pintada** – tempo composto na passiva // A casa **anda sendo utilizada** na nossa ausência – voz passiva + aux. semântico // A casa **pode ter tido** vários donos – tempo composto + aux. semântico) ou se multiplicam (Eu **preciso continuar querendo morar** nessa casa – três auxiliares semânticos).

basicamente, ao fato de que, nas perífrases de gerúndio, o auxiliar nunca sofre um esvaziamento completo (YLLERA, 1999). Testes podem ser feitos para determinar a existência de perífrase de gerúndio e, conseqüentemente, eliminar a hipótese de oração reduzida de gerúndio, como vemos em:

Para que se configure a existência de uma perífrase de gerúndio, a conjunção verbo flexionado+gerúndio deve satisfazer algumas condições:

- a) o gerúndio deve possuir caráter verbal, não funcionando como advérbio nem como adjetivo;
- b) o sujeito do gerúndio e o sujeito do verbo auxiliar devem ser correferentes;
- c) não devem existir complementos que modifiquem exclusivamente o verbo auxiliar. (ARAUJO, 2004: p. 16)

Aplicando esses testes ao exemplo (13), veremos que CEDENDO indica processo nitidamente verbal, não atuando como modificador do verbo ACABAR; o pronome ELES funciona como sujeito de ambas as formas; não há possibilidade de inserir complemento exclusivo do verbo auxiliar, como na seguinte reescritura:

(14) Eles acabaram a festa queimando fogos.

Conclui-se pela existência, em (13) mas não em (14), de perífrase de gerúndio, sendo o verbo auxiliar responsável pela flexão e conferindo valor aspectual a CEDENDO.

O tratamento das construções com infinitivo não destoa. Assim como ocorreu com o gerúndio e o particípio, há ambigüidades a serem manejadas e fronteiras a serem delineadas. Certamente haverá imprecisão na percepção e na descrição de enunciados como em (15)

(15) Eles podem ceder ao desejo de comprar chocolate.

Nessa frase, temos a participação de auxiliar modal (PODER, com comportamento análogo ao que seria observado em TER DE, DEVER, IR) + infinitivo.

### **Verbos auxiliares, orações reduzidas e algumas aplicações**

O trabalho citado de LOBATO (1975) procura oferecer alguma sistematização para a tarefa de descrever as estruturas que agora estudamos. Inicialmente, ela demonstra, fazendo um apanhado de estudos linguísticos de significância em relação a esse ponto da gramática do português, que não há

grande coincidência entre os estudiosos sobre qual seja o elenco de verbos auxiliares. Seguindo o pensamento de Bernard Pottier, a autora faz distinção entre os auxiliares (que classicamente participam dos tempos compostos, TER e HAVER, e que sofrem grande esvaziamento semântico ao integrarem sintagma verbal com o principal, como ocorre com SER e ESTAR – embora a autora ainda apresente uma divergência quanto à inclusão destes dois últimos entre os auxiliares) e os auxiliantes (que conservam, ao menos em parte, sua carga semântica e incluem os modais). Para tanto, ela faz uma longa consideração sobre os usos de formas verbais flexionadas seguidas de formas nominais e chega a um inventário de condições definidoras do tipo de construção. Partindo das condições mais abrangentes e efetivas para as mais específicas e restritas, temos: oposições, unidade semântica, carência de imperativo, impossibilidade de [+que/se] na locução, incidência de um circunstante temporal, apassivação, restrição sintagmática, negatização, pronominalização.

Dos auxiliares e auxiliantes das orações com locução verbal, passemos aos verbos das orações reduzidas, revendo o que diz a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Segundo o texto de 1959, são reduzidas as orações que se apresentam com verbos numa das formas nominais – gerúndio, infinitivo, particípio, que passam a lhes dar nome (reduzida de gerúndio, de infinitivo e de particípio). Interessa-nos, porém, mencionar aqui uma nota que fazia parte do Anteprojeto da NGB (de 1957) e que foi retirada da versão final. Ela procurava delimitar as orações reduzidas de particípio (certamente contemplando divergências já existentes):

Nota: Somente se consideram reduzidas de particípio as orações adverbiais correspondentes ao *ablativo absoluto latino*, tanto vale dizer – aquelas que tiverem sujeito próprio. Exemplo: *Terminados os exames*, começou a distribuição de prêmios. (In: HENRIQUES, 2009: p. 152)

A partir das considerações teóricas feitas até agora, podemos examinar mais detidamente algumas condições dentre as estudadas por LOBATO (1975) e as sugeridas pelos autores citados neste artigo. Nosso propósito é buscar uma sugestão prática para o docente de língua portuguesa, que se vê diante da necessidade não só de ensinar orações reduzidas, como também de preparar seu aluno para lidar com textos muitas vezes extraídos de meios cotidianos, como as mídias reais e virtuais. Por isso partiremos de material coletado em jornal, começando com uma Carta de leitor.

Muitos colegas médicos que receberam proposta para cidade do interior com promessa de bons salários e condições de trabalho aceitaram. Mas, ao chegarem lá, o que encontraram foi total falta de estrutura e recursos mínimos para o exercício da função. Se tentam persistir, não recebem o prometido, sob muitas alegações, como dependência de repasses. Ou seja, no final, o médico desiste, arcando com grandes prejuízos. Não é o médico que não quer ir; a total falta e apoio é que o impede.

(O Globo. Seção “Cartas dos leitores”: 11/05/2013, p. 11, 1º caderno)

Nesse texto, duas construções merecem nossa análise (os destaques são nossos): “Se TENTAM PERSISTIR, não recebem o prometido (...)” e “Não é o médico que não QUER IR (...)”.

Apliquemos inicialmente o teste da identidade do sujeito, seguido do teste da admissão de [+que/se], que corresponde a uma tentativa de desenvolvimento da estrutura supostamente reduzida, e por fim o teste da apassivação [incluindo se possível o subtteste da pronominalização].

Observamos que, em TENTAM PERSISTIR, há tal identidade, pois “os que tentam” identificam-se com “os que persistem”, inevitavelmente. A construção “se tentam que persistam” é bastante estranha e resultaria num sentido diferente, sugerindo que outras pessoas persistiriam, o que geraria incoerência textual.

Em QUER IR, o mesmo parece ocorrer, pelo menos na construção com o infinitivo. Conclui-se, portanto, que em ambas há locução verbal de valor semântico e, óbvio, não há oração reduzida.

No segundo exemplo, recorremos à frase que encabeça uma propaganda de automóvel (também publicada no jornal O Globo de 11/05/2013). Nela se lê:

AS MELHORES OFERTAS DO RIO DE JANEIRO ESTÃO NA  
NONONO. VENHA CONFERIR.

A construção a ser submetida ao teste é “VENHA CONFERIR”. Quanto à identidade do sujeito, a resposta é positiva, pois “quem vem” também “conferirá”. Quanto à admissão de “que/se”, a resposta é negativa, pois “venha que confira/se confere” soam não vernáculas. Conclui-se, então, que ocorre também aqui uma locução verbal de valor semântico e, óbvio, não há oração reduzida.

O terceiro exemplo é retirado de um editorial de jornal:

O atraso barra a modernização dos portos

É deplorável a demonstração de descompromisso com as reais necessidades do país que tem sido dada pela base parlamentar do governo no encaminhamento da MP dos Portos. O último lance desta crônica de absoluta falta de bom senso, para dizer o mínimo, ocorreu quinta-feira, na tentativa de votação da matéria na Câmara, em que emergiram evidências da dura luta de *lobbies* de empresas e sindicatos travada em torno da questão, sem que em qualquer momento haja algum indício de preocupação com os graves gargalos existentes nos portos. Nem parece estar em questão um tema estratégico, do qual depende parte ponderável da capacidade de o Brasil ser competitivo num mundo cada vez mais globalizado, independentemente de crises.

(O Globo. Seção “Opinião”: 11/05/2013, p. 18, 1º caderno)

Nesse recorte, a construção a ser submetida ao teste está no trecho “Nem PARECE ESTAR em questão um tema estratégico”. Quanto à identidade do sujeito, de novo a resposta é positiva, pois o “tema estratégico” tanto “parece” como “está em questão”. No entanto, quanto à admissão de “que/se”, a resposta agora é também positiva, pois é perfeitamente possível estabelecer a equivalência com QUE: “Nem parece QUE está em questão um tema estratégico” (na ordem direta, “Nem parece que um tema estratégico está em questão”. Dessa feita, a conclusão é outra: não ocorre aqui nenhuma locução verbal de valor semântico. O caso é outro: há uma oração reduzida de infinitivo.

Restaria ainda aplicar esse teste a outros tipos de combinações, com verbos no gerúndio e com verbos no particípio, mas deixaremos essa outra etapa para um próximo artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Lúcia Deborah. *O gerúndio como expressão da modalidade em português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2004.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2011.

LLORACH, Emilio Alarcos. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos, 1970.

LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. “Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade.” In: LOBATO, L. et alii. *Análises linguísticas*. Petrópolis-RJ: Vozes: 1975. p. 27-91

YLLERA, Alicia. “Las perífrasis verbales de gerundio y participio”. In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. v.2 Madrid: Espasa Calpe S.A., 1999.

# ESBOÇO DAS CARTAS LÉXICAS DO ATLAS ETNOLINGUÍSTICO DO ACRE

LUISA GALVÃO LESSA KARLBERG  
PROFESSORA VISITANTE NACIONAL SÊNIOR – CAPES/UFAC

[lessaluisa@yahoo.com.br](mailto:lessaluisa@yahoo.com.br)

## Resumo

Este artigo é uma homenagem a Sílvio Elia, cujo centenário de nascimento se comemora em 4.7.2013. Tive o privilégio de ser sua aluna. O trabalho trata da linguagem dos habitantes do Acre. Portanto, é uma contribuição ao Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC. Utiliza-se, na confecção das Cartas, um software da Cartografia denominado de ArcGIS, que abarca princípios computacionais, matemáticos e geográficos que propiciam a análise, o manuseio e a geração de projetos na Área de Cartografia. O estudo se sustenta na Dialectologia Social, que observa a fala das várias camadas da sociedade rural e urbana, por meio do mapeamento cartográfico, e procura mostrar as características peculiares dos falares de regiões distintas e suas tendências linguísticas, nos diversos aspectos da fonética e da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e da estilística. O ALAC, no seu primeiro volume, com 220 Cartas Lexicais, constitui-se em instrumento revelador do falar acriano, apontando, num primeiro momento, as diferenças diatópicas entre as três grandes áreas de pesquisa: Vale do Acre, Vale do Purus, Vale do Juruá, numa comunidade que possui 733.559 mil habitantes. Para ‘neblina’, por exemplo, encontram-se formas como: nebrina, nevoeiro, chuvisco, névoa, puagem, sereno, neve. Essas denominações apontam para a diversidade de usos e para a unidade a que é capaz de chegar a língua portuguesa em terras amazônicas.

**Palavras-chave:** Dialectologia Social, Geolinguística, Cartas Léxicas, Linguagem Acriana.

## Abstract

This article is a tribute to Sílvio Elia, whose centenary is celebrated on 07/04/2013. I was privileged to be his student. The work deals with the language of the inhabitants of Acre. Therefore, it is a contribution to the Atlas ethnolinguistic Acre - ALAC. It is used in the manufacture of Letters, Cartography software called ArcGIS, which includes computational principles, which provide

mathematical and geographical analysis, handling and generation projects in the area of cartography. The study is based on Social Dialectology, observes that the speech of the various layers of the rural and urban society, by means of cartographic mapping, and seeks to highlight the peculiar characteristics of the different regions and speak their language trends in various aspects of phonetics and phonology, morphology, syntax, semantics and stylistics. The ALAC, in his first volume, with 220 Charts Lexical, constitutes an instrument for identifying acriano talking, pointing, at first, diatópicas the differences between the three major research areas: Valley of Acre, Purus Valley, Valley Juruá in a community that has 733,559,000 inhabitants. Para'neblina', for example, are ways: nebrina, fog, drizzle, mist, puagem serene snow. These designations indicate the diversity of uses and for the unit that is capable of reaching the Portuguese language in the Amazon area.

**Keywords:** Social Dialectology, geolinguistics, Lexical Letters, Language Acriana

## 1 - Introdução

Este trabalho – elaborado em homenagem ao linguista Sílvio Elia, de quem tive o privilégio de ser aluna – constitui-se num estudo da linguagem das pessoas do Acre. Pois como assegurava o homenageado (ELIA, 1974), “nunca se pode separar a ciência da linguagem da realidade humana”. E, assim, esse estudo dialectológico não é somente uma contribuição ao Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, mas um tributo ao professor que dedicou sua vida às questões da linguagem. E um atlas linguístico é o espelho da vida de um povo.

No dizer de BRANDÃO (1991, p.25),

[...] um Atlas linguístico é um conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico (...) é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares.

Nesse sentido faz-se um inventário de expressões e formas da linguagem regional, especificamente no Estado do Acre, no Vale do Acre, Juruá e Purus, pois de acordo com Cunha (1989) “os hábitos da vida moderna tem uma ação niveladora” e, segundo Lessa (1998), “é urgente a recolha da linguagem

regional, sob pena de se perderem muitas palavras com o desaparecimento dos objetos e das mudanças de hábitos e costumes”. Portanto, é importante que se faça um registro imediato de termos que poderão se perder através dos anos, em decorrência das modificações por que passam a vida acriana.

A linguagem sofre variações que traduzem a forma de vida do ser humano, assim diz Carlota & Ferreira (1994, p.12)

(...) que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, tem características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação.

E, ainda, Nascentes (1957) diz que “O Brasil é constituído por uma rede dialetal, onde há unidade na diversidade e diversidade na unidade”. O país é uma imensa colcha de retalhos, com peculiaridades linguísticas que muito enriquece a língua camoniana.

Então, percebe-se, que é por meio da língua que o ser humano mostra as suas concepções e as de sua comunidade, em virtude disso expressa Hjelmslev (in LESSA, 2003, p.28):

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Este estudo realça a importância da Dialectologia Social e da Geolinguística para o conhecimento da linguagem e compreensão das pessoas que utilizam a linguagem na vida social, em pequenas comunidade, algumas delas muito isoladas, ainda em pleno século XXI, como é o caso de algumas localidades do Acre.

Verifica-se, assim, a importância em se estudar a linguagem regional, para um desvendamento do ser humano e da cultura do lugar. No Acre, as pesquisas resultantes do Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre vêm auxiliando estudiosos numa maior compreensão da vida das pessoas nessa imensa floresta amazônica.

Assim, a contribuição que vem dando o Atlas Etnolinguístico do Acre se torna cada dia mais abrangente, sobretudo no momento em que os resultados que apresenta são examinados na relação com os de outros ramos das ciências humanas, nas múltiplas interfaces que com elas se pode estabelecer. A esse

propósito, na década de noventa, quando o ALiB era um sonho, em conferência feita durante o Seminário “Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, realizado em Salvador, em novembro de 1996, assim se expressou Michel Contini, (in: CARDOSO, 1997) diretor do Centre de Dialectologie de Grenoble:

Plus que jamais la géolinguistique apparaît aujourd’hui comme l’un des principaux centres d’intérêt de la linguistique, lieu privilégié d’expérimentation des théories et de méthodologies nouvelles, d’observation de la variabilité dans l’espace e dans le temps. Une possibilité irremplaçable aussi – dans une perspective diachronique – de vérifier l’évolution des langues grâce à une analyse des données synchroniques.

Atualmente, conta o Brasil muitos atlas linguísticos regionais já publicados e conhecidos dos estudiosos. Dentre eles citam-se alguns (perdão para aqueles não nomeados, aceitem o nosso respeito): o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, vol. I (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba, vols. I e II (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (1995); Atlas Linguístico do Pará, Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil e muitos outros em andamento.

Percebe-se, então, haver muito a ser feito em pesquisa dialetal. E, aqui no Acre, os resultados do ALAC apontam haver estreita relação entre os informantes seringueiros, o meio-ambiente e o vocabulário que essa comunidade utiliza no processo da comunicação, no dizer e no sentir o mundo. Então, o uso dessa ou daquela palavra depende da necessidade momentânea do falante que por vezes faz uso do conhecido para denominar o desconhecido. Assim sendo, cada palavra tem sempre uma razão de ser, um motivo que justifique o seu emprego.

## **2 – Materiais e métodos**

A metodologia utilizada na confecção das Cartas do Atlas Etnolinguístico do Acre é um software da Cartografia denominado ArcGIS, utilizado pelo ALiB. Trata-se de um programa de Geoprocessamento que abarca, em sua lógica, princípios computacionais, matemáticos e geográficos, no objetivo de propiciar a análise, o manuseio e a geração de projetos na Área da Cartografia, entre outras finalidades. O termo Geoprocessamento é

aqui utilizado como sendo um campo de atuação dentro da Geografia, que relaciona software (programa), hardware (aparatos físicos computacionais) e peopleware (profissionais capacitados para o exercício da função) no objetivo de aprimorar a Cartografia como um todo e atender ao advento do Sensoriamento Remoto (campo de estudo responsável pelo imageamento de satélite e sua consequente utilização dos produtos aí gerados).

O ArcGIS é um sistema de informações geográficas (SIG), que trabalha e/ou assimila, em suas funcionalidades, tanto dados espaciais (os mapas, cartas e plantas propriamente ditos) quanto os dados alfanuméricos (os atributos do banco de dados do programa utilizados para a construção cartográfica). Assim, há o cruzamento e interligação desses dois tipos de dados, o que proporciona a espacialização de pontos, linhas e polígonos, ou seja, o georreferenciamento das três matrizes básicas utilizadas em qualquer mapeamento temático.

No caso da presente pesquisa, utiliza-se o ArcGIS para demarcar, por meio de mapas cartográficos, as fronteiras dialetais no Estado do Acre, nas Áreas de Pesquisa do Vale do Juruá, Vale do Purus, Vale do Acre, apontando, inicialmente, fronteiras dialetais entre as regiões.

O SIG, em questão, é aceito, hoje, como o mais indicado para a Cartografia Temática, pois consegue abarcar várias funcionalidades em si essenciais para a Cartografia, que vão desde a inserção de informações para a elaboração de mapas— no caso dados linguísticos -- até a proposição do layout do mapa já no estágio final do projeto. Além disso, o ArcGIS proporciona uma maior gama de possibilidades no que concerne a formalidade das produções, isto é, esse programa dispõe de bases estatísticas e matemáticas fundamentais para a geração de mapas temáticos, com resultados seguros, precisos, definidores.

Quanto à fonte dos dados tem-se que todo e qualquer SIG necessita, para a sua prática, de uma base de dados, no caso específico trabalha-se com a base cartográfica do IBGE (bCIMd – IBGE) e foi assim sobreposto a tais informações os parâmetros linguísticos específicos do Estado do Acre.

No que se refere à sua utilização, afiança-se que esse é um programa de acesso restrito, uma vez que para o seu manuseio deve-se, primeiramente, entender, consideravelmente, a lógica do sistema, ou seja, como esse sistema “pensa”. Além disso, a dificuldade para a aquisição do mesmo se caracteriza, também, como um empecilho forte para a sua proliferação e entendimento dentro desse lato campo de estudo, porque é um software que está sendo manuseado pelo especialista Weldon Ribeiro Santos, da Universidade Federal da Bahia. É a pessoa que trabalha as Cartas do Atlas Linguístico do Brasil – AliB, sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Alice Cardoso. Esse mesmo

profissional colaborou na confecção das Cartas do ALAC, no seu primeiro volume, seguindo o levantamento feito nas grandes áreas da pesquisa. A interpretação e análises desses dados estão sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luisa Galvão Lessa Karlberg, a dialetóloga autora do ALAC.

### 3 – Pressupostos teóricos

Dentre as ciências humanas que se ocupam diretamente do estudo das interrelações entre o ser humano e sua linguagem, encontra-se a ciência Linguística, que tem como especial tarefa a descrição e análise do funcionamento das línguas naturais. A Dialectologia e a Geolinguística, por exemplo, são ramos da Linguística que se ocupam, predominantemente, do estudo das diferenças regionais da língua.

Para alcançar os resultados esperados da Geolinguística e da Dialectologia, estas, após documentarem, *in loco*, a língua em uso, bem como descreverem essa língua em seus diferentes níveis, mapeiam os dados em cartas linguísticas que são reunidas em um livro que recebe o nome de Atlas Linguístico. E, se segundo Aguilera (1998, p.145),

O papel dos atlas linguísticos é justamente investigar variações de usos da língua em diferentes espaços geográficos, dando-se especial atenção aos contextos culturais e situações informais em que se concretizam as atividades linguísticas, que se evidenciam principalmente nos planos lexical e fonético/fonológico.

A Dialectologia Social é a ciência que estuda a fala das várias camadas da sociedade rural e urbana. Por meio do mapeamento cartográfico, procura mostrar as características peculiares desses falares, fazendo o levantamento de seu vocabulário usado, de suas tendências linguísticas e de suas características gramaticais nos diversos aspectos da fonética e da fonologia, da morfologia e da sintaxe (regência, concordância, colocação), da semântica e da estilística. Ampliando esses estudos, pode-se, ainda, fazer o levantamento cartográfico do folclore e da etnografia para conhecer não só as características da própria comunidade, mas, também, para compará-las com o universo das demais localidades da região.

Compreende-se que, cada agrupamento humano sente a vida a seu modo, porque cada agrupamento faz o recorte da vida de acordo com sua vivência local e com as necessidades que o envolve, não só na linguagem como também na criação de instrumentos de trabalho adaptados à sua região. Cada

aglomerado humano, portanto, se externa, através da fala, aquilo que sente no seu viver diário. Por isso a fala de cada grupo humano é a manifestação das características próprias do seu meio que adapta a língua a seu modo de sentir a vida. Isso pode provocar, muitas vezes, distúrbios e ruídos ou perturbações de comunicação entre os falantes de comunidades diferentes, até mesmo na própria comunidade de acordo com as várias classes sociais corporativistas.

Com isso, se a fala revela e caracteriza os vários grupos comunitários ou sociais, não haverá, portanto, uma fala errada, mas uma manifestação da tendência comunitária. É a manifestação real e espontânea da língua corrente e viva, de uso constante na comunicação oral.

Conhecer um povo é conhecer a sua língua porque ela reflete todas as experiências históricas desse povo, todos os aspectos socioculturais, enfim, toda sua vivência. A língua é um fator tão forte para um povo que levou Monteiro Lobato a dizer “A pátria é a língua, nada mais” e Fernando Pessoa compara a Pátria com a língua quando disse “Minha Pátria é a Língua Portuguesa”. Gagné, linguista francês, diz que “a língua constitui um dos fatores de existência de uma comunidade, um elemento essencial de identificação nacional”. Humboldt, linguista alemão, arremata:

A língua não é um simples meio de comunicação, mas a expressão do espírito e da concepção do mundo dos sujeitos falantes: a vida em sociedade é um auxiliar indispensável do seu desenvolvimento, mas de modo nenhum o fim para que tende.

Portanto, essa língua viva, falada e quase nunca escrita, é de uso contínuo e está sujeita a desgastes que, na realidade, são transformações operadas numa evolução lenta e gradual, quase imperceptível, que nada mais é que uma adaptação da fala de um povo, ou agrupamento humano, ao seu modo de sentir e viver sua vida.

Charles Bally, linguista francês, diz: “as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando”. Tem o mesmo pensamento N. Hartmann ao dizer: “a língua viva não permanece nunca em repouso, está em contínua transformação”. E Eugênio Coseriu sintetiza o que dizem os dois linguistas, afirmando que a língua “pela sua função não está feita e sim se faz continuamente pela atividade linguística concreta”.

Observa-se que desde o surgimento da primeira obra de cunho geolinguístico, no século XX, na França (GILLIERÓN, 1902-1910), os atlas linguísticos tradicionais e contemporâneos têm documentado a realidade linguística de áreas geográficas distintas, e são fontes seguras para estudos

sobre a língua em uso num espaço e época determinados.

No Brasil, a Geolinguística avançou bastante nas duas últimas décadas. Já se tem importantes atlas publicados: Atlas Prévio dos Falares Baianos; Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais; Atlas Linguístico da Paraíba; Atlas Linguístico de Sergipe; Atlas Linguístico do Paraná; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS; Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará – ALISPA.

No Acre, os estudos dialectológicos estão avançados, porquanto a coleta foi realizada, os dados transcritos e, agora, se faz a análise de 220 cartas léxicas que compõem o Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, vol. I. E, embora seja um trabalho solitário, de uma única pesquisadora, há um material rico e fértil para a preparação do II Vol. do mencionado atlas. É um trabalho que vem se somar aos demais em território brasileiro.

O objetivo da Dialectologia é, portanto, fazer, através de entrevistas com os habitantes regionais, o levantamento cartográfico das variantes de fala para elaborar as Cartas Linguísticas e, através destas, os Atlas Linguísticos.

O Atlas Linguístico é o resultado de uma complexa metodologia de trabalho na busca, em fonte segura, dos dados linguísticos das diversas falas que traçam o perfil de uma língua. As variedades regionais da fala são formas dialetais conhecidas através das pesquisas de campo que propiciam o mapeamento linguístico das regiões com a respectiva elaboração dos Mapas (ou Cartas) Linguísticos.

O Atlas Linguístico irá mostrar as localidades em que ocorrem as características linguísticas regionais. Nele podem estar reunidas as várias espécies de Cartas Linguísticas que receberão denominações diferentes de acordo com o assunto linguístico pesquisado. Assim teremos as Cartas Linguísticas que representam a variedade de estudo que a pesquisa de fala pode proporcionar conforme o enfoque dado:

- A linguagem do Vale do Acre;
- A linguagem do Vale do Purus;
- A linguagem do Vale do Juruá.

## **4 – Resultados e discussões**

### **4.1 – Amostragem dos diálogos**

As palavras que serviram para a confecção dos mapas dialetais, dentro das Áreas e Zonas de Pesquisa, são retiradas de fragmentos dos diálogos entre locutor e informante, conforme ilustram os breves fragmentos que se seguem,

transcritos segundo a metodologia do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC, aproximando, ao máximo, a escrita da fala corrente na região:

(...) se a ente... chega com leite né... aí tem a fornalha...

TA087CM:06

(...) a rente traiz o leite... despeja na bacia... aí vai defumá borracha (...)

SM118CF:03

(...) a tigela... aí a tigela apara aquele *lête* aí quano é de tarde...

AB137CF:24

(...) trazia o *lête* ... dispejava na caxa aí ...

PC184CF:06

XA001CM:04

(...) o saco ... o *baldo* ... a faca ... a espingarda ...

FE093CF:06

(...) que num precisa fazê a munição ... *querosene* né ...

MU151CF: 12

#D

e o quê eles trocavam?

#L

era essas coisa de casa... sabão... querosene... açúca... café... baNa... óleo... sal... *queroseno*... era essas coisa

CS102CF:55

(...) *não* ...*tendo* camin ... *começava* o camin da barraca... *abria* aquele *pique* ...

SM117 CM:05

(...) *pela merma*... *pelo mermo* camin da manga... *aí segue* no espigão de novo...

AB137CF:25

(...) agora saí ... aí sai cortano o mato ... corta um mato aqui ... a gente í ... sabeno onde é ... agora o ôtro vai aculá e roçando ... alimpando o *camim* ... supono mêo assim ... como ...

RB068CM:04

(...) *ah* ... a rente ... *quano era* mês de abril ... *aí a rente já faiz* aquele camiNo assim (( *gestos* )) *sabe*

RB131CF:03

(...) eu nunca consegui diNêro não

MU153CM:114

(...) vim recebê ... arrumá o diNêro

CS102CF:17

(...) é .... pois é ... hoje em dia a borracha tá dano diNeiro ... e no mês todo num dá nada né ...

RB068CM:26

(...) o... o camboêro viNa... viNa faze a nossa... leva por metade... metade pa tanto... metade pa... mercadoria

RB131CF:01

(...) tiNa o comboiêro ... era obrigação dele...

SM117CM09

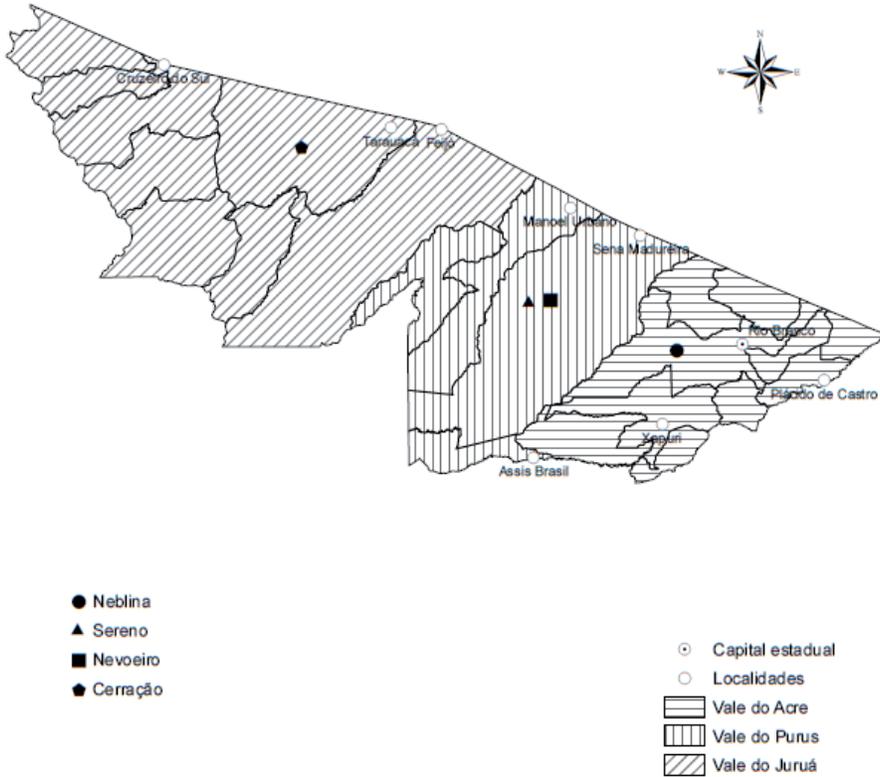
(...) lá tem... os patrão manda busca né... tem os camboiero né... que carrega... vai dexá mercadoria

FE099CM:11

Ainda, com relação à diversidade, observa-se, na Carta 7, a variação para a casa do seringueiro: tapiri e tapera. Sendo o ‘tapiri’ como a forma mais usual.

## 4.2 – Amostragem das Cartas lexicais

### Carta 3 - Chuva fina

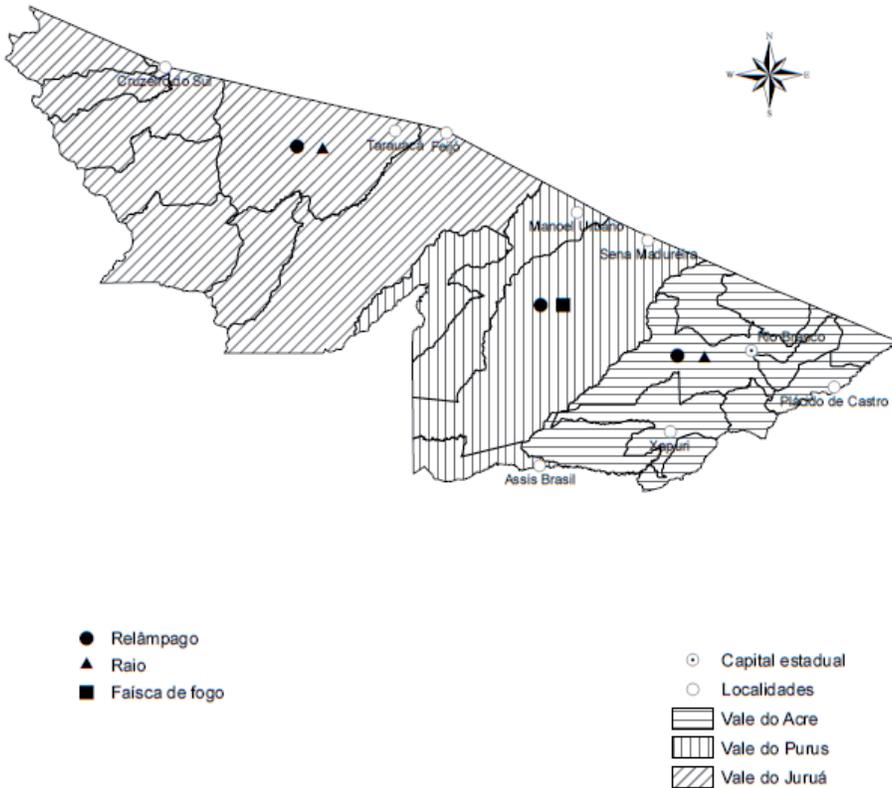


Fonte  
 Tema: Variação dialéctica no Vale do Acre,  
 Vale do Juruá, Vale do Purus, CEDACALAC - 1991.  
 Base: Base Cartográfica Digital do Brasil ao Milionésimo v. 2.0  
 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

Análise Linguística: Luísa Galvão Lessa.  
 Planejamento Cartográfico e Edição: Weldon Ribeiro Santos.

80 40 0 80 160 240 Km

## Carta 4 - Fenômenos atmosféricos



Fonte  
Tema: Variação diafórica no Vale do Acre,  
Vale do Juruá, Vale do Purus, CEDAC/ALAC - 1991.  
Base: Base Cartográfica Digital do Brasil ao Milionésimo v. 2.0  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006.

Análise Lingüística: Luísa Galvão Lessa.  
Planejamento Cartográfico e Edição: Weldon Ribeiro Santos.

80 40 0 80 160 240 Km

Compreende-se, pela pesquisa aqui empreendida, que o conhecimento humano passa pela língua e cada língua tem, para seu uso, uma gama de termos e expressões gerais e de generalidades que se estende para a fala diária. Esta é, no entanto, mesclada de mutabilidades que revelam o dinamismo a que toda língua viva está sujeita. Ora, o que é dinâmico não pode ser estável. No entanto, a língua se apresenta como um paradoxo - imutabilidade dinâmica, sujeita a modificações.

A mutabilidade da língua se manifesta nas variações regionais da fala que, dentro do arcabouço imutável, apresenta variantes contínuas da fala. São variações que se manifestam no aspecto fônico, morfológico ou sintático e, de modo mais acentuado no lexical e semântico. É a “lei do menor esforço”, ou melhor, a economia linguística provoca as mutações que se processam de modo lento e persistente, criando as variações na linguagem, os regionalismos, os dialetos.

## **5 – Conclusão**

O Atlas Etnolinguístico do Acre, ALAC, no seu primeiro volume, constitui-se em instrumento revelador do falar acriano, em particular um estudo da variação lexical, com as diferenças diatópicas, num primeiro momento, entre as três grandes áreas de pesquisa: Vale do Acre, Vale do Purus, Vale do Juruá.

Há traços interessantes na linguagem de uma comunidade que possui 749.000 habitantes. Encontra-se, por exemplo, para o fenômeno da ‘neblina’ formas como: nebrina, nevoeiro, chuvisco, névoa, puagem, sereno, neve. Essas denominações são reveladoras da realidade do português acriano e apontam a diversidade de usos e a unidade a que é capaz de chegar a língua portuguesa em terras amazônicas.

No nível morfossintático, menciona-se, para conhecimento da comunidade linguística, qual o tratamento pronominal adotado pelo interlocutor na conversação em geral e numa mesma situação de discurso. Os dados revelam que há uma preferência acentuada pelo uso de tu no Vale do Juruá e Vale do Purus; no entanto, observa-se a presença de áreas onde se registra a preferência ou a tendência para o uso de você, caso do Vale do Acre, onde está a capital Rio Branco.

No nível lexical, os estudos têm revelado uma significativa diversidade de usos. Por exemplo, a carta 2 relativa a fenômenos atmosféricos, assinala variações entre as regiões pesquisadas para um mesmo fenômeno: relâmpago, fâisca de fogo, raio. A Carta 5, para o local onde mora o seringueiro, encontram-

se as denominações: seringal, colocação, colônia, casa do seringueiro. A predominância é ‘colocação’. Na carta 6, lugar onde as pessoas se divertem, encontram-se seis variações: festa, baile, forró, arraial, trimiganga, bingo, com predominância, nas três áreas de pesquisa, da palavra ‘festa’.

Essa riqueza lexical, na variedade em território acriano, aponta a variação da língua como fator importante para o ensino e aprendizagem. É um aspecto importante que está contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com diretriz para “apontar metas de qualidade de ajudarem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres”.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: UEL, 1994/1995.

ALVAR, Manuel. *La Dialectologia*. Madrid: 1963.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleusa P.B. *Atlas linguístico da Paraíba*. Cartas léxicas e fonéticas - V 1. Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas - V2. Brasília: CNPq/UFPA, 1984.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A Geografia linguística no Brasil*. São Paulo Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana A. M. *Atlas linguístico do Brasil - ALiB - Projeto*. Salvador: UFBA, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice. *Perspectivas da pesquisa sobre a diversidade linguística no Brasil*. ATAS DO I CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN . Boletim da ABRALIN, edição 21, Junho/1997.

\_\_\_\_\_. *Atlas linguístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: 2002. Tese (doutorado) - UFRJ.

CRUZ, M. L. C. *Atlas linguístico do Amazonas*. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

ELIA, Sílvio (1974) *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes.

FERREIRA, Calota & CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. Coleção repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto.

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C. V. (orgs.). *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil*. Porto Alegre / Florianópolis /

Curitiba: Ed.UFRGS/Ed.UFSC/Ed.UFPR, 2002. v. 1 e 2.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD Room.

RIBEIRO, José; Mário Roberto L. Zágari; José Passini; Antonio Pereira Gaio. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: FCRB, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

LESSA, Luísa Galvão. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre CEDAC*. Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional de Filosofia e Linguística da América Latina: ALFAL. Campinas: 1990.

\_\_\_\_\_. *Projeto Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Comunicação apresentada na V semana na UFMT. Cuiabá: 1992.

\_\_\_\_\_. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC*. A Linguagem Falada no Vale do Purus. Rio de Janeiro: 2002 v. I.

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Acre – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Juruá – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002

\_\_\_\_\_. *A linguagem falada no Vale do Purus – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002.

# ESTRUTURALISMO E NÃO ESTRUTURALISMO

MANOEL P. RIBEIRO (UERJ, UNISUAM E ABRAFIL)

## Resumo

Por haver diferentes formas de se estudar uma língua, surgem diferentes teorias linguísticas. Daí termos estudos de Sociolinguística, Neurolinguística, Psicolinguística, Análise de Discurso, entre muitos outros. Este artigo situa, basicamente, conceitos emitidos por Sílvio Elia, em seu livro *Sociolinguística*.

**Palavras-chave** – estruturalismo, não estruturalismo, gramática, análise de discurso.

## Introdução

Em artigos anteriores, utilizamos esta introdução, pois ela é pertinente para vários temas dos estudos linguísticos. Há um forte apoio em conceitos emitidos pelo filólogo e linguista Sílvio Elia, que é homenageado, nesta revista da ABRAFIL, pelo centenário de nascimento. Também utilizamos conteúdos de especialistas em análise de discurso, como Eni Orlandi, Bethania Mariani e Freda Induski. Alguns dados do linguista Walmírio Macedo, de seu novo livro sobre semântica, se acham presentes.

Há diferentes formas de se estudar a linguagem. Assim, a partir do *Curso de Linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure, podemos direcionar nossa atenção sobre a língua como sistema de signos ou sistema de regras formais. Desse ponto de vista, temos a Linguística estruturalista. O estruturalismo se baseia no princípio de que uma língua é um sistema, ou melhor, como se afirmou mais tarde, uma *estrutura*. A língua é estudada na interdependência de suas relações, portanto numa visão sincrônica dos fatos da linguagem, e não diacrônica. Se estudarmos a língua como normas de bem dizer, temos a Gramática normativa. A palavra gramática assume diversos sentidos, em diferentes épocas, com distintas tendências em diversos autores (ORLANDI, 2003 b: 15).

Para Macedo (2012: 22),

Estrutura é um conjunto cujos elementos se interdependem, se encadeiam entre si e se arrumam em lugares cuja posição é importante para a significação global. A estrutura pressupõe noção de totalidade,

disposição e solidariedade. Um amontoado de tijolos é um conjunto, mas os tijolos formando a parede é uma estrutura.

Por haver diferentes maneiras de se significar, é que muitos pesquisadores se interessaram pelo estudo da linguagem em diversos aspectos. Daí terem surgido estudos de Sociolinguística, Neurolinguística, Psicolinguística e Análise de Discurso, entre outros.

### **O Curso de Linguística Geral e sua repercussão**

A Ciência da Linguagem surge nos primórdios do século XIX. Antes, havia um saber linguístico, mas não uma ciência que exige objeto e métodos próprios. Existia o objeto (a linguagem), mas não um método regular, que somente vai surgir a partir da sistematização histórico-comparativa, com a obra de Franz Bopp sobre a conjugação dos verbos em sânscrito, em comparação com a do latim e do grego. Esta primeira fase é historicista.

Com Ferdinand de Saussure, temos a segunda fase com o estruturalismo. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure se baseia em dicotomias, salientando-se o corte epistemológico que dividiu a linguagem em *língua* e *fala*. A língua remete a um sistema abstrato de regras, especificamente a um sistema de valores constituído por diferenças puras. Já a fala leva ao uso que tais regras possibilitam. A oposição língua/fala separa o social do individual, o essencial do acessório e acidental. Essa separação determinou a língua como objeto da Linguística, na qual são examinadas as relações internas ao sistema. As relações sistêmicas são de natureza regular e homogênea, pois abstraem o uso e as variações decorrentes (INDURSKY, 1998: 7).

Em *Lições de linguística geral*, Coseriu (1980: 4) observa que a distinção entre *significante* e *significado* é muito antiga e não surgiu em Saussure, e sim em Aristóteles, com outras palavras, em *De Interpretatione*, que distingue o que está na *voz* daquilo que está na *alma*. O mestre romeno conclui: “Só se explica que esta distinção seja atribuída a Saussure porque se interrompeu a linha teórica no decorrer dos séculos”.

Coseriu (1980:5) ainda demonstra que a dicotomia sincronia / diacronia já se achava nas notas “acrescentadas à edição francesa da obra já citada de Harris, de 1751 (cf. 1.4, c) traduzida por François Thurot, no quarto ano da República” (1987: 5). O autor cita, ainda, Gabelents, em obra editada em 1891, que distingue entre *atos simultâneos* e *atos* que se sucedem um depois do outro, sucessivos.

A linguística pós-saussuriana sistematizou o estudo da língua, com a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe. Esses trabalhos excluíram qualquer aspecto que se referisse à Semântica, ao sujeito e à sua relação com a história. Restaram somente a análise e a descrição do funcionamento interno das línguas. É uma visão abstrata da língua,

vinculada à prática social apenas enquanto um instrumento de comunicação – a fala –, como se as línguas fossem transparentes e os homens – livres das injunções históricas – delas se servissem a seu bel-prazer” (MARIANI, 1996: 14).

Para Indursky (1998: 17), a Linguística saussuriana fixou, como objeto de seu estudo, a frase como limite. O discurso, por isso, ficou excluído, por sua natureza e extensão. Ele não se confunde com a frase por estar além dela.

A oposição língua/fala separou o linguístico e o sistêmico dos elementos pragmáticos existentes na língua. Essas exclusões recaem sobre o sujeito, já que sua atividade, por ser ligada ao exercício da linguagem, é assimilada ao individual e remete para uma pretensa liberdade, que escapa às sistematizações próprias à língua (INDURSKY, 1998: 7).

O estudo do estruturalismo linguístico se situa na interdependência de suas relações, com uma visão de uma determinada época, como são as línguas, como estão; por isso, as línguas “se revelam como estados de uma sequência temporal em que as unidades se alteram, mas as relações subsistem” (ELIA, 1987: 11).

O período estruturalista apresenta dois momentos: o descritivista e o gerativista, separados pela data de 1957, ano da publicação de *Syntactic Structures*, de Noam Chomsky. Assim, surge a linguística moderna em Saussure, com a elaboração de um modelo abstrato, a língua, a partir dos atos de fala (CALVET, 2002: 11). Para Saussure (1972: 22), a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. Apesar de algumas passagens em que diz que a língua é a parte social da linguagem ou que é uma instituição social, a obra insiste em que ela é um sistema que conhece apenas sua ordem própria, ou, ainda, que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1972: 271). Nesse ponto foi seguido por estudiosos como Bloomfield, Hjelmslev ou Chomsky, que concordavam em delimitar o campo de sua ciência de modo restritivo, eliminando tudo que não fosse a estrutura abstrata – objeto de seu estudo, como se lê em *Sociolinguística*

– *uma introdução crítica*, de Louis-Jean Calvet (2002: 11/2).

Apontado como discípulo de Saussure, Antoine Meillet definia o caráter social da língua. Filiado ao sociólogo Émile Durkheim, ele escreveu o artigo “Comment les mots changent de sens”. Na resenha ao *Curso de linguística geral* (“Compte rendu du Cours de linguistique générale”, in *Bulletin de la Société linguistique* de Paris, p. 166), o linguista ressalta que, “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (*Apud CALVET*, 2002: 14).

O primeiro momento do Estruturalismo descreve os componentes da estrutura de uma língua: suas entidades e relações. Por isso, é descritivista e taxionômico. Para Chomsky, essa fase limita-se a uma descrição da superfície das estruturas e desconhece a estrutura profunda, de natureza sintática e gerativa. Essa estrutura profunda seria produzida por um conjunto de regras interiorizadas pelo sujeito falante, no contacto com a prática oral da língua, através de um mecanismo inato de ordem universal, a *faculté du langage* (ELIA, 1987: 11).

As regras de transformação atuam sobre a estrutura profunda, gerando-se uma estrutura de superfície que se manifesta fonicamente. Chomsky parte das ideias de Descartes e dos cartesianos em geral, além do pensamento de Humboldt.

A *gramática gerativo-transformacional* parte das noções de *competência e de atuação* (performance). Todo falante nativo tem a competência para formular tanto enunciados já conhecidos como enunciados novos. Todos obedecem às mesmas regras.

O conceito de *competência* se aproxima do de “langue”, de Saussure. Da mesma forma, o de *atuação* é próximo do de “parole”. Uma teoria é gerativa “sempre que forneça uma descrição estrutural (finita) para todos os objetos linguísticos (infinitos) que são gramaticais dentro do domínio da língua natural que se examina”, diz-nos Edward Lopes (1976: 197). Ela é transformacional, continua o autor, “sempre que conceba – e descreva – as estruturas de superfície como resultado de transformações operadas nas suas estruturas profundas”. O principal nome dessa gramática é Noam Chomsky.

Para Elia (1987: 12), as deficiências do Estruturalismo resultam do seu imanentismo:

Saussure proclamou que a língua devia ser “envisagée em elle-même et pour elle même”. Chomsky ensina (Aspects: 3) que a “teoria linguística ocupa-se primariamente com um falante-ouvinte ideal, numa

comunidade linguística completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e interesse e erros (casuais ou sistemáticos), ao aplicar seu conhecimento da língua no desempenho atualizante”.

O terceiro momento da Ciência da Linguagem apresenta algumas postulações fundamentais. As línguas constituem uma *arquitectura* e não apenas uma *estrutura*. Não podem ser reduzidas a tecido meramente formal de relações, já que há interferência de fatores psicológicos, sociológicos e antropológicos, que não se encontram apenas do lado de fora, como fatos extralinguísticos, mas sim dentro delas, no léxico, nas diferenciações socioletais, na padronização dos esquemas frasais. Assim, as línguas seriam uma forma entre duas substâncias (a psíquica e a fônica), como queria Saussure. Para Coseriu (1973: 264/5), as línguas são uma forma numa substância. Não se pode estudar Fonologia sem Fonética. O linguista afirma:

...en los objetos culturales, la sustancia es determinada (elegida) por la forma: ellos son formas que asumen una sustancia en estos últimos objetos, entre los cuales se halla también el lenguaje, la sustancia no es indiferente y no puede ser ignorada.

No rodapé das pp. 264 e 265, o autor ressalta: pero entre la forma y la sustancia hay interdependencia, pues la forma lingüística es siempre forma de sustancia.

Em referência à substância psíquica, o absentismo se torna clamoroso. Não se pode fazer Semântica, mesmo estrutural, sem ideias. Para fazer parte da linguística, exigiu-se que a Semântica se apresentasse sob as vestes estruturais, que se despojasse da “roupagem extralinguística”.

Como admitir ideias, no plano cultural (sentido antropológico), sem apoio na coisa (pragma), isto é, na realidade circundante? Como compreender esta frase “O menino pôs a lima na mesa”, sem o conhecimento daquilo que o Prof. Coseriu chama “designações”? (ELIA, 1987: 12)

Os estudos semânticos, em certo momento, foram considerados fora do campo da Linguística. Isso se vê em Bloomfield (*Language*, 138. *Apud* ELIA, 1987: 13), que dividia a Semântica em gramática e léxico. Haveria uma semântica gramatical e outra lexical. O estudo das significações (*meaning*) estaria sempre sob suspeição. Bloomfield (*Language*:140; *apud* ELIA,

1987: 13) afirma, ainda, que a questão semântica é o ponto fraco dos estudos linguísticos e que não cabe a significação dos morfemas ser analisada na esfera propriamente linguística. Outros autores, como, por exemplo, W.S. Allen (citado por Ulmann; *apud* ELIA, 1987: 13), afirmaram que *meaning* se havia tornado um termo obscuro, no pensamento de linguistas (estruturalistas).

Coseriu (1977:187) diz que a distinção entre significado (significação de língua) e aceção nos conduz a outra distinção: a que ocorre entre significado e designação. Para ele, essa oposição é fundamental para a semântica estrutural e, em geral, para o enfoque funcional da linguagem, uma vez que somente o significado é propriamente linguístico (pertence à língua), podendo ser estruturado pela linguística. Já a designação depende do extralinguístico:

El significado (la “significación de lengua”, como el “y no más” de Leibniz en los ejemplos que se han visto) es el contenido de un signo o de una construcción, en cuanto dado por la lengua misma; la designación, en cambio, es la referencia a un objeto o a un “estado de cosas” extralingüístico y el componente de la acepción que resulta de tal referencia (COSERIU, 1977: 187).

Para Elia (1987:13), a Semântica Estrutural precisa ser complementada pela Semântica Cultural, pois esta faz a interpretação semiológica da realidade circundante. Quer dizer, a significação das coisas (sentido amplo) entra no universo da linguagem não ‘diretamente’ (a coisa em si), mas indiretamente, sob a forma ‘cultural’, entendida cultura como a cosmovisão própria de uma comunidade humana constituída historicamente.

Assim, determinado termo não tem o mesmo significado para dois povos distintos, como o nome *vaca*, que, para os hindus, é um animal sagrado, e, para os ocidentais, é animal próprio para a subsistência do homem. Julga Sílvio Elia (1987: 13) que

entre a designação, cujo termo semântico é a coisa, e a significação estrutural, própria de uma língua em suas relações distintivas, se há de colocar a significação cultural, instalada em uma língua enquanto rede conceptual através da qual se coa (e esco) a experiência vivida pelos sujeitos falantes.

É necessário também distinguir, além das Idades históricas, algumas Idades culturais, caracterizadoras da chave interpretativa da realidade cósmica, como descreve Sílvio Elia (1987: 14):

- 1) a cultura greco-latina era mitocêntrica: o homem era governado pelos deuses e submetido à vontade deles; daí a realidade do *Fatum* ou *Destino*, a quem ninguém poderia escapar;
- 2) a cultura medieval era teocêntrica, embora o homem, dotado de liberdade, pudesse sempre recorrer ao Deus supremo, redentor e julgador, que regia os povos sob a forma de Providência;
- 3) a cultura moderna é antropocêntrica: procura na Ciência a justificação social e moral do comportamento humano.

Há de se atentar também para a exposição do grande linguista e filólogo Walmírio Macedo:

O posicionamento da gramática estrutural é que se deve partir da forma, mas não se pode prescindir da significação. É óbvio que qualquer estudo de uma língua deve começar pelo plano formal e, a partir daí, deve chegar ao plano semântico. Uma descrição da língua que fique exclusivamente no aspecto formal é falha. Um signo sem significado pode ser tudo, menos signo (2012: 18).

Para o autor, há três características dessa gramática: sincrônica, sintagmática e semântico-estrutural.

A língua está colocada entre o mundo interior de nossa realidade psicológica e o exterior das vivências socioculturais. Por isso ela tem de ser estudada em sua integralidade histórica. Estudada em si mesma, recebe com êxito o método estrutural. Mas, se for apreendida em suas relações com a causalidade lógica e psicológica, sobressaem duas novas disciplinas: a Logicolinguística e a Psicolinguística. Se estiver voltada para o condicionamento exterior sociocultural, teremos a Etnolinguística e a Sociolinguística. Todas são componentes de um conjunto que constitui as ciências da linguagem (ELIA, 1987: 14).

Este novo método (neocultural) desvia-se do vazio do Estruturalismo e coloca a Linguística em suas dimensões reais e humanas. A filosofia que nutre e sustenta esse método é denominada por Sílvio Elia de *humanismo* (1987: 15).

Em 1956, Marcel Cohen publicou o livro *Por uma sociologia da linguagem* (*apud* ALKMIN, 2001: 26), afirmando que “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais”. Ele distingue entre o aspecto externo na constituição das línguas e o interno, propriamente gramatical. No primeiro, a influência do fator sociocultural é sensível; quanto ao segundo, esse fator só atua esporadicamente.

Benveniste mostra que “a linguagem sempre se realiza dentro de uma

língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” (1976: 31). Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra. Porém, Tânia Alkmim (2001: 28) pondera que, apesar de ser óbvia essa relação, ela é também complexa, pois a passagem do social ao linguístico e vice-versa não ocorre com facilidade.

Benveniste (1976: 279) examinou as marcas da atividade do homem na língua. Procurou evidenciar as formas da língua que possibilitam a alguém assumir a posição de locutor, apropriando-se da linguagem e fundando a sua subjetividade. Há um *eu* (locutor) e um *tu* (interlocutor). Esses membros são reversíveis entre si, havendo, assim, uma correlação de pessoalidade e de subjetividade. Com essa teoria, há um resgate da subjetividade nos estudos linguísticos, pois ela era relegada à fala.

A partir desse par, o linguista mobiliza outros elementos, correlacionados com os indicadores de pessoa, que concorrem para ancorar a enunciação ao espaço (aqui) e ao tempo (agora) do sujeito que fala. Esse estudo possibilitou a “reflexão sobre os elementos constitutivos da enunciação e que tinham sido excluídos do objeto da linguística pelo corte epistemológico operado por Saussure” (INDURSKY, 1998: 9).

Assim, os estudos da enunciação mobilizam elementos de natureza linguístico-pragmática. A língua, nessa concepção, não se refere apenas às relações internas, pois contempla também elementos próprios das relações externas. A noção de interlocutores de Benveniste não é a mesma da Análise de Discurso, de Pêcheux. O primeiro remete para os indivíduos envolvidos numa *relação interativa*, enquanto para o segundo a noção se refere a *lugares determinados* na estrutura de uma formação social. A Análise de Discurso não trabalha com indivíduos, mas com sujeitos determinados historicamente, cujos lugares são representados nos processos discursivos em que estão colocados, como nos explica Indursky (1998: 11).

## **Análise de Discurso**

Na Análise de Discurso, o conceito de discurso difere do que ocorre na análise saussuriana. O discurso é um objeto teórico que se relaciona com o exterior, em que língua, história e ideologia estão indissociavelmente relacionados. Portanto, na Análise de Discurso francesa, em Pêcheux, o sujeito não é senhor “absoluto” de seu discurso, pois existe sempre algo que ele reproduz inconscientemente, na formulação de suas palavras.

A Análise de Discurso surgiu na França, como resposta aos sintomas de crise (mudança no estatuto atribuído à análise do texto): crise na Linguística;

crise nas Ciências Humanas (História, Sociologia, Antropologia).

Os estudos no campo da língua deixam de se concentrar na palavra ou na sentença (limitando-se à frase), para ter como interesse o *texto*. Possibilita-se, assim, a instauração de novos objetos de análise: o *texto* e o *discurso*. Para este novo tratamento da língua, o texto, agora, é um todo, interligado, que significa. A Análise de Discurso instaura uma tensão no interior do corpo teórico da Linguística tradicional, pois questiona o corte epistemológico saussuriano. Discutem-se as exclusões praticadas pela Linguística estruturalista – a do sujeito, da situação e da significação – e a existência do discurso como objeto de análise, que não se confunde com a fala, que opõe o geral ao individual, para língua/discurso, que contrasta o geral ao social. Aqui, os elementos sócio-históricos são essenciais.

## Conclusão

Diz-nos Coseriu, em *O homem e sua linguagem* (1987: 17), que “a linguagem se apresenta concretamente como uma atividade específica e facilmente reconhecível, a saber, como falar ou “discurso”. O homem é o ser falante. A linguagem designa, antes de mais nada, uma atividade humana e, por meio dela, uma sociedade se comunica, retratando o “conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca” (LEITE & CALLOU, 2002: 7).

Cada língua possui um sistema, uma estrutura que a diferencia de outra. Pela teoria saussuriana, a língua (= sistema linguístico) é uma só, ao passo que a *fala* é individual. Cada falante é senhor absoluto de sua mensagem: apenas dele depende o que quer dizer, como o dirá e, até mesmo, quando o dirá. Essa visão saussuriana mereceu considerações de vários autores; por isso registramos o pensamento de Bechara (1999: 30): “Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissolivelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros...”

A partir de 1960, outras teorias surgiram, contrapondo-se muitas delas à teoria estruturalista de Saussure.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, Tânia Maria. “Sociolinguística” (Parte I). In *Introdução à linguística – domínios e fronteiras* (vol. I). São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- BECHARA, Evanildo. *Moserna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro:

Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CALVET, Louis-Jean. *Saussure: pró e contra – para uma lingüística social*. São Paulo: Cultrix, 2002.

COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e história*. 2 ed. Madrid: Editorial Gredos, 1973.

\_\_\_\_\_. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

\_\_\_\_\_. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ELIA, Sílvio. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: Eduff, 1987.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis*. Campinas: Unicamp, 1997.

LEITE, Yone e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MACEDO, Walmírio. *O livro da semântica: estudo dos signos linguísticos*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

MARIANI, Bethania. “Linguagem e história – ou discutindo a linguística e chegando à análise do discurso”. In Caderno de Letras da UFF n.º 12, Niterói, Instituto de Letras, 2.º sem. 1996, pp. 13-23.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso – princípios & procedimentos*. 5 ed., São Paulo: Pontes, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

# ADVÉRBIO<sup>1</sup>

WALMIRIO MACEDO (USU, UFF E ABRAFIL)

## Resumo

Este artigo visa a discutir o conceito de advérbio segundo os dados contidos na grande maioria de nossas gramáticas. Propõe um novo conceito, seguindo uma reflexão que leva em conta o contexto e os elementos significativos de cada exemplo.

**Palavras-chave** – advérbio – conceitos tradicionais – semântica – proposta de definição.

Muitos que aqui estão poderão levantar uma questão. Os que já leram mais um pouco sobre o advérbio poderão perguntar-se: Ainda o advérbio? Os que leram pouco ou quase nada poderão indagar-se: Por que o advérbio? Que ainda de especial pode haver em relação ao advérbio? Creio que ambos podem surpreender-se com uma reflexão sobre essa classe mal definida, mal estudada e muitas vezes equivocadamente tratada.

Além do mais, não se pode deixar de lado um aspecto relevante que é a expressividade do advérbio, a sua força de significação.

Estudar uma classe não é simplesmente fazer lista de possíveis valores, como têm feito até hoje as gramáticas e os livros didáticos. Tudo isso é muito pouco, ou quase nada.

Já houve quem propusesse colocar numa única classe /o advérbio, a preposição e a conjunção/. Isso não resolveria nenhum problema de natureza metodológica, ou linguística, ou semântica. As barreiras entre essas classes vistas por alguns como tênues não deixam de constituir limites sintático-semânticos que não se podem ignorar. Cabe ao linguista – todos o sabemos – identificar diferenças nas semelhanças e/ou semelhanças nas diferenças.

Não podemos ignorar umas e outras, ou ambas.

O advérbio, por exemplo, é uma classe de natureza intransitiva e a preposição, ao contrário, é transitiva. Essa é uma diferença importante.

---

1- No original, Llorach (1975, p. 127-128) traz os seguintes exemplos: “La noticia es falsa” e “La noticia es divulgada”. Em ambos, é possível fazer a substituição por pronomes+verbo (lo es), mas só o segundo enunciado admite a equivalente estrutura passiva “Se divulga la noticia”, o que representaria um indicador claro da existência de locução verbal passiva (es divulgada) e não de uma sequência verbo+predicativo.

Pretendemos aqui tratar de três aspectos.

1. **O conceito/ a definição.**
2. **Classificação do advérbio e uma proposta de classificação.**
3. **A semântica do advérbio e o seu poder expressivo.**

## O CONCEITO

A definição tradicional do advérbio que todos conhecemos diz que é a palavra que modifica o adjetivo, o verbo e o próprio advérbio.

Essa definição apresenta pontos vulneráveis que vão contra todas as premissas de uma boa definição. O primeiro é de natureza metodológica: Uma definição não deve ter no seu corpo o termo que se está definindo, sob pena de criar, em troca disso, uma indefinição.

O segundo é tomar como base de sua definição, como ponto de partida, o âmbito modificador, que se torna elemento precário de tantas constatações em contrário.

O curioso é que tudo isso passou ao largo de nossas gramáticas que vêm repetindo essa definição. Alguns gramáticos reduziram o âmbito modificador, centrando-se no verbo, deixando de lado o adjetivo e o próprio advérbio (Oiticica e Júlio Nogueira). Alguns até apelam para definição nominal, explicando a palavra /ad +verbum/. Esquecem que *verbum* em latim significa simplesmente /palavra/.

Se percorrermos ao longo do tempo as gramáticas, observaremos que a definição tradicional continua na maioria dos compêndios. Mas encontramos uma exceção: Chamou-nos atenção uma gramática portuguesa, datada de 1898, de José Ventura Bóscoli, editada pela Livraria Alves, onde encontramos: *Advérbio é a palavra que modifica um substantivo, um adjetivo, um verbo ou outro advérbio.*

A novidade está em mostrar o advérbio com a possibilidade de modificar um substantivo.

Meyer-Lubke reduz o âmbito modificador ao verbo: **L'adverbe se rapporte naturellement au verbe.**

**Alcalá-Zamora**, in Dudas y temas gramaticales, abre a possibilidade de o advérbio modificar substantivo.

**Otto Jespersen** fala de um advérbio como adjunto, um advérbio de natureza pronominal em frases do tipo / o então governo/ e ainda de um advérbio subjunto, como muito, pouco etc..

**Georges Galichet** diz que o próprio de uma definição científica é abarcar, envolver todos os casos.

A primeira falha da definição tradicional é incluir no seu texto (o

*definiens*) o que se está definindo, o que deve ser definido (o *definiendum*).

A segunda falha é tomar como ponto de partida o âmbito modificador.

Os textos estão aí para mostrar que o advérbio pode modificar o substantivo e conseqüentemente seus equivalentes, pois todos podem encaixar-se sob o rótulo de functema nominal substantivo.

O filólogo Padre **Augusto Magne**, in seu *Dicionário da Língua Portuguesa* I, A-AF, assim define o advérbio: *Palavra invariável que se junta a verbos, adjetivos, **substantivos** e mesmo a outros advérbios, para lhes modificar a significação...*

Não há dúvida quanto à complexidade dessa classe que Albert **Sechey** disse que é difícil de delimitar.

A título de ilustração, observemos exemplos a seguir:

*Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente **homem**.*

*Quem os cose sou eu e muito **eu**.*

*Nunca pareceu mais **filho** de tal pai*

*Iam atônitos de ver tornar tão **cordeiro** quem tão **leão** viera.*

*Verdadeiramente Deus./ Verdadeiramente homem./Muito eu./Mais filho./ Tão cordeiro./Tão leão.*

## CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO

Dar uma lista de advérbios, simplesmente uma lista, como fazem as gramáticas, em sua maioria, não satisfaz como classificação. Mera listagem.

A classificação que sugiro, que proponho é a seguinte:

A - Quanto ao **VALOR**:

A1 – **Advérbios subjetivos**: são aqueles que iniciam uma atitude ou um sentimento do sujeito relativamente àquilo que ele diz, seja afirmação (certamente), seja dúvida (talvez), seja satisfação ou o oposto, ou ainda surpresa (felizmente). Refletem em alguns casos opinião do sujeito falante.

Albert **Sechey** prefere o termo /advérbios de oração/, porque realmente modificam uma oração inteira.

A2 – **Advérbios de valor lógico** são aqueles que indicam um encadeamento lógico da frase, a consequência lógica. É o caso de *sobretudo, ao contrário, em consequência* etc.

A3 – **Advérbios qualificativos**: são aqueles que exprimem a qualidade do processo verbal, ou seja, o modo. São os chamados advérbios de

modo em –mente. Ex.: Ele se exprime *agradavelmente*.

A4 – **Advérbios determinativos**: situam o processo em relação com a realidade. São os *de lugar*, os *de tempo*.

### ADVÉRBIOS QUANTO À NOÇÃO

Com exclusão do espaço ou tempo, temos a noção.

Essa é a trilogia: Espaço, Tempo e Noção.

**O que não é espaço nem tempo é noção.**

### 3. A semântica do advérbio e a sua expressividade

Todo advérbio tem um significado básico que assume na frase outros significados mais expressivos, numa riqueza semântica muito especial. A realização na frase é que define o exato valor do advérbio.

Por falta de espaço, vamos tratar apenas de alguns.

A história do advérbio (sua diacronia) nos leva, muitas vezes, a compreender seus significados atuais (na sincronia).

Como primeiro exemplo, observemos o advérbio /já/.

Meyer-Lubke, em sua *Grammaire des langues romanes*, (vol/III, p.54), aponta para o advérbio /já/ três momentos históricos:

A relação entre um momento dado e as circunstâncias que o precederam imediatamente ou o seguiram se faz em latim, como também no romance primitivo por meio de /Jam/. Depois, passa a significar que uma coisa acontece contrariamente a nossa vontade, i.e., aconteceu mais cedo que esperávamos.

Depois, a relação de tempo anterior ou posterior, *Jam* se aproxima de *nunc* (agora) e quase se identifica com ele.

Como se pode depreender, segundo Meyer-Lübke, a história do /já/ tem três etapas:

1. Indicava a relação entre um momento dado e as circunstâncias que o precederam imediatamente ou o seguiram.

2. Passou a significar que uma coisa acontece contrariamente a nossa vontade, ou melhor, aconteceu mais cedo que esperávamos.

3. Depois, nasceu daí a relação de tempo anterior e posterior e /já/ se aproxima do significado de /agora/ e a ele quase se identifica.

Essa é a visão diacrônica explicando a sincronia.

Sincronicamente, o significado de /já/ é uma mistura de seus significados diacrônicos. É a sua história semântica.

Considerando que todo advérbio tem um significado básico, geral e outros significados que se realizam em cada frase, observemos alguns casos.

#### **AINDA:**

Este advérbio tomo, como base de seu significado, o TEMPO. Significa /até agora, até este momento/.

Muitas vezes, e não poucas, sobrepõem-se a esse significado outros significados que vão enriquecer o contexto. Um significado que ocorre com frequência é o de concessão. Os significados de tempo e de concessão não se excluem, completam-se. Vejamos essa frase do nosso Machado de Assis: /A pintura esmaeceu, mas ainda dá ideia de ambos/ e procuremos entender o advérbio. Há nele uma superposição de significados – o de tempo = *até este momento* e o de concessão = *apesar de tudo*. A análise sintática limitada aponta um adjunto adverbial de tempo e não toma conhecimento da análise semântica que vai mais longe, apontando a superposição de significados. Na verdade, temos um adjunto adverbial simultâneo de tempo e concessão.

Como entenderíamos a frase do namorado apanhado em traição pela amada e lhe pergunta: Você *ainda* me ama?

Será /você me ama até este momento? ou /você me ama apesar de tudo?/

Que quis dizer alguém com a frase, num momento grave de sua vida: /Ainda não morri?

E nesta frase de Machado: /Um marido ainda mau é melhor que o melhor dos sonhos/ Como entenderíamos o advérbio aí?

O advérbio /agora/ também merece uma palavra especial. Basicamente significa /nesta hora, neste momento/. É o seu significado de origem: *hac ora*. Quando digo /vou agora/, quero dizer: /vou neste momento./

Meyer-Lubke lembra que *agora* indica um momento seguinte ou precedente, relacionado anteriormente. Mas não é apenas isso. Na realidade, /agora/ pode aparecer no texto como resultado de uma situação anterior qualquer. É uma verdadeira expressão de situação.

Observemos:

*Agora Fabiano conseguiu arranjar algumas ideias.*

*(Graciliano Ramos, Vidas Secas).*

Indica assim uma situação nova como em: *Agora tinha tido a ideia de aprender uma palavra.*

E o / *E agora, José?*/, do nosso Drummond de Andrade?

Compare-se com: E *agora*, que vamos fazer no ano que vem?  
 Como se *vê* /*agora*/ extrapola de seu significado de momento atual e projeta no futuro, em razão de uma situação nova.

Não há espaço nesta conferência para continuarmos na exploração dos valores adverbiais.

Queremos terminar com algumas sugestões e conclusões.

## SUGESTÕES E CONCLUSÕES

Com base na definição do Padre Augusto Magne, sugiro a seguinte:

1. Palavra que pode modificar qualquer outra, ou até uma oração inteira, intensificando ou acrescentando uma indicação ou correlação de espaço, tempo ou noção.

2. Os advérbios que se juntam a adjetivos para intensificar funcionam como verdadeiros morfemas-vocábulos e assim devem ser vistos como um bloco semântico: ela é *muito* bela, mas é *pouco* inteligente, ele é *mais* feliz que Pedro etc.

3. O mesmo para certos advérbios modificadores (?) de outros advérbios: comi *muito* bem.

4. Prestar atenção na frase aos chamados advérbios subjetivos, os chamados advérbios de oração: *Felizmente*, os ladrões não arrombaram, para saber distinguir se estão empregados ou não como advérbios de oração:

*Naturalmente*, ele deve estar pensando em mim. = advérbio de oração.

Ela agiu *naturalmente* = advérbio de modo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Há muitas indicações bibliográficas, mas as que seguem são muito especiais.

MEYER-LUBKE, *Grammaire des langues romanes*. (vol/III, p.54).

GALICHET, Georges. *Methodologie grammaticale*. Paris, PUF, 1963

\_\_\_\_\_. *Essais de Grammaire Psychologique*. Paris, PUF, 1967.

JESPERSEN, Otto. *Philosophy of Grammar*. Londres, G. Allenand Unwin, 1951.

SECHEHAYE, Albert. *Structure logique de la phrase*, Paris Champion, 1950.

MACEDO, Walmirio. Elementos para uma estrutura da língua portuguesa, Rio de Janeiro, Presença, 1976.

\_\_\_\_\_. O livro da semântica: estudo dos signos linguísticos, Rio de Janeiro, Editora Lexikon, 2012.

\_\_\_\_\_. POTTIER, Bernard. Linguística geral. Teoria e descrição. Tradução e adaptação de Walmirio Macedo, Rio de Janeiro, Presença, 1978.

# RESENHA

## PREFÁCIO-RESENHA<sup>1</sup>

**EVANILDO BECHARA**

ELIA, Sílvio. Fundamentos Histórico-  
-Linguísticos do Português do Brasil.

Rio de Janeiro: Editora Lucerna,  
2003.

Poucos estudiosos entre nós estariam mais aparelhados que o Prof. Sílvio Elia para tratar deste velho quanto palpitante atualíssimo tema, que é a presença da língua portuguesa em terras americanas para aqui transplantada no alvorecer do século XVI até se fixar como língua comum, enriquecida na convivência das línguas indígenas e africanas, e como expressão dos ideais do povo brasileiro no berço do Império e da República. Como concluiu nestes *Fundamentos*: “O período imperial consolidou a consciência cultural do Brasil”.

Com habilidade didática de manifestar o *quantum satis*, Sílvio Elia divide cada um dos quatro séculos estudados - XVI, XVII, XVIII e XIX - em três seções: Quadro Histórico, Literatura e Língua. Na seção Quadro Histórico leva o leitor a repassar os principais fatores e momentos do descobrimento e colonização do país, sem perder de vista a posição do Brasil no conspecto não só de Portugal, mas também do resto da Europa. Na seção Literatura vai apontando a produção escrita - portuguesa, brasileira e estrangeira -, desde a nossa certidão de nascimento, que é a Carta de Pero Vaz de Caminha, até a literatura dos catequistas, dos historiadores, dos cientistas, viajantes e artistas. Tem, nesta Seção, oportunidade de levantar e discutir problemas tratados por eminentes estudiosos de nossa literatura, chegando, algumas vezes, a propostas diferentes, conforme sua ótica particular. De todos os nomeados faz breve relato das obras e emite juízos de valor sobre os mais importantes pela qualidade da produção ou por sua fortuna crítica.

Na seção Língua, é notável o à vontade do Autor no tratamento das questões linguísticas e gramaticais ali ventiladas, descritas e discutidas. É uma seara sobre a qual Sílvio Elia vem estudando - reeditando desde o início

---

1- Este prefácio, com permissão do Prof. Evanildo Bechara, aqui aparece como uma autêntica resenha do livro *Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil*.

de sua carreira de filólogo e linguista, superiormente preparado, o que lhe permite transformar estes Fundamentos Histórico-Linguísticos numa obra de maturidade.

Toda obra madura tem por trás de si uma história. E esta história começa com seu livro de estreia *O Problema da Língua Brasileira*, em 1940, e vai a pouco e pouco amadurecendo o tema nos seus contatos pessoais com Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Gladstone Chaves de Melo; com suas leituras teóricas e meditações de História, Sociologia, Sócio e Etnolinguística, para desaguar no livro *El Portugues en Brasil: Historia Cultural*, para a Colección Idioma e Iberoamérica (Madrid, Editorial MAPFRE, 1992, 330 paginas) e na colaboração ao *Lexikon der romanistischen Linguistik* (Band VI, 2, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, págs. 559-571), intitulada “O português do Brasil”. O ciclo dessa história se fecha com estes *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*, concluídos provavelmente um ano antes do seu falecimento, ou mesmo em 1998.

Nas quatro seções dedicadas à Língua, do século XVI ao XIX, entra o leitor na questão da transplantação do idioma português de raízes quinhentistas para o Brasil; no contacto e intercâmbio com as línguas indígenas e africanas; nos sucessivos estados de língua no seu sistema fonético-fonológico, morfossintático e renovação do léxico; por fim, nos arroubos de consciência nacional para culminar com “a questão da língua brasileira”, tema que Silvio Elia retira, com mão de mestre, das elucubrações de um evolucionismo naturalista de carácter amadorístico, corrente na época entre escritores e estudiosos portugueses e brasileiros sem a devida preparação técnica para emitir juízos de valor, formulando teses superficiais que não resistem a uma análise mais aprofundada. Também aí se foi desgarrando da explicação de uma língua portuguesa e de um estilo brasileiro para enfeixar a questão da dicotomia coseriana de sistema e norma. Lição destes Fundamentos:

Essa distinção entre língua brasileira e estilo brasileiro também eu a fizera na 1.<sup>a</sup> ed. de *O Problema da Língua Brasileira*, 1940. Todavia na 2.<sup>a</sup> ed., 1961, passei a adotar a tripartição do prof. Eugenio Coseriu entre sistema, norma e fala, a qual intercalava um termo na oposição de Saussure entre langue e parole.

A permanente atenção didática de que se reveste a obra paga certo tributo a vez por outra repetir informações já exaradas, sem que isto comprometa a uniformidade do texto.

Não poderia terminar estas linhas sem manifestar os agradecimentos

da grei brasileira dos estudiosos da linguagem à viúva de Sílvio Elia, D. Maria José Elia, que, com piedoso amor e coadjuvada pela filha Maria Cristina, descobriu no espólio do esposo os originais datilografados destes *Fundamentos*, tratou de prepará-los para publicação e nos permitiu, mais uma vez, sorver os frutos, da inteligência e do aturado saber desse nosso Amigo inesquecível e desse Mestre exemplar.

# **HOMENAGEM PÓSTUMA ATA DA SESSÃO SOLENE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA EM HOMENAGEM PÓSTUMA A SÍLVIO ELIA, EM 20.3.1999**

Em vinte de marco de mil novecentos e noventa e nove, às 16,00 h, no auditório do sétimo andar da Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Campus da UERJ, foi realizada a sessão de homenagem a Sílvio Edmundo Elia. Aberta a sessão, foi aprovada a ata de 13.3.1999. A seguir, o Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho passou a Presidência dos trabalhos para o Prof Carlos Alberto de Oliveira, que estava representando o Magnífico Reitor Antonio Celso Alves Pereira, impossibilitado de comparecer por estar reunido, naquele momento, com Sarnei Filho, Ministro do Meio Ambiente, e com o Governador Antony Garotinho, na Ilha Grande. O Prof. Carlos Alberto passou a coordenação dos trabalhos para o Prof. Leodegário, que constituiu a mesa. Foram chamados a Sr.<sup>a</sup> Maria José da Fonseca Elia, viúva do homenageado, o embaixador Afonso Arinos de Melo Franco, o jornalista Tobias Pinheiro, Presidente da Academia Carioca de Letras, e os seguintes membros da Academia Brasileira de Filologia: Manoel Pinto Ribeiro, Paulo Silva de Araújo, Antônio Martins de Araújo, Gladstone Chaves de Melo, Claudio Cezar Henriques, Horácio Rolim de Freitas, Evanildo Bechara, Cilene Cunha Pereira, Castelar de Carvalho, Luiz César Saraiva Feijó, Rosalvo do Valle, Domício Proença Filho, Adriano da Gama Kury, além do Prof. Antonio Basílio da Silva, que representou o Dr. Antônio Gomes da Costa. Encontravam-se presentes também o acadêmico Carly Silva e os professores, Agenor Ribeiro, Marina Machado Rodrigues José Carlos Azeredo, Hilma Ranauro, José Pereira da Silva, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro, Magda Bahia e um grande número de amigos e familiares do Prof. Sílvio Elia. O Prof. Leodegário informou que Sílvio Elia foi o Presidente Honorário da Academia Brasileira de Filologia, por isso é praxe que o Presidente da Academia preste a homenagem póstuma. O Prof. Leodegário disse que onde quer que se reúnam os homens de bem deste país, o lugar de Sílvio Elia estará sempre reservado. Afirmou que é uma honra para a cultura brasileira prestar essa homenagem, não apenas para a Filologia, que tanto honrou e à qual tanto se dedicou. Sílvio Elia dignificou a própria condição humana, por ser uma personalidade equilibrada, urn humanista no sentido integral do termo e por

tido toda a sua vida dedicada à pesquisa científica, ao estudo e a sua família. A seguir, o Prof. Leodegário proferiu o seguinte discurso, com o título de *Sobre o pensamento linguístico e filológico do Professor Sílvio Elia*, que vai transcrito em sua totalidade.

“A geração de Sílvio Elia transitou entre o autodidatismo - no bom sentido do termo! - e a formação universitária plena. Aliás, isso mesmo se lê no livro *Ensaio de Filologia*, de sua autoria, obra publicada em 1963 pela antiga Livraria Acadêmica, atual Livraria Padrão. Nesse livro, incluiu substancial ensaio sobre “Os Estudos Filológicos no Brasil”. Mas, por inaceitável modéstia, retirou do estudo o próprio nome, quando tratou da terceira geração de modernos filólogos e modernos linguistas brasileiros. Tal lacuna já havíamos procurado preencher no livro *Ensaio de Linguística e Filologia*, publicado pela Fundação Getúlio Vargas, em 1971; e também em longo artigo que inserimos no terceiro número da *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, em 1980. Em ambas as publicações, tivemos oportunidade de apreciar a extraordinária contribuição dada por Sílvio Elia ao desenvolvimento da Ciência da Linguagem no Brasil concentrando o nosso interesse específico na análise das seguintes obras: *O problema da língua da brasileira* (R. J., 1940-2.<sup>a</sup> ed., 1961); *Orientação da linguística moderna* (R.J.,1955); *O ensino do latim* (R.J.,1957); *Dicionário gramatical*, parte referente à língua portuguesa (Porto Alegre, 1962); *Ensaio de filologia* (R.J.,1963); *Preparação à Linguística românica* (R.J., 1974); *Seleção em prosa e verso de Augusto Frederico Schmitz* (R.J., 1975); *A unidade linguística do Brasil* (R.J.,1979). E isso além das obras didáticas e de várias teses de concurso, entre as quais a de Doutorado, sobre as origens do verso românico, que tivemos o altíssimo e imerecido privilégio de examinar. E isso sem contar ainda com numerosos ensaios, um deles sobre Sociolinguística, além de resenhas e artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Aliás, espera-se, para breve, a segunda edição das Poesias de Anchieta em português, com texto por ele estabelecido e com introdução teórica de nossa responsabilidade. (10 ed., R. J., Antares). A formação universitária de Sílvio Elia foi, realmente, invejável. Dominava muito bem as línguas clássicas, como Professor Catedrático do Colégio Pedro II, após defesa de tese em que estudou a presença de elementos osco-úmbricos no latim; conhecia diacrônica e sincronicamente as línguas românicas, como pouca gente em todo o mundo lusofônico; introduziu, juntamente com J. Mattoso Camara Jr., a Linguística Moderna no Brasil. Foi, em tudo, um humanista integral, acreditando em Deus uno trino como força criadora do Universo e jamais tendo qualquer dúvida sobre a vida eterna. Por isso mesmo, irradiava esperança e confiança, sempre tranquilo, numa época cada vez mais

atormentada pelo entrechoque de interesses menores e pela covardia moral dos que se calam ou fecham os olhos diante da miséria, da fome e das injustiças sócias. No que se refere ao aprofundamento científico de sua formação, não se pode excluir a sua visão universalista. Para ele, a cultura não devia ser entendida como luxo de poucos, mas como força profunda do próprio desenvolvimento social, seguindo assim o pensamento de outro grande Mestre, que foi Alceu Amoroso Lima. Sempre teve um compromisso com a cultura, indo muito além dos limites naturais de uma sala de aula. Foi um pesquisador sempre apegado à humildade de método, pois a humildade sempre foi a grande virtude dos sábios. E foi, acima de tudo, um chefe de família exemplar, suportando com imensa serenidade todos os desígnios de Deus, por mais incompreensíveis que se mostrassem à pobre visão humana. Na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, ao lado de dois grandes Mestres, J. Mattoso Camara Jr. e Serafim da Silva Neto, aos poucos foi introduzindo os fundamentos da linguística moderna em nível universitário. Lembra-me um de seus Cursos de Extensão Universitária, em que tratou dos fonemas em português. Associava-se à sua exposição, sempre serena e didática, um profundo conhecimento da matéria, a partir mesmo dos ensinamentos do Círculo Linguístico de Praga e da teoria fonológica do Bloomfield. O conceito de fonema, como feixe de traços fônicos distintivos, era a base da classificação por ele dada, assunto inteiramente novo no Brasil daquela época, e que o levou a sério debate científico com o professor José Oiticica, este último voltado para a fonética tradicional, por mais inovadoras que fossem as suas idéias. E hoje, todos sabemos que, cientificamente, Sílvio Elia estava certo e que saiu vitorioso da polêmica, mas com absoluta serenidade e respeito ao velho professor, que se julgava criador de um pensamento linguístico brasileiro, suposição até ponto válida. Mas faltava a Oiticica, talvez, uma espécie de excessivo apego à originalidade, a indispensável convivência de ideias com as grandes correntes da linguística moderna no mundo, muitas das quais ele ignorava e até recusava, praticamente opondo-se às ideias fundamentais de Ferdinand de Saussure, como foi o caso da não aceitação da dicotomia *langue* e *parole*. Como se sabe, as dicotomias propostas pelo mestre genebrino, desde cedo, abriram espaços de reflexão teórica para os estudos linguísticos, e isso no mundo inteiro sobretudo os conceitos do significante e significado, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, que Sílvio Elia já procurava introduzir em sua obra didática *Língua e literatura*, publicada pela Companhia Editora Nacional. Tudo isso era visto, pelo professor José Oiticica, de quem Sílvio Elia fora aluno, como um desvio das ideias que ele próprio ensinava no *Manual de análise* e no *Manual de estilo*, quase em torno de pregação. Não queria o

velho mestre que o discípulo fosse buscar no estrangeiro nenhuma orientação moderna, em detrimento da sua própria doutrina. Mas Sílvio Elia, a essa altura, já havia percorrido os caminhos abertos pela primeira geração de linguistas europeus, com Bopp e Grimm à frente, já havia examinado o pensamento de Schleicher e seus discípulos, como representantes da segunda geração da linguística europeia; já havia seguido as pegadas de Whitney, que afinal incluíram os Estados Unidos da América na terceira geração de linguistas, em plano universal; já havia lido Franz Boas, o verdadeiro iniciador do movimento de renovação dos princípios e métodos da chamada Escola Linguística Norte-Americana; e já havia, por fim, mergulhado fundo nas obras de Sapir e Bloomfield, os dois discípulos de Boas que sistematizaram a linguística descritiva, como Sílvio Elia fartamente demonstrou no livro *Orientações da linguística moderna*, onde também tratou do idealismo linguístico de Vossler, ao lado da chamada Escola Estilística Espanhola, inspirada pós-Dámaso Alonso, Amado Alonso e Carlos Bousoño, paralelamente estudando a Geografia Linguística, na trilha do Gilliéron. Além disso, Trubetzkoy e Roman Jakobson estavam presentes na histórica polêmica com José Oiticica, ao lado do Sapir e Bloomfield, cujo pensamento era total novidade numa época em que Chomsky ainda não deixassem estarecidos não apenas o veterano mestre do Manual de Análise, mas a própria Universidade brasileira, que aos poucos ia despertando do marasmo gramatical em que se encontrava, para abrir os olhos sonolentos diante dos novos caminhos abertos pela linguística universal. Assim como J. Mattoso Camara Jr., o nosso grande autor dos *Princípios de linguística geral*, Sílvio Elia introduziu a linguística moderna no mundo da língua portuguesa, inclusive com os cursos que ambos ministravam na Universidade de Lisboa, enquanto J. G. Herculano de Carvalho fazia o mesmo em Coimbra. É certo que Sílvio Elia, por sua formação espiritualista, por vezes, valorizava em demasia as contribuições do Idealismo Linguístico, em particular em seus estudos de semântica e estilística. Mas isso pouco importa, diante das linhas de pesquisa que dominaram os seus estudos, a saber: a) análise crítica das correntes teóricas da linguística em nosso século e tentativa da aplicação de seus princípios e métodos ao ensino da língua portuguesa; b) descrição e funcionamento da língua portuguesa, tanto na modalidade escrita, como na falada; c) estudos estilísticos e dialectológicos; d) o português do Brasil; e) versificação românica; f) versificação portuguesa; g) linguística românica; h) semântica moderna; i) crítica textual; j) línguas clássicas, sobretudo o latim; l) língua literária; m) nomenclatura gramatical brasileira; n) sociolinguística; o) literaturas em língua portuguesa, estudando até a língua literária de autores africanos. Como é claro, não dispomos aqui de espaço,

nem de tempo, para examinar todas as linhas de pesquisa acima referidas, o que nos leva a deter-nos apenas numa delas, que é o português do Brasil. O mundo da língua portuguesa hoje é formado por quase 200 milhões de falantes, dos quais 150 milhões se encontram no Brasil. Aqui recebemos uma língua feita, divergindo as nossas questões dialectológicas das questões que envolveram as velhas nações europeias. Lá, para o reconhecimento das línguas nacionais, houve disputa entre dialetos, sobrepujando-se aos demais os que se iam impondo como instrumento de maior cultura e prestígio social. Assim, na Itália, sobressaiu o dialeto fiorentino, que teve Dante Alighieri como cultor, pouco valendo a tese conciliatória que o próprio e genial autor da Divina Comédia iria defender em *De vulgari eloquentia*, segundo a qual a língua nacional da Itália deveria ser constituída de elementos de todos os dialetos falados na Península. No Brasil, ao contrário disso, o português se foi lentamente implantado como língua nacional marginalizando-se as línguas indígenas e africanas. Com efeito, as relações entre o português e as línguas indígenas bem assim as relações entre o português e as línguas africanas, já no século XVII, se reduziram a simples contactos daí resultando empréstimos de adstrato. Como era natural, o léxico do português do Brasil se enriqueceu por meio de empréstimos linguísticos, que não alteraram a consolidada estrutura da língua dos conquistadores, pois a ela tiveram que se ajustar morfológicamente. E a partir do século XVIII, sem qualquer sombra de dúvida, a língua portuguesa estava definitivamente implantada no Brasil. A história do transplante da língua portuguesa para o Brasil, a partir do pensamento teórico de Otto Jespersen, situa-se em dois casos. No primeiro, verificou-se progressiva marginalização da população nativa, em proveito da língua e da cultura dos colonizadores; e, no segundo, porque as levas de imigrantes que chegaram ao Brasil, aos poucos, se foram integrando no sistema linguístico dominante em todo território nacional, o que já havia ocorrido historicamente com as línguas africanas, pois os escravos não passavam de imigrantes forçados. O primeiro caso explica a própria formação portuguesa, que superou inteiramente a invasão temporária de outros povos europeus, como foi o caso dos holandeses no Nordeste e dos franceses no Rio de Janeiro o efeito dessas invasões bem cedo desapareceria, retornando-se sempre aos caminhos da colonização portuguesa. O segundo caso explica a integração cultural do negro em nossa sociedade colonial, bem assim a integração *a posteriori* de imigrantes de várias outras nações, sendo cronológica e quantitativa a diferença entre os dois exemplos. Cronológica porque a presença dos escravos africanos no Brasil é anterior à presença de outros imigrantes. Na casa grande, a mãe-preta cuidava dos filhos dos senhores, falando um português crioulo. O caso dos outros

imigrantes já aqui foi observado que o negro também foi um imigrante, embora forçado - é diferente, porque já encontraram aqui uma sociedade estabelecida, não participando assim da sua formação inicial, como se deu em relação ao negro escravizado. Como é sabido, todos as imigrantes espontâneos sempre tiveram o maior interesse, ontem como hoje, em aprender o português do Brasil, muitas vezes ocorrendo a fim de que os seus netos ou mesmo os seus filhos já não falariam plenamente a língua dos pais. O próprio sotaque estrangeiro tende a ir desaparecendo, por força de um fenômeno contínuo de integração linguística e social. Não admira, assim, que o número de empréstimos que o português do Brasil recebeu de línguas africanas seja muitas vezes maior que o número de empréstimos provenientes das línguas dos imigrantes espontâneos, quase todos que circunscritos a falas especiais e a gírias. Portanto, em face do português comum, historicamente constituído em Lisboa, no século XVI, período áureo da língua, há hoje três vertentes: a portuguesa, a brasileira e a falada nas jovens nações africanas de língua lusa, onde o bilinguismo ainda persiste. Assim, em face da norma comum de que se originam, tanto a variante portuguesa, como as vertentes brasileira e africana, sofreram naturalmente renovações e inovações, pois nenhuma língua poderia permanecer imutável em três continentes em que era falada. Como exemplo, veja-se que o português do Brasil teve o seu léxico ampliado e enriquecido com empréstimos linguísticos procedentes das línguas indígenas brasileiras e das línguas africanas. Por outro lado, o fenômeno progressivo de enfraquecimento vocálico da pronúncia portuguesa atual representa, entre outros fatores, uma possível diversificação em face da norma comum. No Brasil, ao contrário, mantemos um vocalismo certamente mais tenso que o da norma originária, ao lado de ligeiro enfraquecimento da articulações consonantais. São exemplos, entre outros, da variação das normas do português da América e do português da Europa e África. Mas, em tudo isso, é claro que a língua não mudou como sistema, exata e precisamente porque as suas formas gramaticais permaneceram as mesmas. Realmente, o português do Brasil não recebeu qualquer empréstimo de fonemas, nem de morfemas gramaticais de qualquer outra língua, nativa ou não. E bem dizia Darmesteter que uma língua pode até mudar o seu léxico e a sua sintaxe; mas, se as formas gramaticais não mudam, a língua não mudou, permanecendo a mesma. Em síntese, o problema da unificação e da diferenciação do português do Brasil, em confronto com o português de Portugal, encontra plena e cabal solução linguística em função do conceito de unidade na diversidade, nisso insistindo muito Sílvio Elia, entre outros grandes filólogos brasileiros como Antenor Nascentes, Souza da Silveira, Gladstone Chaves de Melo e Clóvis Monteiro, para citar apenas quatro nomes, entre

dezenas deles. Pode ser que, em futuro imprevisível, com o enfraquecimento da língua aqui se abra espaço para o aparecimento de outras línguas. Mas, por enquanto, falamos e escrevemos a língua ‘em que Camões cantou, no exílio amargo, / o gênio sem ventura e o amor sem brilho’, como queria Bilac. Na verdade, portugueses brasileiros e povos africanos somos todos usuários do mesmo sistema linguístico, cada povo com a sua expressão cultural própria e inconfundível. Em nosso caso, logo se notam as diferenças de pronúncia e da melodia rítmica da frase, além da riqueza inovadora e renovadora do léxico. Mas isso, é claro, não atinge a unidade superior da língua na medida em que as suas três vertentes estão centradas nas mesmas formas linguísticas ou morfemas gramaticais. A propósito dizia Eça de Queirós que falávamos um “português com açúcar”. E Miguel Torga aconselhava ao portugueses que vinham ao Brasil ou para o Brasil: “É preciso pronunciar as vogais e amaciar as consoantes”. Até acrescentamos: falar um português mais docemente vocálico e menos áspero em face da pronúncia lusitana, que suprime vogais e explode consoantes. Talvez por isso a vertente brasileira tenha maior curso e mais fácil aceitação na boca dos estrangeiros, que logo se enamoram pelo português do Brasil ou pela fala brasileira. Mas a língua, enquanto sistema, é exatamente a mesma. E, se me fosse permitido sugerir alguma coisa aos nossos irmãos portugueses, em proveito da língua comum, eu lhes diria que procurassem intensificar, no ensino sistemático da língua nas escolas, os exercícios de silabação, para evitar que se transformem em octossílabos, com tantas elisões vocálicas, os admiráveis dissílabos de Os Lusíadas. E aos brasileiros recomendaria um pouco mais de rigor na articulação de tais consoantes. Pois bem, Sílvio Elia, desde o seu primeiro livro, publicado em 1940 e intitulado *Problema da língua brasileira*, até um dos últimos, em 1979, com o título de *A unidade linguística do Brasil*, a partir dos conceitos de sistema, norma e fala, como mais tarde iria propor Eugênio Coseriu, sempre se posicionando em defesa da existência de uma língua comum - enquanto sistema! - entre portugueses, brasileiros e povos africanos - a língua portuguesa. Uma língua comum por sua unidade não por sua diversidade, nesse sentido já tendo observado o filólogo Paul Teyssier que o centro de gravidade da língua portuguesa chega a deslocar-se da Europa para a América, levando-se em conta que no Brasil vivem 150 milhões dos quase 200 milhões de seus falantes. Nem teria hoje qualquer sentido querer ressuscitar a velha mentalidade colonizadora de que os portugueses são os donos da língua, mentalidade que gerou famosas polêmicas no passado, como a que se travou entre Alencar e Pinheiro Chagas, e mesmo entre Carlos de Laet e Camilo Castelo Branco. Donos da língua comum somos todos nós, os portugueses e brasileiros e os

povos das jovens nações africanas de língua portuguesa: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tom é Príncipe. Claro está que, dentro da mesma língua, pode haver muitas formas de expressão, motivo pelo qual rejeitamos a sinonímia proposta para os termos língua e expressão. Na realidade, não existem povos do “expressão portuguesa”, a não ser o próprio povo português. O que existe, portanto, são povos de língua portuguesa, cada qual com a sua “expressão” própria. E nós, brasileiros, imprimimos uma expressão nitidamente brasileira ao português do Brasil, assim como os povos africanos imprimiam uma expressão nitidamente africana à língua que é de todos nós. Alias, não foi outro o entendimento do saudoso colega e amigo J. do Prado Coelho, no excelente artigo publicado no Jarnal de Letras, Artes e Ideias, de Lisboa onde distinguiu claramente língua de expressão. Assim, a mesma língua pode exprimir diferentes culturas. A unidade linguística na variedade de expressões, portanto, responde pela sobrevivência e pelo prestígio da língua portuguesa no mundo. Como se sabe, somos a quinta ou sexta língua mais falada em toda a humanidade, em disputa apenas com o árabe. E sempre que há uma língua comum, também já assinalou o linguista Paul Teyssier, dentro do seu sistema, logo nascem duas forças opostas: uma conservadora e outra diversificadora. Do equilíbrio entre essas duas forças vai depender a unidade superior da língua, evitando-se a sua fragmentação. Nem nos parece, como não parece aos portugueses, que haja qualquer interesse político, econômico ou cultural em que se abram, dentro do mundo de língua portuguesa, espaços para o aparecimento de novas línguas. Daí a razão por que a força diversificadora deve ser sempre balanceada como força unificadora, mantendo-se o sistema comum em sua unidade. E se isso não era inteiramente percebido por alguns ilustres portugueses do século passado, que se julgavam os senhores absolutos da língua, não há dúvida de que os portugueses de hoje, a não ser por ignorância linguística, são unânimes em aceitar a tese científica da unidade na diversidade. Longe está, com efeito, a frase autoritária e dogmática do purismo gramatical. A norma culta da língua se encontra, costumava observar a professor Celso Cunha, por onde passa o meridiano da cultura. Ela tanto pode estar em Lisboa, como no Rio de Janeiro ou em Maputo. Não tem nenhum sentido, conseqüentemente, a posição conservadora de certos portugueses, que ainda hoje desejam preservar o português europeu de certos brasileirismos ou de certos africanismos, isolando a língua que falam dentro do próprio mundo lusofônico. Tal posição, sem dúvida alguma, é separatista, pois levaria os brasileiros e africanos a não considerarem os lusismos vindos da Europa. A propósito, lembremos que o Dicionário de Webster acolheu, inteligentemente, todos os empréstimos linguísticos que penetraram na língua inglesa. Do

mesmo modo, o Dicionário Geral da Língua Portuguesa, que vem sendo elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss, procura reunir todos os lusismos, todos os brasileirismos e todos os africanismos de que se tenha notícia. Aliás, muitos dos chamados “brasilismos” vieram de Portugal e aqui ainda hoje se conservam e retornam à pátria de origem, sobretudo pela ação contínua dos veículos de comunicação de massa, num verdadeiro processo de retroalimentação linguística, muito bem desenvolvido pela televisão brasileira e suas novelas, tão apreciados pelo povo português. Além disso, não contamina o sistema comum o uso legítimo de certas expressões brasileiras, já em pleno curso não apenas em África, mas também em Portugal de nossos dias. Pelo contrário, tal uso estimula a força unificadora da língua, injetando sangue novo no português europeu e quebrando as formas petrificadas do isolacionismo linguístico. Somos, portanto, favoráveis à interpenetração dos diferentes usos da língua dentro do sistema comum, em proveito de todos. Afinal, a televisão brasileira leva a Portugal uma língua falada cheia de vitalidade, que é a mesma de lá, mas com expressão própria. E, se alguém a isso se opuser, certamente estará muito mais empenhado no desenvolvimento da força diversificadora e do que na intensificação da força unificadora da língua. Para concluir, Sílvio Elia, como filólogo, já que até aqui focalizamos sobretudo o linguista, tanto desenvolveu o espírito de análise, como o espírito de síntese; voltando-se para a valorização da minúcia científica. Concorreu, assim, em seus estudos, e concorreu muito para colocar a filologia no quadro geral das ciências do nosso século, quase todas orientadas para a investigação do infinitamente pequeno. De tal sorte que nos parece ilícito falar em microfilologia, como se fala em microfísica (a física nuclear) mesmo em microbiologia. A tendência atual de nosso pensamento científico visa a levar às últimas consequências a pesquisa da minúcia, tanto no plano das ciências experimentais ou indutivas, como no plano das ciências hipotético-educativas, sem esquecer o plano das ciências humanas e sociais. Em tudo os especialistas se voltam para pormenor revelador ou consequente, antes mesmo de quaisquer tentativas apressadas de síntese. A própria psicologia de Gestalt, de base estruturalista, indica o melhor caminho para a verdadeira aprendizagem, que é a marcha do sincretismo para o sintetismo através do analitismo. A primeira etapa, a de percepção inicial, sempre nos traz uma visão de conjunto, necessariamente sincrética. Compete à análise desmembrar, minuciosamente, numa segunda etapa, os elementos integrados no conjunto. E a tarefa final de síntese consiste na recomposição lógica dos elementos desmembrados pela análise. Sílvio Elia tinha perfeita compreensão de tudo isso, pois sabia que, em nível universitário, mais fecunda será a síntese quanto mais pormenorizada for a análise. Mas daí, da própria

excelência do método, nasce uma dificuldade, que alguns especialistas no conseguem ultrapassar. Referimo-nos àqueles que se perdem na análise de minúcias, por vezes inconsequentes, não tendo forças para chegar à verdadeira síntese. Por isso, ficam apenas na segunda etapa do processo, incapazes do concluir. Os estudos filológicos de Sílvio Elia, do acordo com o que aqui procuramos dizer, apresentam apuradíssimo espírito de análise, pois alcançam o átomo linguístico, a exemplo dos traços fônicos distintivos de um fonema numa série correlativa. Mas ele sempre soube o caminho do volta, exatamente aquele que possibilita a reintegração dos microelementos desmembrados, apresentando então o sistema fônico da língua em sua totalidade, mas em termos de síntese. Que dizer agora, nestas palavras finais? Apenas que as novas gerações possam estudar intensamente e aprender, nas extraordinárias obras científicas que nos deixou que devemos sempre recolher as lições dos próprios erros, com indispensável humildade intelectual, para o progresso científico dos nossos estudos. Afinal, a vida de Sílvio Elia foi marcada por características bem definidas, entre as quais a sua consciência universitária, o seu espírito de pesquisa, o respeito à condição humana e à sua humildade cristã. Muito obrigado, Mestre e Amigo, pelas sábias lições que nos transmitiu. Lições de linguística, filologia e literatura. Mas, sobretudo, lições de vida.” Após a fala do Sr. Presidente, foi franqueada a palavra aos presentes, tendo o Prof. Horácio Rolim dito que foi aluno, desde 1952, na graduação, do homenageado, e, depois, na pós-graduação. Destacou o aspecto didático, com um estilo claro, diáfano. Ressaltou também a obra *Método de Latim*, além do *Compêndio de Língua e Literatura*, livro que une o texto ao ensino da língua. Os comentários do Sílvio Elia definem todo o conhecimento do autor. Isto é que vai caracterizar, definir o autor. Toda a geração do professor deve muitíssimo a Sílvio, por suas aulas, por seus ensinamentos e por sua humildade, finalizou o Professor Horácio. A seguir, o Prof. Bechara leu uma mensagem do Prof. Cavaliere: “Impedido de estar presente nesta homenagem ao Prof. Sílvio Elia, em face de compromissos familiares, não poderia furtar me a algumas palavras, ainda que breves, em ocasião importante para todos os que devotam a vida ao estudo da língua portuguesa. Hoje, rendemos um preito de justo reconhecimento a este brasileiro que soube como poucos fazer de sua existência motivo do orgulho de uma nação. Sou da geração que conheceu Sílvio Elia pelos livros, pelas páginas dos Ensaio de Filologia e Linguística, Sociolinguística e tantas outras obras de rica fundamentação científica. Conhecê-lo pessoalmente foi um privilégio que cultivei em proveitosas consultas, a que, sempre cordato e gentil, nunca se furtava. Sílvio tinha o saber sereno dos que sabem onde pisam e a sabedoria dos que conhecem seus

próprios limites. Percorria as sendas da linguagem humana com a cerebrina lucidez do linguista e a envolvente paixão do filólogo *fortiter in re, suaviter in modo*. Um traço peculiar de sua extensa bibliografia é a leitura sempre atual, que cobriu todos os novos paradigmas da Linguística contemporânea. Afeito aos estudos historiográficos, Sílvio escreveu vários textos nessa área, em que a produção linguístico-filológica é objeto de comentário e avaliação crítica, sempre bem fundamentada. Hoje, Sílvio Elia está na pesquisa historiográfica não como sujeito, mas como objeto. Seu nome, creio, não poderá faltar em obra que pretenda traçar os rumos das ideias linguísticas. O meu primeiro contato com o nome de Sílvio Elia remonta à década dos 60 em que, aluno do Colégio Pedro II, consultava as páginas do opúsculo “100 textos errados e corrigidos”, escrito em coautoria com o irmão Hamilton. O livro que, a princípio, deixa supor mera função normativa constitui hoje excelente fonte de pesquisa sobre a língua escrita padrão, sobretudo em face dos conceitos iniciais sobre a classificação de erro gramatical. Sílvio, como se sabe, tinha verdadeira obstinação pelo magistério. Manifestava-se com frequência expressiva nos periódicos do Rio de Janeiro, sempre que julgava necessária uma palavra de apoio ao professorado, ordinariamente menosprezado pela classe política brasileira. Sua palavra, assim tão sincera e vigorosa, cobria de ânimo os que se deixavam subjugar pela mão opressora do Poder Público em seu desapareço ao ensino. Tudo isso faz Sílvio uma pessoa especial,- cuja memória se deve preservar como exemplo de conduta nesta profissão tão sacrificada, a despeito do importância de que ainda se reveste na sociedade contemporânea. A você, Sílvio, agradecimento sincero de um discípulo.” O Prof. Bechara disse que de sua parte gostaria de trazer testemunho do romanista, do pesquisador extraordinário que escreveu no Brasil, com todas as deficiências bibliográficas, um livro que só pode ser escrito pelos grandes gênios: Preparação para a linguística românica. É livro que cobre não só todo o percurso das línguas românicas, mas da problemática teórica que envolve seu estudo. E Sílvio soube fazer um livro magnífico. Aqui na UERJ há uma assistente a quem o Mestre Bechara presenteou com um livro de uma professora norte-americana, que escreveu sobre as línguas românicas. Bechara considera o livro de Sílvio Elia bem superior ao da norte-americana, escrito recentemente. Isso enobrece o homenageado. Apesar da idade, Sílvio nunca deixou de frequentar as livrarias, nunca deixou de estar a par do que se publicava e lhe chegava às mãos. O Professor é como Capistrano de Abreu dizia do Prof. Said Ali, e diz agora o Prof. Bechara do Sílvio, o Prof. Said Ali não é daqueles que se comparam, é daqueles que se separam. O Prof. Manoel P. Ribeiro registrou três momentos de sua vida universitária com o Prof. Sílvio Elia, principalmente

na UFF, quando o homenageado foi seu professor em Linguística, em dois semestres, e, depois, em 1978, quando participou de sua banca examinadora de Mestrado, juntamente com os professores Olmar Guterres da Silveira (orientador) e Walmírio Macedo. Em segundo lugar, teve a satisfação de presidir a sessão do congresso do Prof. Leodegário em homenagem a Sílvio Elia, em que a Prof.<sup>a</sup> Hilma Ranauro apresentou sua obra “Contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil”. Por último, o Prof. Manoel foi o responsável pela gravação de um vídeo de duas sessões da Academia, com imagens do Prof. Sílvio Elia, e prometeu à família do homenageado que oferecerá uma cópia do trabalho. O Prof. Castelar de Carvalho manifestou sua satisfação de ter sido assistente do Prof. Sílvio Elia, na cadeira de Linguística, na Faculdade de Letras da FAHUPE, durante oito anos. Afirmou ter aprendido com ele Linguística no Mestrado da UFF, juntamente com os professores Horácio Rolim e Manoel P. Ribeiro. Lembrou, ainda, frase do Prof. Horácio, no velório de Sílvio, mostrando que o Mestre era um professor insubstituível. Sílvio foi o prefaciador do seu primeiro livro “Para compreender Saussure”, agora em oitava edição. Agradeceu publicamente o apoio e ensinamentos de Sílvio e pediu um salva de palmas para o homenageado. O Prof. Luiz César Saraiva Feijó disse que, de volta de uma viagem Argentina, viu, no fax, a notícia do falecimento do Prof. Sílvio Elia. Entrou em contacto com os professores Leodegário e Manoel, que confirmaram o falecimento. Imediatamente quis prestar uma homenagem ao Mestre de sua geração, que auxiliou em seu trabalho sobre a linguagem do futebol e que o recebeu na Academia, fazendo o discurso de saudação de sua posse. Feijó escreveu um artigo que foi publicado em jornal da cidade do Porto, em Portugal. Dedicou uma cópia desse trabalho a D. Maria José Elia. Desejou à família do homenageado toda a felicidade, pois viver com Sílvio foi realmente uma felicidade para todos nós. O acadêmico Paulo Silva de Araújo fez o seguinte discurso em homenagem a Sílvio Elia: “Sílvio: Tiveste a nossa presença de acadêmicos no cortejo fúnebre e hoje a tens aqui. Lá, foi entre mausoléus; cá, é num templo do saber. Levantas-te do féretro, onde teu corpo, imóvel, arrancava de nós compaixão e pedaços de vida. Estávamos ali testemunhando-te o comparecimento de amigos certos. Se Ênio também fora, diria a cada um de nós: “Vere. Amicus certus in re incerta cernitur”. Depositamos-te na campa silente e fria, que recorda muito o sentimento grego. Os helenos chamavam a necrópole de “coimetérion”, dormitório. Comparavam os dânaos a morte a longo sono. Assim figuramos a teu respeito, julgamos a teu acerca: não morreste; dormes! Por isso, conduzimos-te para o “coimetérion”. Tua alma agora ouve as polifonias da orquestra celeste. Bom que eras, Deus te

abriu, ao certo, sorriso e braços ao receber-te. Tua família tranquilamente crê nesta recepção. Nós outros jamais duvidaríamos. Pessoalmente, devo-te. Foste quem despertou em mim, nos primórdios da adolescência, o amor do vernáculo. Graças a ti, acho-me falando. Na “Casa de Rui Barbosa”, meu patrono, compuseram a mesa diretora na cerimônia de minha posse, três fúlgidos astros: Leodegário, Vitório Bergo e Sílvio Elia. “Gratias agimus tibi”, colendo mestre de Latim! Agradecemos-te! Sabe tu, Sílvio: nunca te ausentaremos.” Hilma Ranauro solicitou que, como biógrafa de Sílvio Elia, fossem registrados todos os textos de homenagem a Sílvio Elia. Disse que ele foi professor ao qual deveríamos pagar pela orientação que dava aos alunos. É impressionante o que ele sabia, chegando até a mencionar a página em que se achava determinado assunto. Quando foi orientada para a dissertação de Mestrado, de Doutorado e para o trabalho de biógrafa, ele sempre apontava um novo livro sobre o assunto em estudo, a fim de que se acrescentassem novas lições sobre o português no Brasil. Incomodava-a vê-lo levantar-se para pegar livros. Ele dizia que o filólogo que não se levantava não era filólogo. Pediu autorização para ler um poema dedicado a Sílvio: DERIVATIO NATURALIS, DERIVATIO VOLUNTARIA: “Sim, mestre, / exponha e transforme saber./ Delegue-se ao que faz / e desfaz/ e refaz./ Vasculhe, investigue, retorne, recrie, inverta e reivente/ o sabor do saber/ na troca/ terna/ e eterna/ no ofertar-se/ e dar-se/ inteiro./ Continue, permaneça/ no fazer-se ouvir/ no dentro do questionar-se/ e questionar sempre./ Olhe e ouça aquele que o ouve e olha:/ não pergunte, na dúvida, / a pista para a investigação/ do devir da linguagem e do ser/ no ir e vir do seu terno mudar./ Imprima-se, / na lousa-memória, / como mestre e amigo, /amigo mestre.” O Prof. Carlos Alberto passou a palavra ao Prof. Leodegário que disse ter a Academia dois agradecimentos a prestar: o primeiro pela presença altamente honrosa do embaixador Afonso Arinos, que fez questão de estar presente, apesar de outros compromissos. Ao Prof. Carlos Alberto agradeceu pela presença, representando o Reitor da UERJ, e lhe ofereceu, em nome da Academia, o livro *Estudos Universitários de Linguística, Filologia e Literatura*, homenagem a Sílvio Elia, obra que já está praticamente esgotada, pois não existe o hábito de reeditar obras filológicas. Ao falar das dez linhas de pesquisa do Sílvio Elia, fez referência a Mattoso, Serafim e a Gladstone, esquecendo-se de mencionar o trabalho de Celso Cunha, que também foi grande estudioso, estando hoje representado na Academia por sua filha Cilene da Cunha Pereira. O Presidente também fez referência à presença do acadêmico Claudio Cezar Henriques, Diretor do Instituto de Letras. A seguir passou às mãos do Prof. Carlos Alberto o livro que mostra, pela colaboração internacional, prestígio do Sílvio Elia não apenas no Brasil, mas também nos países europeus.

O Prof. Carlos Alberto leu um registro do Prof. José Pereira de que o Prof. Sílvio Elia era sócio honorário do Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e nunca faltou aos congressos realizados pelo Círculo. Assim, o I Congresso, a ser realizado na UERJ de 16 a 20 de agosto do corrente ano, será em homenagem ao Prof Sílvio Elia. Em seguida, o Prof. Carlos Alberto fez uma agradecimento ao pai do embaixador Afonso Arinos, que prefaciou um livro de sua autoria sobre os programas dos partidos políticos, lançado antes da primeira eleição direta, após o regime militar. No prefácio, há uma belíssima exposição, quase um novo livro, na obra que compôs o Prof. Carlos Alberto com o deputado Brandão Nogueira. A palavra passou para Maria Cristina, filha do Prof. Sílvio Elia que, em nome da família, agradeceu à Academia, ao Instituto de Letras, ao Prof. Leodegário e a todos os professores e alunos pela amizade e pelo carinho ao Prof. Sílvio Elia, e manifestou seu orgulho pelo trabalho do pai, ao qual gostava do ouvir como aluna assim como gostava de ouvi-lo combatendo o descaso dos governos para com o magistério no Brasil. Como não houvesse mais nada a tratar, o Prof. Carlos Alberto do Oliveira deu por encerrada a sessão. E para constar, lavrei a presente ata que vai assinada pelo Presidente e por mim, Segundo Secretário.-

Leodegário A. de Amarante Filho/ Manoel P. Ribeiro

# MEMÓRIA

## SÍLVIO ELIA: RETRATO E

### BIBLIOGRAFIA<sup>1</sup>

HILMA RANAURO (UFF E ABRAFIL)

*As recompensas podem não ter sido proporcionais e, às vezes, mesmo decepcionantes. Resta, porém, a satisfação íntima de se procurar manter fiel à missão elegida.*

*Sílvio Elia*

Sílvio Elia elegeu o magistério e o exerceu e exercitou em vários níveis, em vários e variados cargos e funções. Lecionou no Instituto de Educação (RJ), no Colégio Pedro II, em que estudara, na FAHUPE, UFF, UPRJ, PUC/RJ, Universidade de Brasília, dentre outras instituições de ensino de 2.º e 3.º Graus (Graduação e Pós-Graduação); Filólogo, latinista, linguista, participou de inúmeros congressos, nacionais e internacionais (Alemanha, Itália, Espanha, França, Portugal); lecionou, por dois anos, nas Universidades de Lisboa e de Coimbra, participou, incontáveis vezes, de Bancas Examinadoras, de concursos de provas e títulos, de defesa de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência, muitas vezes como presidente dessas Bancas. Inúmeras foram as dissertações de Mestrado e teses de Doutorado por ele orientadas. Era constantemente convidado a dar pareceres sobre instituições de ensino, projetos de pesquisa e publicações (CNPq, FAPERJ, CAPES...). Em Memorial, datado de 09/08/1980, por ele apresentado para o concurso para Professor-Titular de Língua Portuguesa da UFRJ, lê-se: “Até hoje, em minha vida que se ‘vai alongando (quosque tandem?)’, não tenho sido outra coisa senão professor”.

Inúmeras foram as ocasiões em que veio a manifestar seu desencanto e indignação com referência ao descaso e desrespeito com que os professores eram tratados no Brasil. Ao falar-me da maneira pela qual veio a passar à condição de estatutário, pela UFF, e, como tal, aposentado compulsoriamente, ironizou: “A justiça tardou e falhou”. Em texto com que buscou homenagear-me quando da publicação de *Contribuição à Historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil* - Sílvio Elia e João Ribeiro (1997), vem a dizer que nós, os professores de Letras, somos “oficiantes de uma religião

---

1- Este estudo primoroso da biógrafa de Sílvio Elia, HILMA PEREIRA RANAURO, continua por mais 15 páginas e pode ser lido na Revista Confluência n.ºs 17/18, de 1999, por quem deseja fazer uma pesquisa séria sobre um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa.

leiga”, afirmando que, “ao embarcarmos na nau do magistério, já sabíamos que não iríamos chegar aos postos de opulência, da ânsia de mandar, dos privilégios e aplausos massificados” e que o nosso legado seria imaterial, a ser “repartido entre os que viriam almejar os mesmos horizontes, aos quais oferecemos os nossos ombros para que possam ver mais longe e melhor. *A gloria mundi* não é nosso objetivo senão a sementeira em solo fértil” (RANAURO, 1997, p. 69).

## SÍLVIO ELIA E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL

A tradição propriamente científica em relação aos estudos linguísticos no Brasil, com exceção de alguns precursores, se iniciou com Manuel Said Ali, João Ribeiro, Maximino Maciel e prosseguiu com Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Augusto Magne. À terceira geração de estudiosos pertenceu Sílvio Elia juntamente com Ernesto Faria, Mattoso Camara Jr., Serafim da Silva Neto, Teodoro Maurer Jr., Celso Cunha, dentre outros. Essas gerações se fizeram contemporâneas em muitos momentos, em situações diversas de tal desempenho acadêmico, em congressos, seminários, publicações.

Sílvio Elia afirmava não haver tradição quanto aos estudos linguísticos no Brasil, por não haver “raízes nossas”, posto que esses estudos sempre foram e são tributários da cultura estrangeira. “Absorve-se nem sempre bem, quase sempre precipitadamente, para demonstrar vanguardismo de ideias”, afirmou. As “ideias” são de autores estrangeiros, as fontes são sempre do exterior, e muitas vezes mal digeridas, sem que se busque contextualizá-las, adequá-las, confrontá-las com o já feito ou em processo de realização, pesquisa e aplicação. Predomina entre nós, no mais das vezes, diante das novidades (às vezes não tão novas assim), “uma atitude de autossuficiência diante de tudo o mais”, temos de reconhecer, com ele concordando.

As diretrizes dos estudos de Sílvio Elia, como ele mesmo afirmou em Memorial, foi sempre a constante humanística, na busca de nunca separar a ciência da linguagem da realidade humana, e, em nosso caso, da realidade brasileira principalmente a da língua portuguesa do Brasil. (RANAURO, 1997, P. 15). Era constante a ênfase que imprimia à afirmação da língua como realização do espírito humano na história, sujeito às conjunturas históricas (substrato, adstrato etc.): a língua, enquanto língua, em seu caráter coletivo, fruto da vocação de uma comunidade, a criar padrões de mediação cultural. Situava o fenômeno linguístico entre a *cultura* e a *natureza humana*. Para ele, “enquanto poder de criação, em seu momento absoluto, linguagem e poesia se identificam” (RANAURO, 1997, p.76).

## FORMAÇÃO

As primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras nas Universidades Brasileiras foram criadas na década de 30. Foram elas as primeiras instituições de nível universitário destinadas aos estudos de humanidades. Até então, o principal centro de estudo de humanidades no Brasil fora o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Nele, tal como Sílvio Elia, estudaram e vieram a lecionar nossos mais importantes filólogos de gerações passadas.

Para a sua formação humanística, Sílvio Elia afirmava muito dever aos seus professores do Colégio Pedro II, onde concluiu igualmente o 6.º ano, opcional, oferecido somente por aquele colégio, tido como padrão. Quem o concluísse bacharelava-se em ciências e Letras. Até então, as faculdades existentes, criadas no começo do sec. XIX, se dedicavam às carreiras ditas profissionais (Engenharia, Medicina, Direito...), sem espaço para os estudos humanísticos. Sílvio Elia optou por Direito por não haver, à época, cursos superiores em Letras. Foi no Colégio Pedro II que seu interesse pelos estudos linguísticos, literários e filológicos se manifestaram.

Doutorou-se pela Faculdade de Letras da UFRJ em 8/5/1973.

## INFLUÊNCIAS

O idealismo linguístico, na sua forma vossleriana, foi a primeira tendência linguística a ser divulgada na América Latina, onde, como teoria, alargou o campo dos estudos de linguagem, acrescentando à matéria filológica nova área de conhecimentos: a Estilística. Sílvio Elia sempre foi, declarada e assumidamente, um idealista. Sua primeira grande influência, costumava dizer, foi Vossler.

Nos primórdios de sua formação (década de 30), predominava entre nós a cultura francesa: Meillet, Vendryès, Bally, Grammont e, principalmente, Saussure. Era pequena a influência americana, que se fazia quase que exclusivamente através de Bloomfield e Sapir. Os autores alemães chegavam através das traduções espanholas (a princípio da Labor, depois da Gredos).

A influência de Vossler se fez mais marcante que a de qualquer outro estudioso alemão devido não só às traduções espanholas, mas também por suas contribuições em periódicos latino-americanos, Quando Sílvio Elia leu Saussure (Curso de Linguística Geral) já havia tomado contato com a obra de Vossler. “O idealismo de Vossler veio ‘arejar’ a linguística”, costumava dizer lembrando Meillet. Das dicotomias saussurianas logo o impressionou a inicial

entre *langue* e *parole*, por nela identificar a oposição humboldiana entre o produto e o produzir, o *érgon* e a *enérgeia*. Entre a Linguística do *langue* e a Linguística da *parole*, suas preferências sempre penderam para a segunda, que, na linha vossleriana, identificava com a Estilística. “Contudo”, esclareceunos, “não me dediquei aos estudos estilísticos; na verdade, a oposição maior que abracei foi entre Idealismo (identificado como força do intelecto, que dá vida e movimento à linguagem) x Positivismo (o estudo meramente factual das línguas)”. Não mais “os dados”, mas “o criador dos dados”, não mais o exclusivo aspecto descritivo do fenômeno de/da língua, mas o seu aspecto explicativo, interpretativo.

Quando publica *O Problema do Língua Brasileira* (1940), Sílvio Elia situa a divergência entre o português padrão de Portugal e o do Brasil no nível do “estilo”: haveria uma língua comum com estilos diversos. Essa opinião, partilhada, à época, por outros estudiosos, veio a ser por ele revista na 2.<sup>a</sup> edição daquela obra (1961). Não mais estilos diferentes, mas normais diversas, não mais “estilo nacional”, mas “norma brasileira”, não mais a unidade na diversidade, mas a unidade na variedade (variedades diastráticas, diatópicas e diafásicas de Coseriu) Para essa nova interpretação, contribuíra o conhecimento da distinção estabelecida por Eugenio Coseriu, assumidamente sua terceira grande influência, entre *sistema e norma*, a qual veio ampliar a distinção saussuriana entre *langue* e *parole*. “O que distingue as línguas”, afirmou-nos em entrevista, “são as culturas, e a norma é a *parole* realizada historicamente na língua”. No Brasil, não se teria, assim, uma diferença de estilo (caráter criativo), mas de norma (caráter coletivo). Ao falar de Eugenio Coseriu, desabafou esperançoso: “Gostaria que Coseriu fosse mais mentalista”.

Ao reportar-se aos professores que teriam contribuído para seu interesse pelos estudos de língua e literatura, lembrou Nelson Romero, Antenor Nascentes, Clóvis Monteiro e José Oiticica.

## FÉ

Sílvio Elia era católico praticante. Atribuía sua iniciação na prática religiosa à sua mãe. Participou, quando universitário (década de 30), da AUC (Ação Universitária Católica), associação integrada à Coligação Católica Brasileira, presidida por Alceu Amoroso Lima. O Cristianismo sempre se fez marcante em sua vida, com crença e filosofia de vida. Em seu discurso de posse como catedrático de latim, no Colégio Pedro II, em 1964, vem a reportar-se “àquele pequeno e grandioso evento da obscura Galileia”, ressaltando que

“episódios tão modestos em sua origem não podiam produzir a repercussão universal que tiveram se não houvesse a insuflá-los a força irresistível do sobrenatural” (RANAURO, 1997, p.3-5). Lamenta ele, nesse discurso, a perda dos valores cristãos pelo homem moderno, mais precisamente pelo jovem moderno. Fora do Cristianismo, para ele, “com dialética ou sem dialética, o que temos é a economia fechada da natureza, onde nada se cria, tudo se transforma”. Para dar sentido a essa transformação, alega, “somente um abertura para o Alto, um *élan* espiritual, capaz de deixar entrar à larga o sopro que redime e retempera. Isto é, só a força sobrenatural do Espírito”. “Este mundo”, afirma ainda, “não é sede de prazeres, mas caminho de redenção” (RANAURO, 1997, p.39 e 77).

## CRÍTICA DE IDEIAS

**ROMANTISMO/NATURALISMO:** “Se se pode dizer que o Romantismo foi libertário e separatista, o Naturalismo, que lhe sucedeu, foi conservador e unitário. Ao movimento de diástole romântica sucedia a reação de sístole naturalista”.

**ROMANTISMO/MODERNISMO:** O Modernismo, para ele, fora “uma espécie de Segundo Romantismo Brasileiro”, “eivado de nacionalismo”, tornando-se a brasilidade “o *leitmotiv* de muitas obras e discursos”. “Quem viria fazer *pendant* no movimento modernista ao Alencar da fase romântica foi o escritor paulista Mário de Andrade”. “Se o Modernismo não chegou a uma revolução na linguagem, há de se reconhecer que ele muito contribuiu para arejar a nossa forma culta de escrever. Exorcizou o sortilégio dos ‘clássicos’, o que já foi muito”. Com ele, “a língua escrita aproximou-se um pouco mais do tom coloquial da fala brasileira”. “A onda modernista esbateu-se na praia, não, porém, sem deixar vestígios e até marcas indelévels”.

**NATURALISMO/FORMALISMO:** “O Naturalismo do século passado já foi, felizmente, superado, nas para ser substituído por um formalismo que recria o homem à imagem e semelhança de um robô”.

**ESTRUTURALISMO:** Sílvio Elia manteve posição crítica em relação ao estruturalismo, americano ou europeu, apesar de reconhecer “seus inegáveis valores metodológicos”. A filosofia dessa corrente de estudos, dessa escola, linguística é basicamente contrária, ou divergente, da do idealismo/mentalismo porque veio a nortear seus estudos e sua maneira de encarar e estudar o fenômeno linguístico.

**GERATIVISMO:** “O falar em mentalismo”, afirmou-nos em entrevista (1995), “nos aproxima de Chomsky”. E historiou: “Com a ascensão,

no após Guerra Mundial, da Linguística norte-americana, a estrela de Chomsky passou a brilhar, por vezes até ofuscadoramente, nos céus da segunda metade do século”. Os primeiros livros de Chomsky (*Aspecto, Cartesian Linguistics, Language and Mind*) ele os classificou de “poderosos”, ponderando, porém, que o mal do chomskyano era o seu contínuo transformacionalismo, posto que “Chomsky não fazia alterações em sua doutrina por aprofundamento (com base em Maritain), mas vai até a substituição” E acrescentou “Chomsky, contudo, nega ter havido ruptura. Aliás, o que, a princípio, foi apresentado enfaticamente como mentalismo acabou na afirmação de que a mente humana é um organismo como outro qualquer”, concluindo: “Confusões filosóficas que tais me levaram à rejeição decisiva do... do gerativismo”.

**ANÁLISE DO DISCURSO:** Para Sílvio Elia, nada mais se estava fazendo que a Linguística da parole (hoje, discurso) de Saussure, “que o mestre genebrino não teve tempo de fazer” “A análise do discurso é contrária ao estruturalismo”, esclareceu, ponderando que “há sempre um movimento pendular. Outras gerações penderão para a fala”. Para ele, no que se refere ao problema pedagógico em si, a Análise do Discurso “não corrige os vícios que busca corrigir”, pois que “antes da fala, estão o sistema e a norma. Há criação sim, mas dentro de ambos” E advertiu “Infringir a norma é o ‘normal’ (sem trocadilho), porém infringir o sistema é mudar a língua” Quanto aos atos da fala, questionou: “Até que ponto se pode sistematizá-los?” “No vir-a-ser fica mais difícil”, considerou.

**ARETÓRICA:** A “reencontrada retórica”, como a classificou, “busca ser criativa, mas carrega uma contradição em si mesma”, “não está afinada, é um comentário do que já foi feito Essa nova onda não se liberta da lei, das normas, das regras. Buscam colocar regras nos conceitos da conversação, colocar regras no que surgiu para fugir das regras”. “Há vários métodos para o estudo da parole: o retórico, o estilístico, o pragmático (este sim, ligado à realidade)”, acabou por considerar. Após certo silêncio, meio que se cobrando acrescentou: “É preciso escrever sobre isso”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIA, Sílvio. “O Português do Brasil”, in *Lexikon der Romanistischen Linguistik, Herausgegeben von. Günter Floltus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt, Band/Volume VI, 2, Galegisch, Portugiesisch. Max Niemeyr Verlag, Tübingen, 1094. p. 559-575.*

“O Romantismo em face da Filologia”, Conferência pronunciada em 16/04/1956, no Anfiteatro da Faculdade de Filosofia da UFRGS, integrando

a série “Estudos sobre o Romantismo”, promovido pelo Diretório de Letras. Rio de Janeiro, Instituto Estadual do Livro, Divisão da Cultura, Secretaria de Educação e Cultura/Ed. Globo. 1956.

RANAURO, Hilma. “Sílvia Elia e os estudos científicos da linguagem no Brasil - os rudimentos do seu pensamento linguístico”, in Anais do V Congresso de Estudos de Linguagem. *Perspectivas, memórias e atualidades*, realizada de 18 a 20 de outubro de 1995, na UFF. Rio de Janeiro, Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL), UFRJ, 1995. p. 655/663.

\_\_\_\_\_. *Contribuição à Historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil* - Sílvia Elia e João Ribeiro, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/FEUC, 1997. pp. 17-86.

\_\_\_\_\_. “Sílvia Elia e O Problema da Língua Brasileira”, comunicação apresentada no III Encontro Setorial do GT Historiografia da Linguística Brasileira, realizado em 9 de junho de 1998, na Universidade de Campinas. Sessão de comunicações de pesquisas e projetos em desenvolvimento.

Outras Fontes: Entrevistas, correspondências enviadas à autora (1994/1995).

## **DADOS BIOGRÁFICOS**

Sílvia Elia nasceu no dia 4 de julho de 1913, às 20:00 h, numa casa situada na rua Itapiru, no Rio de Janeiro. Filho de Luciano Elia, italiano, e Paulina Pacheco Elia, natural de Alagoas, foi o segundo dos quatro filhos do casal. Casou-se, em 9 de julho de 1938, com Maria José da Fonseca Elia, brasileira, natural do Rio de Janeiro. Tinha 8 filhos, 24 netos e 10 bisnetos. Faleceu nos primeiros minutos do dia 16 de novembro de 1998. Seu enterro ocorreu no mesmo dia, às 17:00 h, no cemitério São Francisco Xavier, no Caju. Estava internado desde o dia 3 de novembro do mesmo ano, quando veio a sentir-se mal em sua residência, no Leme, Rio de Janeiro.

## **PUBLICAÇÕES**

A relação apresentada em RANAURO, Hilma. *Contribuição à historiografia dos Estudos Científicos da Linguagem no Brasil* - Sílvia Elia e João Ribeiro, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, FEUC, 1997, é aqui atualizada e em muito ampliada.

## LIVROS

*O Problema da Língua Brasileira*, prefácio de Nelson Romero, Rio de Janeiro, Pongetti Editores, coleção “Temas Atuais”, 1940. Com esta obra veio a receber o prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, em 1941, na Categoria “Ensaio e Erudição”.

*50 Textos Errados e Corrigidos*, em coautoria com Hamilton Elia, edição financiada por ambos, Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1940. Esta obra, em 1979, ano do falecimento de Hamilton Elia, já com o título de *100 Textos Errados e Corrigidos - como escrever corretamente* (de acordo com a Nomenclatura Gramatical), encontrava-se em sua 26.<sup>a</sup> edição, pela J. Ozon Editor.

*Método de Latim*, 1.<sup>o</sup> vol. para as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries ginasiais, em coautoria com João Pedro de Oliveira e Orlando Carneiro, Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1949.

*Compêndio de Língua e de Literatura . Gramática, Literatura e Antologia*, em coautoria com Jeanete Budin, para o 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> ano das Escolas Normais, Instituto de Educação e Colégios, Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional, 1951.

*Dicionário Gramatical*, parte geral e referente à língua portuguesa (“uma súmula, em ordem alfabética, de conceitos linguístico-gramaticais aplicados à língua portuguesa”, como se lê na apresentação da obra, em sua 3.<sup>a</sup> edição, em 1962), Porto Alegre, Ed. Globo, 1953.

*Compêndio de Língua e de Literatura. Gramática, Literatura e Antologia*, em coautoria com Jeanete Budin, 1.<sup>o</sup> vol., para o 1.<sup>o</sup> ano do Curso Colegial para os candidatos a exame Vestibular às Faculdades de Filosofia, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1953. Esta obra, composta de três volumes, foi publicada, até a 1.<sup>a</sup> edição, em coautoria com Jeanete Budin, que era responsável pelos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> volumes, parte referente à Literatura. O 1.<sup>o</sup> volume, sob a responsabilidade de Sílvio Elia, reportava-se à parte gramatical (fatos da língua).

*Orientações da Linguística Moderna*, Rio de Janeiro, Livr. Acadêmica, 1955.

*O Romantismo em face da Filologia*. Cadernos do Rio Grande, n.º 01, conferência pronunciada em 16/4/1956, na Faculdade de Filosofia da UFRGS, integrando a série “Estudos sobre o Romantismo”, promovidos pela Diretoria de Letras da Divisão de Cultura, Rio Grande do Sul, Livraria & Globo S/A, Instituto Estadual de Livro/ Divisão de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura. 1956.

*O Ensino de Latim*. (Doutrinas e Métodos), Biblioteca de Cultura Pedagógica, Rio de Janeiro, Agir, 1957.

*Nomenclatura Gramatical Brasileira* - exemplos e comentários, em coautoria com Hamilton Elia, 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> edições, aumentadas, Rio de Janeiro, J. Ozon, 1962.

*Dicionário Gramatical*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1962

*Ensaio de Filologia*, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1963. Esta obra, aumentada, vem a ser publicada, com o título de *Ensaio de Filologia e Linguística*, em 1975. (ver 1975).

*Língua e Literatura*, 4.<sup>a</sup> ed., revista e muito aumentada de acordo com a nova ortografia, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.

*Preparação à Linguística Românica*, col. Biblioteca Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.

*Ensaio de Filologia e Linguística*, Rio de Janeiro, Grifo/MEC., 1975.

Augusto Frederico Schmidt. Seleta em prosa e verso. Organização, seleção e notas. Organização, estudos e notas de Sílvio Elia. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

*A Unidade Linguística no Brasil*. Condicionamentos Geoeconômicos, Rio de Janeiro, Padrão, 1979 - Prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1981, na categoria “Estudos Brasileiros”.

*Nomenclatura Gramatical Brasileira* - exemplos e comentários, em coautoria com Hamilton Elia, Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1979. Esta obra foi aprovada pelo MEC para uso em todas as escolas.

*As Poesias de Anchieta em Português*. Estabelecimento do Texto e Apreciação Literária, em coautoria com Leodegário A. de Azevedo. Coleção Antares Universitária, Rio de Janeiro, Editora Antares/ INL/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

*Sociolinguística - Uma Introdução*, Rio de Janeiro, Padrão / EDUFF, 1987. Com esta obra veio a receber o Prêmio “Antenor Nascentes” da Associação Brasileira dos Críticos Literários, Rio de Janeiro, 1988.

*O Português no Mundo*, São Paulo, Ática, Série “Princípios”, 1989.

*El Portugués en Brasil*. História Cultural, Colección Idioma Ibero-Americano, estudo em comemoração aos 500 anos do descobrimento da América, Madrid, Ed. Mapfre, 1992.

*Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, edição post-mortem do autor.

## VERBETES

“Gramática Latina”, in Enciclopédia Delta Larousse, vol. VI, Rio de Janeiro, 1964, “Linguagem”, “Linguística” e outros verbetes, in Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol.12, Lisboa, Ed. Verbo,1971.

# LEMBRANDO BRAGA MARTINS

ANTÔNIO NUNES MALVEIRA (ABRAFIL E COL. PEDRO II)

O Professor José Braga Martins nasceu em Fortaleza, Ceará, em 12 de setembro de 1927, filho de Alfredo Martins de Oliveira e Maria Braga Martins. Veio para o Rio de Janeiro ainda criança, em companhia da família, pois seu pai, sendo músico, procurou a capital da República, onde a cultura musical era mais evoluída e o mercado de trabalho mais alentador. Em casa, todos tocavam, um dom familiar.

Desde criança mostrou tendências religiosas, daí sua ida para o Caraças em companhia do irmão que, no quinto ano, deixou a batina, porém ele permaneceu, por mais tempo, chegando a estudar Teologia no Seminário de Petrópolis.

Quem já passou pelo Seminário sabe que na Teologia se decide e se consolida a vocação sacerdotal; uma vez que, ali, à luz dos estudos filoteológicos, o seminarista forma seu espírito crítico, reflete, pensa na imensa responsabilidade de ser Padre; fase em que muitos desistem, certamente, o que ocorreu com nosso amigo Braga Martins.

Saindo do Seminário, veio para o Rio de Janeiro e foi trabalhar no “Correio da Manhã”, como revisor, levado por seu irmão que era funcionário do jornal. Destacando-se como bom conhecedor da língua, manteve no “Correio da Manhã” uma seção *Coisas de Português*, sob o pseudônimo de Jotabê, artigos que ele tencionava transformar em livro. Aqui, logo se tornou conhecido pelos intelectuais da área linguística, aproximando-se dos ilustres mestres como: Souza da Silveira, Antenor Nascente, Bechara, Chaves de Melo, Ismael Coutinho, Artur Torres, Celso Cunha, Rocha Lima e outros.

Entrara para a Rádio MEC através de concurso público, onde foi produtor do programa *Coisas de Linguagem*. Como bom intelectual, dedicado aos estudos clássicos, procurou sempre aprofundar-se nos segredos da cultura greco-latina.

Fez um brilhante curso de Letras Clássicas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Guanabara. Projetou-se como revisor da *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getúlio Vargas e da Editora Nova Fronteira que sempre o requisitava para revisões de obras de alto valor cultural.

Logo que deixou o Seminário, lecionou com eficiência no Colégio Nossa Senhora das Graças, na cidade de Campina Verde, em Minas Gerais, onde deixou muitos amigos.

No Rio de Janeiro, ensinou Língua Portuguesa nos seguintes estabelecimentos: Santo Inácio, Regina Coeli, Escola Naval, Faculdade Veiga de Almeida (Latim), na Fahupe e, além do mais, deu vários cursos da Cades, por intermédio do MEC. Submeteu-se ao concurso do DASP para técnica em assuntos culturais do MEC, conquistando o primeiro lugar, em Língua Portuguesa, tendo como professor, o grande helenista, o mestre Almeida Cousin, tradutor de Píndaro.

Ainda não satisfeito com seu sucesso, inscreveu-se no concurso para Professor de Latim do Colégio Pedro II, colocando-se entre os primeiros aprovados. Aliás, sua grande paixão era o velho Colégio Imperial, pois, ali, ele participou de Bancas Examinadoras de Grego e Latim, matérias que ele dominava com facilidade. Ele andava de ônibus, de maneira geral, com um livro de latim quase sempre escrito no original. Dificilmente ele ia ao dicionário, quando se tratava de uma tradução latina. Também possuía vastos conhecimentos de língua grega. Não é, portanto, exagero dizer-se que ele era latinista e helenista.

Como profissional, fez diversas traduções do Latim, uma delas, uma preciosidade, foi a aula magna de Santa Rita Durão, pronunciada por ocasião da abertura dos cursos na Universidade de Coimbra, século XVIII, mais de vinte páginas. No Pedro, II sempre foi considerado por sua probidade e capacidade de trabalho. Foi assessor cultural do Professor Walter Cardoso Maranhão, quando este dirigiu os destinos do Colégio Pedro II, no Engenho Novo. E prestou-lhe contribuição na área musical, pois o Professor Braga Martins, além do seu amor ao Latim e ao Grego, era musicólogo.

Tinha uma excelente voz que muitas vezes emocionou a alma dos fiéis em missas solenes. E, por isso, e por seu amor à Igreja Católica, eram frequentes os convites que lhe faziam os vigários nos grandes momentos litúrgicos. E não foram poucas as vezes que organizou coros e dirigiu orquestras nas igrejas do Rio de Janeiro - era maestro.

Quando se achava sozinho, no silêncio de seu apartamento, na Rua Barão de Ipanema, 143/705, ele ouvia seus discos, mormente, o cantochão cujos acordes lhe enchiam a alma de vibrações litúrgicas. Vivia mergulhado na cultura humanística, tanto que deixou publicado um pequeno livro: *Migalhas de Língua Latina e de Educação Musical*.

Apassionado como era pelas canções líricas e musicais, pedia a Deus que nunca o privasse da voz. Mas a terrível doença que lhe corroeu paulatinamente o organismo, uma diabete implacável, sem piedade arrancou-lhe o direito de cantar. Para ele deve ter sido doloroso, ver-se proibido pelo destino de interpretar uma partitura musical. Tudo, porém, suportou com

resignação, uma grande virtude que poucos têm, a graça divina de pô-la em prática, nos longos sofrimentos.

O período entre a vida e a morte foi extenso, quase um ano em que sua inteligência especulativa deve ter esquadrihado os segredos da eternidade. Ele sabia que a estrada da vida que ele havia percorrido, ora com flores, ora com espinhos, já se aproximava do fim. Os extremos estavam prestes a se tocar.

Como vimos, sua doença foi longa, e, diariamente, comunicava-me com ele pelo telefone, e percebia que sua saúde estava se consumindo. Como bom católico, antes de adormecer, lia sempre uma passagem do Evangelho de São Mateus, e, além do mais, era um grande devoto de Nossa Senhora. Em sua biblioteca, doada ao Colégio Pedro II, encontramos várias obras de natureza religiosa. Havia ali um excelente acervo cultural.

Talvez, durante sua longa enfermidade, ele tenha refletido na sua colheita intelectual, nos momentos de pesquisa filosófica. O Professor Braga possuía uma excelsa virtude, pois nunca o vi queixar-se de seu destino. Sempre que eu o visitava em companhia do Professor Maranhão, nosso amigo, ex-diretor do Colégio Pedro II, saíamos deprimidos, tristes, mais taciturnos do que falantes.

Dolorosa visita, mas é um dever cristão abraçar os doentes, levar-lhes ânimo, consolação nas horas difíceis, participar de suas aflições, deixando-lhes sempre na despedida temporária um sinal de esperança. E aquele que se diz cristão, por comodidade, ou por egoísmo, que não trilha esse caminho, foge completamente à mensagem evangélica. Nós aqui somos hóspedes, viajantes, peregrinos, que um dia chegaremos ao porto do nosso destino, por isso nossas atitudes em face dos nossos irmãos sofridos deve ser de solidariedade.

Nada mais confortável, do que uma palavra amável no momento em que o coração chora sozinho, no momento em que o doente, preso ao leito de dor, com o olhar cansado, fatigado, e, muitas vezes, analisando seu passado, sente que o tempo fugiu e nada deixou, nem sequer um adeus. Aqui, num momento de ânimo, um gesto de carinho, um sorriso solidário, tudo isto tem valor de eternidade.

Como membro do Circulo Linguístico, sempre participou ativamente dos debates de natureza etimológica, uma vez que seus conhecimentos gregolatinos abriam-lhe o caminho, facilitando-lhe peneirar nos segredos de tais estudos. Ali, ele exercia a função de tesoureiro da Instituição, escolhido em votação secreta pelos colegas, mas a moléstia arrancou-lhe o cargo e o afastou das reuniões costumeiras. Eu e o Professor Maranhão, de vez em quando, íamos ao seu encontro, não por dever social apenas, mas por um ato do cunho

evangélico ‘visitai os enfermos’.

A última vez que o visitamos foi a oito do janeiro deste ano, data de seu falecimento Lembro-me de que o dia estava ensolarado, e as pessoas somam na rua, umas em busca da praia, outras passeando lentamente pelas calçadas, enquanto eu e o Professor Maranhão íamos cumprir um doloroso dever, logo não havia razões para sorrisos. Encontramos o nosso amigo privado da voz, da audição e da visão, esperando o chamado de Deus

Não permanecemos por muito tempo a seu lado, pois, àquela altura as emoções nos dominavam. Na hora da despedida, ele nos fitou com olhos semicerrados e nos esboçou um sorriso que tinha tudo de eternidade. Não existia mais a visão física, mas ele nos viu com a alma que já devia estar mergulhada no êxtase divino. Ao final da tarde, faleceu. Terminara seu calvário, porém nos deixou a saudade.

# ENTREVISTA COM O PROF. SÍLVIO ELIA

CASTELAR DE CARVALHO (UFRJ E ABRAFIL)

Com base nas obras do saudoso mestre Sílvio Elia, montamos a entrevista abaixo.

**1) Toda língua de cultura tem a sua norma culta, entendida como a variante linguística de maior prestígio sociocultural em uma comunidade. Atualmente, entretanto, existem autores que questionam a importância da norma culta e do seu ensino nas escolas e faculdades. Qual a sua opinião sobre o assunto?**

“As línguas de cultura tornam-se a língua padrão de uma comunidade nacional. Reconhecida como tal pelo Estado, é a que se ensina nas escolas, a que se ouve no púlpito, nas cátedras, na tribuna parlamentar ou judiciária, a que comparece nas obras científicas e didáticas, nos editoriais da grande imprensa, a que se usa, enfim, em todas as atividades superiores do espírito.

A norma culta não é obra de especialistas, fabricada em gabinetes. Ela se constitui através dos tempos, graças à profícua atividade das pessoas cultas, em gerações sucessivas. Aos poucos, o seu uso vai sendo codificado em regras, expostas nas gramáticas do idioma, organizadas por quem há de ter competência no ofício. Ela pré-existe e não pós-existe à análise e investigações dos doutos. Seria impensável que tivéssemos de esperar pela decisão dos especialistas, para saber que norma culta teríamos de usar”. (A língua portuguesa no mundo. SP: Ática, 1989, pp. 20-21).

**2) Falemos um pouco sobre a história externa do português do Brasil. Como o Sr. define a chamada língua geral?**

“A língua geral não é um pidgin, nem mesmo uma língua franca, de que o pidgin é espécie. Não surgiu de um contato de emergência para fins práticos de comunicação, do qual a língua do civilizado sai mutilada e simplificada. Ao contrário, surgiu de um esforço de aperfeiçoamento, de codificação, aos hábitos europeus. Propomos, assim, uma distinção: à língua realmente falada pelos indígenas do litoral denominaremos falares tupis; à

língua disciplinada pelos jesuítas e usada para fins de catequese, a qual chegou até a ser escrita, o que permitiu ao prof. Mattoso Câmara Jr. falar em “filologia tupi”, chamaremos então língua geral”. (A unidade linguística do Brasil. RJ: Padrão, 1979. pp. 182-183).

**3) E o que o Sr. tem a nos dizer sobre a influência africana, tão importante na cultura brasileira, para a formação do português do Brasil?**

“Existe um tipo de falar crioulo que consiste na deturpação e simplificação de uma língua-base, quando falada por aloglotas de estágio cultural inferior (ao dos padrões ocidentais, naturalmente). E foi esse tipo de falar que constituiu no Brasil Colonial, particularmente nas regiões (em geral agrícolas) onde o contato do negro com o branco foi mais intenso. (...). Não se pode, portanto, afastar de plano toda e qualquer influência afro-índia no português do Brasil. Na entoação, na pronúncia, nesta ou naquela particularidade sintática, no léxico evidentemente. Nada, porém, na Morfologia e nada de essencial na Sintaxe”. (Idem, pp. 234; 246).

**4) A Estilística estuda os aspectos expressivos e criativos da linguagem, fazendo a ponte entre a gramática e a literatura. Entre as duas correntes principais que fundamentam o estudo dessa disciplina (a descritiva de Bally, que prioriza a langue e a idealista de Vossler, que enfatiza a parole), como o Sr. se situa?**

“Se a opção se impusesse, ficaríamos com Vossler, sem hesitar. Mas cremos que, sem deformar nenhuma das duas posições, é possível conciliar positivismo e idealismo. Em verdade, a ciência da linguagem admite os dois enfoques, o estilístico e o linguístico, fato que ambos aqueles mestres reconheceram. O que se faz necessário é não suprimir nenhum desses termos”. (Orientações da linguística moderna. 2. ed. RJ: Ao Livro Técnico, 1978. p. 64).

**5) Como o Sr. define o termo “estilo”?**

“Estilo significa o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua”. (Idem, p. 76).

**6) O Sr. costuma citar Machado de Assis em suas obras, ressaltando sua importância como o maior escritor brasileiro. Por exemplo, em seu livro *Língua e literatura* (4. ed. SP: Ed. Nacional, 1971, p. 165-166), o mestre nos brinda com um primoroso estudo estilístico de um excerto do conto "O enfermeiro", do livro *Várias histórias*, cuja leitura recomendamos aos nossos leitores. Poderia reproduzir para nós esse seu estudo a respeito do estilo do Bruxo do Cosme Velho?**

"O pequeno trecho é bem expressivo das qualidades artísticas do romancista Machado de Assis: a agudeza psicológica, o senso de "humour", a nobreza e simplicidade de linguagem. Em breves linhas, faz-se admirável retrato da alma de um assassino acidental: o medo ("tremiam-me as pernas"), a esperteza ("amortalhei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope"), o remorso ("Caim, que fizeste de teu irmão?"), a ansiedade ("Tudo me dava impaciências"). A nota de humorismo está na exclamação final de "uma pessoa".

Além da naturalidade da descrição da cena (nada de palavras difíceis, nem de frases complicadas), note-se a concisão de linguagem. Machado de Assis diz o essencial para caracterizar quer o interior da personagem, quer o exterior do ambiente".

# NOTICIÁRIO

## A ABRAFIL NAS UNIVERSIDADES

A Academia Brasileira de Filologia, neste primeiro semestre de 2013, visitou duas universidades. Em 18.4.2013, Antônio Martins de Araújo, Manoel P. Ribeiro, Luiz César Saraiva Feijó e Claudio Cezar Henriques foram recebidos pelo acadêmico Deonísio da Silva na Universidade Estácio de Sá, campus da Barra da Tijuca, com a presença de cerca de 100 alunos.

O Prof. Feijó fez uma apreciação de suas pesquisas sobre a linguagem dos esportes, tema sobre o qual editou vários livros. A seguir, o Prof. Manoel P. Ribeiro discutiu as principais modificações ocorridas com a reforma ortográfica. O Mestre Claudio proferiu palestra sobre seu mais recente livro: *Dicionário de apelidos dos escritores da Literatura Brasileira*.

Houve exposição do Prof. Martins sobre a obra de Aluísio de Azevedo, escritor maranhense em evidência pelo centenário de sua morte.

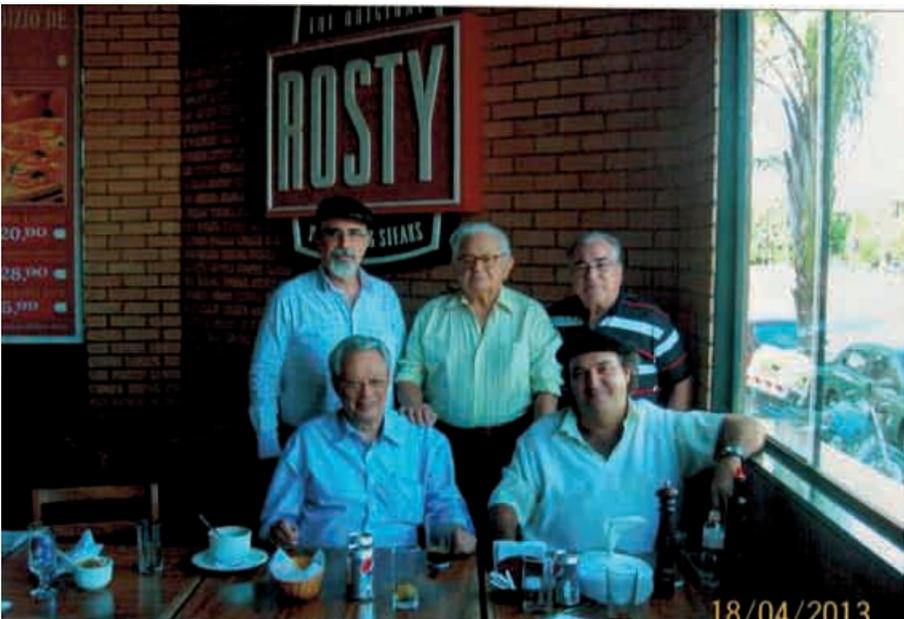
O Prof. Deonísio da Silva realçou a importância da ABRAFIL de que faz parte na cadeira 33, cujo patrono é Eduardo Carlos Pereira.

O público dirigiu várias perguntas aos palestrantes. Após as palestras, foi gravado um vídeo com a participação dos professores Martins, Claudio e Manoel. O programa foi exibido várias vezes no canal 11 pela UTV, o canal universitário.

Abaixo, um flagrante da mesa, com os professores Luiz César, Antônio Martins, Manoel e Claudio Cezar. Após os dois eventos, os professores da ABRAFIL, juntamente com o mestre Wander Lourenço da Estácio, participaram de um almoço.



À mesa, os professores Luiz César Saraiva Feijó, Antônio Martins de Araújo, Manoel P. Ribeiro e Claudio Cezar Henriques.



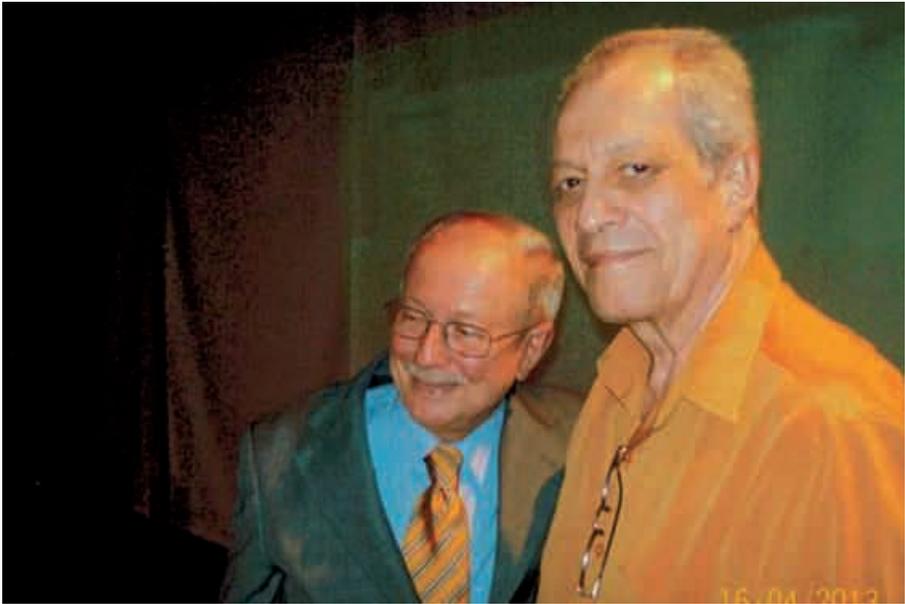
Professores Claudio Cezar, Antônio Martins, Luiz C. Saraiva Feijó, Manoel P. Ribeiro e Wander Lourenço (da Estácio de Sá).

## PALESTRAS NO IBGE E NA ABL

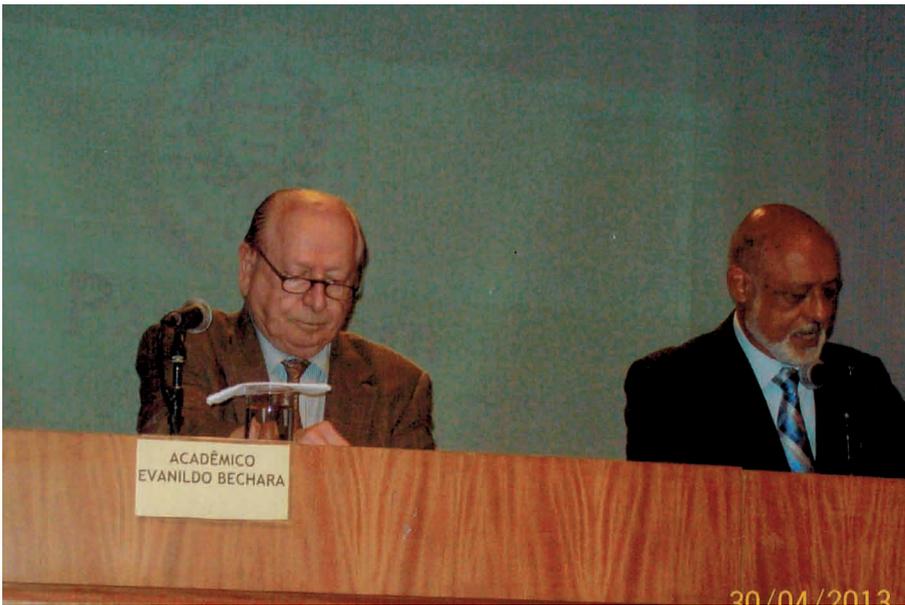
Antônio Martins de Araújo, Manoel P. Ribeiro e Amós C. da Silva estiveram, em abril deste ano, no IBGE e na ABL, onde assistiram a palestras dos acadêmicos Domício Proença Filho, Carlos Eduardo Falcão Uchôa e Evanildo Bechara. Abaixo, flagrantes dos palestrantes e convidados.



**Professores Uchôa e Manoel. Ao fundo, o Mestre Domício Proença Filho.**



**Professores Uchôa e Amós.**



**Professores Evanildo Bechara e Domicio Proença Filho, em palestra na ABL em 30.4.2013.**



Na ABL, os professores Edila Vianna, Bechara, Amós, Cavaliere e Eduardo Tuffani.

## PALESTRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Em 23.5.2013, das 9,00 h às 12,00 h, a ABRAFIL esteve na UFF, no auditório Ismael de Lima Coutinho, onde palestrou o acadêmico Mauro de Salles Villar sobre o tema *Para quem se faz um dicionário*. A seguir, o Prof. Evanildo Bechara dissertou sobre o tema *Para quem se faz uma gramática*. Houve um interesse incomum dos alunos presentes que fizeram várias perguntas aos dois acadêmicos. Compareceram ao evento os professores Antônio Martins de Araújo, Manoel P. Ribeiro, Edila Vianna da Silva, Fernando Ozório Rodrigues, Marina Machado Rodrigues e Terezinha Maria da Fonseca Passos Bittencourt. O Prof. Ricardo Stavola Cavaliere coordenou os trabalhos.



À mesa, o Presidente da ABRAFIL, Prof. Antônio Martins de Araújo, o lexicógrafo Mauro de Salles Villar, o Prof. Ricardo Cavaliere, coordenador dos trabalhos, o Prof. Evanildo Bechara, Presidente de Honra de nossa Academia, e a Prof.<sup>a</sup> Edila Vianna da Silva.



Em 23.5.2013, alunos da UFF assistem às palestras de Mauro de Salles Villar e Evanildo Bechara. Em primeiro plano, o acadêmico Fernando Ozório Rodrigues.

## ESTUDOS DE LÍNGUA E LITERATURA II

Em 17, 18 e 19.7.2013, das 14,00 às 18,00 h, a ABRAFIL realizará um evento que contará com a presença de oito acadêmicos e dois convidados especiais. O professor Evanildo Bechara irá proferir a palestra inicial.

## HOMENAGENS A SÍLVIO ELIA PELO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO

Em 4.7.2013, no Liceu Literário Português, realizou-se uma solenidade de homenagem a Sílvio Elia, pelo centenário de seu nascimento. Como vimos nesta revista, vários oradores participaram, com grande emoção, desse evento. A ABRAFIL reverencia, neste número, o excepcional filólogo e linguista.



Sílvio Elia, em 12.9.1998, pronuncia um discurso de agradecimento pela homenagem que lhe prestou a



Em 12.9.1998, Silvio Elia e Manoel P. Ribeiro, na homenagem especial da ABRAFIL ao expoente da Filologia e da Linguística.



Em congresso da ABRAFIL, Silvío Elia, Luiz César Saraiva Feijó e Antônio José Chediak.



O Mestre Silvio Elia ministra palestra na ABRAFIL.



Em congresso internacional na UERJ, Sílvio Elia ao lado de Herculano de Carvalho e Óscar Lopes.



O Acadêmico Castelar de Carvalho, ex-assistente de Linguística de Sílvio Elia, coloca o capelo da ABRAFIL no ilustre Mestre.



Professores Sílvio Elia, Evanildo Bechara, Paulo Silva Araújo e Manoel P. Ribeiro em evento na ABRAFIL.



Professores Leodegário A. de Azevedo Filho, Evanildo Bechara, Sílvio Elia e Carlos Alberto Short Nunes.



Evanildo Bechara, Sílvio Elia, Antônio José Chediak e Eneida Bomfim.



Sílvio Elia e Carlos Alberto Short Nunes.